

Do Discurso e dos Projectos de Habitação Social de Vítor Figueiredo nas Décadas de 60 a 80 do Século XX

Dissertação de natureza científica em Arquitectura

Pedro Alexandre Namorado dos Santos Borges n.º 4827

Orientação Científica: Professor Doutor Nuno Miguel Gomes Arenga Da Cruz Reis

Júri:

Presidente: Professor Doutor Filipe Alexandre Duarte González Migães de Campos

Vogal: Professor Doutor Francisco José de Almeida dos Santos e Agostinho

Orientador: Professor Doutor Nuno Miguel Gomes Arenga Da Cruz Reis

Esta dissertação foi especialmente elaborada
para a obtenção do grau de mestre

Documento definitivo

Dezembro 2019

Resumo

Vítor Figueiredo (1929-2004), foi um Arquitecto Português com um percurso intenso durante a segunda metade do século XX, mas relativamente oculto no panorama arquitectónico nacional até aos dias de hoje. Deixou uma vasta obra construída e não construída, dedicada à habitação social, equipamentos de ensino escolar universitário, bem como equipamentos culturais, desportivos, religiosos e de serviços.

Esta dissertação faz uma leitura da obra de habitação social, o primeiro grande momento da sua prática profissional, desde o início da década de 60 até ao início da década de 80 do século XX. A leitura é feita a partir do seu discurso, incluindo o CODA, e as conversas de carácter público registadas a partir da década de 90 do século XX, relacionando-o com a obra de habitação social da qual as peças escritas, como as memórias descritivas, são parte integrante.

Assumindo que a obra de Vítor Figueiredo só pode ser explicada e justificada pela concepção que tem do Mundo, desenvolvida ao longo da vida, importa construir uma narrativa a partir do discurso e da obra, de forma a contribuir para um entendimento biográfico e cronológico das suas concepções sobre o Mundo e a forma como são vertidas na obra de habitação social e nas obras posteriores.

Abstract

Vítor Figueiredo (1929-2004), was a Portuguese architect with an intense journey during the second half of the twentieth century, but relatively hidden in the national architectural panorama to this day. He left a vast work built and unbuilt, dedicated to social housing, university school equipment, as well as cultural, sports, religious and service equipment.

This dissertation makes a reading of the social housing work, the first great moment of his professional practice, from the beginning of the 60 's until the beginning of the 80' s of the twentieth century. The reading is made from his speech, including CODA, and the public conversations recorded from the 90s of the twentieth century, relating it to the social housing work of which written pieces, such as memories descriptive, are an integral part.

Assuming that Vítor Figueiredo's work can only be explained and justified by his own conception of the World, developed throughout his life, it is important to construct a narrative from his discourse and work, in order to contribute to a biographical and chronological understanding of their conceptions about the World and the way they are poured into the social housing work and the subsequent works.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Nuno Arenga, que me conferiu a confiança e liberdade necessárias para atravessar, de uma forma autónoma, o Mundo complexo de Vítor Figueiredo, *sem me deixar perder pelo caminho*. Esta dissertação não teria sido possível sem a sua sábia orientação.

À pessoa que não tarda, ao Francisco e à Vanessa pela paciência

À Manuela e ao Moisés pelo apoio

À Dulce pela força

Ao João Paulo por acreditar

Ao Pedro pela compreensão

À minha avó Catarina, que me conta histórias

Índice Geral

Resumo	i
Agradecimentos	iii
Índice Geral.....	iv
Índice de Figuras.....	vi
Lista de abreviaturas e acrónimos.....	viii
Introdução	9
Tema.....	9
Motivação.....	12
Estado da arte	13
Do discurso.....	14
Das Obras	19
Metodologia.....	20
Estrutura da dissertação.....	23
Nota biográfica.....	25
Primeiros Anos 1929-1946	31
A família.....	32
A casa.....	33
O cinema	33
O mar	34
Formação Académica 1947-1959.....	37
O vai-e-vem entre Lisboa e Porto	38
A descoberta	39
O Professor Carlos Ramos	43
O Café Majestic.....	44
Os cineclubes	45
As primeiras colaborações	47
O CODA e o “critério de experiência”	50
Habitação Social 1960 - 1979	57
Criar raízes em Lisboa.....	57
Habitação Social.....	59

Organismos	60
Nós e os outros	67
O Sr. Formigo e o Dr. Vítor Nogueira	69
A Miquelina, O Hitler e a África do Sul.....	74
Das suas casas para as casas dos outros	76
Simplicidade e Qualidade	79
Compartimentos	80
Entrada	83
Circuito	86
Acontecimentos	88
Acessos	91
Zona de trabalho.....	93
As Obras	99
Olivais, 1960	99
Benavente, 1962	116
Santo Estevão, 1963	121
Peniche, 1968.....	126
Chelas, 1973	131
Zambujal, 1974.....	139
Considerações Finais sobre o discurso e obra	149
Referências Bibliográficas	155

Índice de Figuras

1. Imagem do filme Citizen Kane de Orson Welles, 1941	51
2. Planta do atelier de Vítor Figueiredo,	77
3. Vista da Rua da Escola Politécnica para o edifício do atelier de Vítor Figueiredo	77
4. Fotografia do Conjunto Urbano dos Olivais Célula C	101
5. Projecto: Planta de localização	101
6. Forma do espaço urbano	101
7. Projecto: Planta do piso tipo (edifício de 4 pisos)	103
8. Forma do espaço edificado	103
9. Projecto: lotes 41 a 45 Alçado Principal (edifício de 4 pisos)	103
10. Projecto: lotes 41 a 45 Alçado Posterior (edifício de 4 pisos)	103
11. Projecto: Planta de dois fogos ligados por patins (T3) (edifício de 4 pisos)	105
12. Forma do espaço das células de habitação (edifício de 4 pisos)	105
13. Caracterização do espaço urbano. Máscara sobre desenho. Projecto: Planta da entrada, cortes transversais e pormenores do beirado e da estrutura (edifício de 4 pisos) Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 00070	107
14. Fotografia do edifício de 4 pisos	107
15. Fotografia do edifício de 4 pisos	107
16. Fotografia de bairro Le Havre, Paris	107
17. Corte Construtivo Axonométrico do bairro Le Havre, Paris Auguste Perret	107
18. Projecto: lote 29 Planta do piso tipo (edifício de 7 pisos)	110
19. Forma do espaço edificado	110
20. Projecto: lote 29 Planta do fogo T3B, pormenor do fogo T2 (edifício de 7 pisos)	112
21. Forma do espaço da célula de habitação	112
22. Projecto: lote 29 Pormenor do nó de acesso vertical de articulação dos corpos (edifício de 7 pisos)	114
23. Fotografia do edifício de 7 pisos	114
24. Fotografia do edifício de 7 pisos	114
25. Planta do piso tipo de edifício de habitação em Milão do programa italiano INA Casa ..	114
26. Fotografia do edifício de habitação em Milão do programa italiano INA Casa	114
27. Fotografia do interior de quarteirão	116
28. Projecto: Planta de localização	116
29. Projecto: Vistas dos conjuntos	118
30. Fotografia da rua	118
31. Fotografia da passagem entre a rua e o interior de quarteirão	118
32. Projecto: Habitação T3/5, planta	120
33. Forma do espaço da célula de habitação	120
34. Projecto: Planta de urbanização	122
35. Forma do espaço urbano	122
36. Projecto: Planta do fogo T3B	124
37. Espaço da célula de habitação	124

38. Fotografia da rua	125
39. Fotografia da ligação entre ruas.....	125
40. Projecto: Planta de trabalho e perfis	127
41. Fotografia do espaço urbano	127
42. Projecto: Planta tipo	129
43. Espaço da célula de habitação	129
44. Projecto: Categoria I, vista anterior	130
45. Fotografia dos acessos verticais e passagens urbanas.....	130
46. Projecto: Planta de implantação	132
47. Fotografia	132
48. Projecto: Lote 249, planta piso 3	134
49. Espaço edificado	134
50. Fotografia sobre o espaço de entrada	134
51. Fotografia do espaço de acesso vertical	134
52. Fotografia do espaço edificado	134
53. Projecto: Lote 249, troço B – T3A, planta piso 9	136
54. Forma do espaço da célula de habitação	136
55. Esquício do espaço de entrada na galeria, esquina de edifício e bandas horizontais do edifício/galeria.....	138
56. Esquício da sucessão de espaços de entrada e sua interligação.....	138
57. Programa Base: Fundo Fomento da Habitação, Alto do Zambujal, Orgânica do Conjunto Urbano.	139
58. Concurso: Esquício do conjunto no deserto (urbano)	141
59. Projecto: Fotografia da maqueta do conjunto	141
60. Projecto: Implantação.....	144
61. Forma do espaço urbano.....	144
62. Fotografia do conjunto	145
63. Fotografia do interior de quarteirão	145
64. Fotografia da relação entre a rua e o interior de quarteirão	145
65. Fotografia do interior de quarteirão	145
66. Elementos do projecto 62.75: Edifícios em banda, (T3-T4), 3-4-5 pisos	147
67. Concurso: Esquício das entradas para o interior de quarteirão a partir da rua	147
68. Projecto: Fogo T3C.....	148
69. Forma do espaço da célula habitacional.....	148

Lista de abreviaturas e acrónimos

CODA - Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto

GTH – Gabinete Técnico da Habitação da Câmara Municipal de Lisboa

IRHU/SIPA – Arquivo do Sistema de Informação para o Património Architectónico do Instituto de Reabilitação e Habitação Urbana

FCP-HE – Habitações Económicas da Federação de Caixas de Previdência

FFH – Fundo de Fomento da Habitação

Introdução

Tema

Vítor Figueiredo (1929-2004), foi um Arquitecto Português com um percurso intenso durante a segunda metade do século XX, mas relativamente oculto no panorama arquitectónico nacional até aos dias de hoje. Deixou uma vasta obra construída e não construída, dedicada à habitação social, equipamentos de ensino escolar universitário, bem como equipamentos culturais, desportivos, religiosos e de serviços.

Apesar de Vítor Figueiredo se considerar avesso a teorias, coloca-se a hipótese de ter assumido uma forma singular de pensar e estar na arquitectura, que hoje possa ter o valor de informar e estimular a posição de outros autores, sem, no entanto, poder vir a constituir uma teoria.

O objectivo deste estudo é contribuir para a discussão sobre a relação entre a prática e discurso na disciplina de arquitectura como objectivo geral, sendo o objectivo específico contribuir para o alargamento do conhecimento sobre o discurso e a obra de Vítor Figueiredo.

Argumenta-se que a arquitectura de Vítor Figueiredo espelha a visão que tem do Mundo, com a consciência que, “a arquitectura condiciona o mundo, mas ela não é o mundo, é óbvio”.¹ As visões que desenvolve não se esgotam na realidade ou nas necessidades emergentes do seu tempo, assumindo antes um ponto de vista filosófico mais amplo sobre o Mundo, a partir da qual constrói o discurso e a obra:

¹ Entrevista a Vítor Figueiredo. In Alarcão, P. (1997). *Trabalho de Síntese. A Materialização do Espaço Interior*. Prova de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica em Arquitectura - Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Sabemos só que o homem é uma totalidade dinâmica imersa em outras totalidades dinâmicas. Só a uma e a outras temos de atender e às relações entre todas existentes – no seu passado, no seu presente e no futuro que nos cabe a nós construir; no seu devir em suma.

Daí o requerer-se para uma arquitectura válida uma concepção do mundo que necessariamente a terá de explicar e justificar: ²

Segundo Vítor Figueiredo a arquitectura é validada enquanto construção de uma concepção do Mundo, reforçando inequivocamente o carácter pessoal da sua posição afirmando que: “devemos verter na nossa prática aquilo que somos, disso não tenho dúvidas”³, esclarecendo ainda que: “não lhe posso descrever um Mundo simples, porque o meu Mundo não é simples”.⁴

Para explicar e justificar a origem da arquitectura que projecta usa o discurso ao longo da vida, que tem como primeiro documento escrito e considerado fundador, o seu Concurso para Obtenção do Diploma de Arquitecto (CODA) em 1959. A partir do CODA desenvolve o discurso em conjunto com a obra, como se de um único elemento apenas se tratasse. O discurso foi sendo construído e partilhado ao longo do tempo de uma forma restrita, apenas acessível aos seus colegas e amigos pertencentes ao círculo mais íntimo e profissional.

Foi na fase final da vida, entre 1991 e 2003, que partilhou publicamente o seu conhecimento da forma que mais gostava, conversando. Foi a conversar que apresentou a uma autobiografia em torno da arquitectura, como uma sucessão de relações entre as diferentes dimensões, entre o percurso de vida e a obra onde revela algumas das dimensões que constituem a concepção que tem do Mundo.

² Figueiredo, V. (1959). *Habitação em S. João do Estoril*. Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto (CODA) – Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Acedido em: 30 de Março de 2019 em: <https://hdl.handle.net/10405/48143>

³ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

⁴ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Milheiro, A. V. (1999). “Não sou um apaixonado por arquitectura”. Público, 21 de Janeiro, pp. 24-25.

A história oral é a forma ancestral de uma prática social para passagem de conhecimento, acessível a todos que a queiram ouvir.⁵ Vítor Figueiredo é um contador de histórias, com uma palavra fácil e um domínio da linguagem oral que lhe permite passar as ideias facilmente através de um discurso *intrigante*⁶, tão fragmentado e complexo como o seu Mundo.

Esta dissertação faz uma leitura da obra de habitação social, o primeiro grande momento da sua prática profissional, desde o início da década de 60 até ao início da década de 80 do século XX. A leitura é feita a partir do seu discurso, incluindo o CODA, e as conversas de carácter público registadas a partir da década de 90 do século XX, relacionando-o com a obra de habitação social da qual as peças escritas, como as memórias descritivas, são parte integrante.

O estímulo fundamental desta dissertação considera-se que é composto por três trabalhos anteriores:

O primeiro publicado no livro “Vítor Figueiredo: Fragmentos de um Discurso”, da autoria do Professor Doutor Nuno Arenga, que orienta também esta revisão, que como o próprio nome indica organiza os fragmentos do discurso de Vítor Figueiredo segundo grandes temas.

O segundo trabalho já estimulado pelo primeiro foi publicado no livro “Vítor Figueiredo. Projectos e obras de habitação social 1960-1979”, pelo candidato em co-autoria com a Arquitecta Vanda Maldonado, apresentando uma monografia das obras de habitação social, onde se incluem as memórias descritivas, acompanhada de quatro artigos críticos.

⁵ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Alarcão, P. (1997). *Trabalho de Síntese. A Materialização do Espaço Interior*. Prova de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica em Arquitectura - Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

⁶ Byrne, G. (2012). *Um discurso intrigante*. In: Arenga, N. (ed.). *Vítor Figueiredo: fragmentos de um discurso*. 1ª edição, Circo de Ideias. Porto.

O terceiro, a entrevista a Vítor Figueiredo por Luísa Sá Marques, parte integrante da sua Dissertação de Mestrado, onde Vítor Figueiredo direcciona o discurso para a obra de habitação social, resultado das perguntas formuladas.

Esta nova leitura procura relacionar o conteúdo dos três trabalhos enunciados, conferindo-lhe um outro formato de organização, com o objectivo de ampliar e clarificar os estudos realizados, agora em particular, no âmbito das relações com o que terá sido a posição de Vítor Figueiredo nos projectos de habitação social que desenvolveu.

Assumindo que a obra de Vítor Figueiredo só pode ser explicada e justificada pela concepção que tem do Mundo, desenvolvida ao longo da vida, importa construir uma narrativa a partir do discurso e da obra, de forma a contribuir para um entendimento biográfico e cronológico das concepções sobre o Mundo e a forma como são vertidas na obra de habitação social e nas obras posteriores.

Motivação

O interesse por este tema surgiu no primeiro momento do primeiro dia da aula de Projecto I na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa⁷. Com os alunos sentados em meia-lua à volta de José Neves, é lançada a pergunta: “Que livro é que estão a ler?”; não sei o que respondi, mas lembro-me o que pensei: “A Universidade é isto? Venho aqui falar do que estou a ler?”. Durante o decorrer do ano lectivo sentava-se junto de cada um dos alunos e pedia: “Então conte-me lá a sua história!”: lembro-me vagamente das histórias que contava, mas o que ficou foi a sensação de alguém estar disposto a ouvir a história que eu tinha para contar sobre o meu projecto. Uma única vez aconselhou: “Critiquem tudo!”. Na última aula disse: “Tenham um Verão intenso!”. Este início marcou-me, sem conseguir explicar bem porquê, perdurou em mim.

⁷ Actual Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.

Anos mais tarde, encontrei um livro, com o título “Vítor Figueiredo: Fragmentos de um Discurso” sobre os temas principais abordados no discurso do Arquitecto Vítor Figueiredo, coordenado por um antigo colaborador seu, Professor na Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa e orientador desta dissertação, o Arquitecto Nuno Arenga. O livro com o nome de Vítor Figueiredo e as suas obras continham em si algo de familiar com as ideias transmitidas nos primeiros anos de formação e com as obras que tinha visitado, acompanhado pelas palavras de Jorge Spencer e Nuno Arenga, durante o segundo ano da Faculdade, a Escola Superior de Artes e Design das Caladas da Rainha e o Complexo Pedagógico Científico e Tecnológico da Universidade de Aveiro.

Durante o meu período profissional, depois da Faculdade, os temas debatidos nas aulas, as visitas a Vítor Figueiredo, continuaram a fazer eco, como algo subjacente a todos os trabalhos que levei a cabo na academia e profissionalmente. Neste momento esta dissertação surge da necessidade de marcar um ponto de situação sobre os temas de arquitectura que me têm vindo a acompanhar.

Estado da arte

A perspectiva de que o conhecimento e investigação sobre Vítor Figueiredo partilham ainda de uma extraordinária escassez, torna-se um incentivo ao desejo de pesquisa, contributo e relação com o que se encontra já enunciado, conferindo a esta proposta um carácter inédito, original e pertinente. Desta forma e de modo a perseguir os objectivos descritos apresenta-se o estado do conhecimento organizado em duas partes, a primeira sobre o discurso, e a segunda sobre as obras.

Do discurso

Em 2012 foi publicado o livro, “Vítor Figueiredo: Fragmentos de um Discurso”, coordenado por Nuno Arenga. O livro foi organizado por temas, tendo como base a transcrição e cruzamento de várias fontes documentais como entrevistas, conferências e artigos. Este livro constitui uma das referências de maior importância para o estudo do discurso e pensamento do arquitecto, com textos de Vasco Lobo, “O Unicórnio no Jardim”, Manuel Vicente, “Vítor Figueiredo: Arquitecto”⁸ Duarte Cabral de Mello, “Vítor Figueiredo”⁹, Gonçalo Byrne, “Um discurso Intrigante”¹⁰ e Jorge Spencer, “Arquitectura e o Modo”¹¹.

Esta publicação constitui uma base referencial para a pesquisa e identificação de pessoas com quem se relacionou, e por outro das fontes documentais primárias em que se baseou, tais como:

A entrevista a Vítor Figueiredo realizada por Ricardo Zúquete, “Cinco Dedos. Entrevista com Vítor Figueiredo”, um registo áudio que se inclui na sua tese de Doutoramento, “Ensaios sobre Habitação Social, Portugal 1950/80, uma análise dialógica”, para a Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona da Universidade da Catalunha em 2000. Esta entrevista informa-nos sobre a reflexão de Vítor Figueiredo sobre as obras de habitação social, especialmente focada nos conjuntos de Lisboa nos Olivais Sul e Chelas, no âmbito do programa habitacional promovido pelo Gabinete Técnico de Habitação das Câmara Municipal de Lisboa. Nesta entrevista exploram-se também as relações sobre estas obras de habitação com as obras mais recentes das novas instalações de ensino Universitário do Pólo da Mitra para a Universidade de Évora e a Escola Superior de Artes e Design (ESAD) nas Caldas da Rainha para o Instituto Politécnico de Leiria.

⁸ Anteriormente publicado in: Pinto, J. F. (1994). *Percursos de Carreira*. Conselho Directivo Regional Sul da Associação Arquitectos Portugueses. Lisboa.

⁹ *Ibidem*

¹⁰ *Ibidem*

¹¹ *Ibidem*

A comunicação da conferência de Vítor Figueiredo na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa em 1996 (registo audiovisual) está inserida num ciclo de conferências promovido pelos alunos da mesma instituição. Nesta conferência são apresentadas obras, como a Capela de Albergaria dos Fusos para a Câmara Municipal de Cuba (Beja), a ESAD e o Pólo da Mitra, com uma conversa final entre os alunos e Vítor Figueiredo. A partir, especialmente da conversa, temos acesso às premissas que pautam a sua atividade profissional, com reflexões sobre o papel do arquitecto e da arquitectura na relação com a construção da visão sobre mundo. A entrevista realizada por Pedro Alarcão a Vítor Figueiredo, como parte integrante da Prova de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica que apresenta na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto em 1997, “A materialização do espaço interior”, informa-nos da posição de Vítor Figueiredo em relação à sua concepção de espaço em geral e a relação que estabelece com a materialidade, incluindo descrições sobre esta relação nas obras de habitação social e na ESAD.

A entrevista de Rogério Gonçalves e David Sousa Santos a Vítor Figueiredo para os “Documentos de arquitectura” n.º 2, editado no Verão de 1999, constrói uma visão panorâmica retrospectiva sobre a biografia de Vítor Figueiredo relacionados com os vários momentos da sua vida profissional: Desde a entrada na Escola de Arquitectura e a relação com a Escola, os primeiros trabalhos como a Habitação em São João do Estoril, os conjuntos de habitação social, como Olivais Sul, “5 dedos” em Chelas, Peniche, Benavente e Alto do Zambujal, passando pela agência do Lumiar da Caixa Geral de Depósitos e os balneários para a Associação Desportiva de Oeiras (ADO), até às últimas obras de edifícios para ensino Universitário, tecendo considerações gerais sobre concursos de arquitectura, e terminando com reflexões sobre o ensino da arquitectura.

O artigo e entrevista a Vítor Figueiredo no âmbito da atribuição do Prémio SECIL, por Ana Vaz Milheiro para o Público no dia 21 de Janeiro de 1999 sob o título, “Não sou um apaixonado por Arquitectura, fala-nos da relação que estabelece com a arquitectura em geral com a comparação entre a obra da ESAD e o Pólo da Mitra.

O artigo sobre Vítor Figueiredo escrito por João Miguel Figueiredo Silva, contendo excertos de uma entrevista a Vítor Figueiredo pelo mesmo autor, publicado na Arquitectura & Construção, n. º6 de Abril de 1999, sob o título “Todos os Riscos”, complementa informação biográfica, e acrescenta posições do arquitecto sobre a habitação social e a sua relação com o prémio de arquitectura que recebeu, o Prémio SECIL.

A comunicação que faz na conferência organizada na Faculdade de Arquitectura da Universidade Lusíada em 2000, sob o tema “Tradição e Modernidade”, apresenta várias obras construídas e não construídas, como as duas Moradias geminadas em Vale do Lobo no Algarve, os balneários da ADO, a filial da Caixa Geral de Depósitos em Beja, a ESAD, o Complexo Pedagógico Científico e Tecnológico da Universidade de Aveiro e as novas instalações do Pólo da Mitra. No final da comunicação há lugar a uma conversa onde lança o tema sobre a dificuldade que existe em questionar, verificando a dificuldade de diálogo com a plateia. A conversa informa-nos sobre a sua visão do mundo e relação com a arquitectura, enquanto cidadão antes de ser arquitecto.

A entrevista a Manuel Graça Dias, “O choro dos arquitectos”, para o Jornal dos Arquitectos n.º 199 de Janeiro/Fevereiro de 2001 Vítor Figueiredo define a sua posição na diferença entre o discurso de arquitectura feita em privado ou em público. Considera que o discurso público de arquitectura deve conter em si a capacidade de estimular o outro através da reunião em contraponto a um discurso de lamento sobre o estado da arquitectura ou das suas obras em relação aos seus pares, que acontece, mas que poderá ser feita mais em privado.

A entrevista à revista Arq.a, por Renata Amaral e Vítor Neves, de Setembro/ Outubro de 2001, informa-nos sobre o papel das referências a partir do seu percurso na relação com o processo de elaboração de um projecto de arquitectura. São dados exemplos a partir de obras concretas, como a Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha, a Caixa Geral de Depósitos do Lumiar, as novas instalações do Pólo Universitário da Mitra em Évora. No final reflete ainda sobre o papel do ensino da disciplina de arquitectura.

Os excertos da conferência “Traços de Cidade” na Câmara Municipal das Caldas da Rainha, publicados no jornal online, Oeste Online, não foram encontrados. Porém, foi encontrado um artigo na Gazeta das Caldas de 1 de Novembro de 2002, com alguns excertos da conferência, com considerações sobre o processo de obra da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha e sobre o papel da arquitectura em geral.

A entrevista à revista NU n.º 13 de Outubro de 2003, por Joana Alves e Luís Gomes expõe as considerações de Vítor Figueiredo em relação ao estado actual do ensino de arquitectura, o balanço pessoal como professor, as referências da Escola Superior de Belas Artes do Porto, a relação entre o arquitecto e cliente no processo de trabalho dos projectos de habitação social, a relação que estabelece com os programas de arquitectura, a relação que estabelece com a Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha e o facto de ter ganho o prémio SECIL, e a forma como vê a arquitectura e o seu papel.

Das referências constantes do livro, “Vítor Figueiredo: Fragmentos de um Discurso”, foram ainda considerados para esta dissertação as seguintes fontes primárias:

A memória descritiva e restantes elementos que fazem parte do CODA, Concurso para Obtenção do Diploma de Arquitecto, apresentado por Vítor Figueiredo na Escola Superior de Belas Artes do Porto. O CODA é sobre o projecto e obra da Habitação em S. João do Estoril, que marca o início do discurso enquanto arquitecto refletindo sobre as preocupações que o acompanham para os projectos de habitação social.

Para além das referências identificadas na publicação foram ainda incluídas as fontes primárias que se consideram parte integrante do discurso seguintes:

Uma nota de autor sobre a Igreja de Albergaria dos Fusos da autoria de Vítor Figueiredo e Jorge Cruz Pinto publicado na revista *Architecti* n.º 11/12 do trimestre de Outubro, Novembro e Dezembro, de 1991. Esta nota de autor é a memória descritiva da Igreja de Albergaria dos Fusos, sendo considerado o primeiro documento do seu discurso público.

Três entrevistas a Vítor Figueiredo realizadas por Manuel Graça Dias para os programas transmitidos pela RTP, *Magazine de Arquitectura e Decoração* de 1993 sob o tema da habitação social, e *Ver Artes* de 1995 sobre a Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha e de 1996 sobre as novas instalações do Pólo da Mitra;

Uma entrevista a Vítor Figueiredo no âmbito de uma Dissertação de Mestrado da Universidade de Coimbra de Luísa Marques com o título *Habitação de Standard Mínimo* de 1999. Este é um dos mais importantes documentos considerados nesta dissertação, uma vez que contém a visão das várias dimensões com que Vítor Figueiredo aborda os projectos de habitação social: a construção de uma visão do mundo, o percurso pessoal e profissional, as referências de arquitectura e um resumo das várias soluções que desenvolveu nas várias escalas interrelacionadas entre si, o fogo, os acessos e o desenho urbano.

De destacar também os artigos assinados por Duarte Cabral de Mello, quem mais escreveu e refletiu sobre Vítor Figueiredo:

A revista “*L’Architecture d’Aujourd’hui*”, em 1976, sobre “Vítor Figueiredo – La misère du superflu”, apresenta uma reflexão sobre as ideias presentes nos projectos de habitação social.

A monografia editada sobre a Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha, em 1998, no seguimento do prémio SECIL, reflete sobre arquitectura social e a postura de Vítor Figueiredo no desenvolvimento da actividade profissional.

O n.º 135 da revista *Arquitectura*, em parte dedicada à obra do Arquitecto, Duarte Cabral de Mello organiza uma listagem cronológica das obras e projectos de Vítor Figueiredo até à data de edição da revista, 1979, com um texto onde relaciona a arquitectura de Vítor Figueiredo com a *Arquitectura Chã*, proposta por George Kubler.

Das Obras

No ano de 2015, o candidato publicou a primeira monografia sobre o Arquitecto em co-autoria com Vanda Maldonado, intitulada “Vítor Figueiredo. Projectos e obras de habitação social 1960-1979”, com artigos críticos do candidato, de Vanda Maldonado, de Paulo Tormenta Pinto e de Jorge Spencer. A fonte documental principal, de acesso às fontes primárias, foi o acervo do Arquitecto que se encontra na biblioteca e arquivo do Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana (SIPA/IHRU), tendo como base de referência a monografia da revista *Arquitectura* n.º 135, organizada por Duarte Cabral de Mello.

Uma comunicação apresentada pelo candidato no 4º Congresso Internacional de Habitação no Espaço Lusófono, em 2017, sobre “Vítor Figueiredo: A Construção do Processo. Conjuntos de habitação social entre 1960 e 1979”. Este artigo foca-se na análise a cinco dos projectos de habitação social. Esta comunicação consta da publicação do respectivo congresso.

No mesmo congresso, uma comunicação de Vanda Maldonado apresenta um artigo intitulado “O Espaço Doméstico Para Além da Sala de Estar. Lições para a contemporaneidade da intervenção de Vítor Figueiredo nos Olivais Sul” focado na análise do fogo do projecto para os Olivais Sul.

De salientar ainda os livros editados pelo Instituto de Reabilitação e Habitação Urbana (IRHU), onde se apresentam alguns elementos relativos a projectos de habitação social de Vítor Figueiredo e ao seu enquadramento nas políticas públicas e nos organismos estatais de promoção de habitação:

Em 2013, o livro “Habitação Para o Maior Número. Portugal, os Anos de 1950-1980”, coordenado por Nuno Portas, reúne artigos da autoria de diversos investigadores sobre habitação social.

Em 2016, o livro “Habitação: 100 Anos de Políticas Públicas em Portugal, 1918-2018”, coordenado por Ricardo Agarez, reúne o resultado de um projecto com o mesmo nome realizado por várias equipas de investigação e dezenas de investigadores das áreas das ciências sociais, história, urbanismo, planeamento territorial e arquitectura.

Metodologia

Neste subcapítulo apresenta-se a metodologia adoptada para estudar o discurso e os projectos de habitação social de Vítor Figueiredo. Este período é delimitado pelo conjunto de documentos encontrados que constituem o discurso e os projectos de habitação social. O estudo insere-se nas pesquisas que têm vindo a ser efectuadas pelo candidato no decorrer do seu percurso académico e profissional.

A pesquisa exploratória mostrou a existência de um conhecimento já concentrado, sendo a temática do discurso de Vítor Figueiredo, abordada no livro “Vítor Figueiredo: Fragmentos de um Discurso”, através de uma edição do seu discurso mais directo com as referências bibliográficas utilizadas. A temática da habitação social foi reunida em livro pelo candidato em co-autoria com Vanda Maldonado, intitulada “Vítor Figueiredo. Projectos e obras de habitação social 1960-1979”, como resultado preliminar da investigação das fontes primárias a partir do espólio de Vítor Figueiredo. Nesse sentido considerou-se que seria fundamental para o objectivo desta dissertação fazer o estudo do discurso e dos projectos de habitação social a partir das fontes documentais primárias. Considera-se que para haver mais do que uma leitura sobre o mesmo objecto, esta deve partir da origem.

Nestas circunstâncias, tornou-se necessário construir uma metodologia que se desenvolveu em três fases distintas através de um cruzamento do levantamento bibliográfico, localização das fontes primárias e estudo dos documentos encontrados.

Numa primeira fase elaborou-se um levantamento das referências bibliográficas com base no livro “Vítor Figueiredo: Fragmentos de um Discurso”, coordenado pelo orientador desta dissertação, o Professor Doutor Nuno Arenga.

Numa segunda fase procedeu-se à pesquisa e identificação em bibliotecas, arquivos físicos e digitais das fontes primárias do discurso e dos projectos de habitação social. Do discurso: a Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, a Mediateca Lisboa da rede de Bibliotecas da Universidade Lusíada de Lisboa, o Arquivo do Gabinete Multimédia do Núcleo de Mobilidades e Comunicação da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, a Biblioteca e Serviço de Arquivo Impresso do Núcleo de Apoio à Informação e Conhecimento da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, o Repositório Temático do Arquivo Digital da Universidade do Porto, o Arquivo Audiovisual da RTP, o Arquivo pessoal de Vanda Maldonado, e o Arquivo pessoal de Nuno Arenga. Os documentos encontrados são em formato vídeo, áudio e impresso. Dos projectos de habitação social: o Arquivo do Sistema de Informação para o Património Arquitectónico do Instituto de Reabilitação e Habitação Urbana (IRHU/SIPA). Actualmente o SIPA pertence à Direcção Geral do Património Cultural do Ministério da Cultura. As referências das fontes primárias relativas aos projectos de habitação social remetem para a entidade consultada (IRHU/SIPA).

No decorrer da segunda fase foram incluídas mais referências sobre o mesmo tema que se relacionam e ampliam as já enunciadas, por sugestão do orientador desta dissertação, o Professor Doutor Nuno Arenga, e como resultado das pesquisas efectuadas. Foi também feito o levantamento, identificação e localização das referidas fontes. As novas referências permitem a revelação de factos ainda não considerados até hoje em publicações científicas, conferindo assim um carácter de inovação a esta dissertação. As novas fontes consideradas incluem: uma nota de autor sobre a Igreja de Albergaria dos Fusos da autoria de Vítor Figueiredo e Jorge Cruz Pinto publicado na revista *Architècti* n.º 11/12 do trimestre de Outubro, Novembro e

Dezembro, de 1991; três entrevistas a Vítor Figueiredo realizadas por Manuel Graça Dias para os programas transmitidos pela RTP, *Magazine de Arquitectura e Decoração* de 1993 sob o tema da habitação social, e *Ver Artes* de 1995 sobre a Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha e de 1996 sobre as novas instalações do Pólo da Mitra; Uma entrevista a Vítor Figueiredo no âmbito de uma Dissertação de Mestrado da Universidade de Coimbra de Luísa Marques com o título *Habitação de Standard Mínimo* de 1999.

Na terceira fase foi efectuado o estudo dos documentos encontrados que compreendeu a leitura e transcrição parcial, conferindo o acesso ao conteúdo do discurso e dos projectos de habitação social. Desta forma foi possível sistematizar e organizar os vários temas presentes no discurso relacionados entre si cronologicamente e a cruzados com as notas biográficas do autor. Os projectos de habitação social, foram inseridos no alinhamento cronológico do discurso, cruzando os dados do discurso e dos projectos através de análises gráficas baseadas na análise simultânea do discurso. A escolha dos projectos de habitação social, abordados nesta dissertação, baseia-se nas referências recorrentes recolhidas no discurso, considerando-se as mais demonstrativas da relação entre o discurso e os projectos de habitação social, num total de cinco. O arco temporal do presente estudo corresponde ao período dos projectos de habitação social por ser o foco principal deste estudo. O arco temporal do discurso é mais amplo considerando-se que se inicia em 1959, com o CODA, até 2003, com o último documento encontrado que corresponde uma entrevista para a revista NU n.º 13 de Outubro de 2003.

A articulação das várias fases de pesquisa permitiu reunir um conjunto de dados qualitativos e quantitativos, que informam sobre os vários temas abordados no discurso de Vítor Figueiredo e a relação com as obras. Contribui-se para esclarecer de que forma existe uma relação entre a prática e o discurso de arquitectura, resultado que se apresenta nesta dissertação.

Estrutura da dissertação

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos principais enquadrados pela introdução no início do corpo da dissertação e pela conclusão e referências bibliográficas no final. Os capítulos estão organizados de forma cronológica salientando os grandes períodos que definem o percurso profissional de Vítor Figueiredo com base na leitura do seu discurso. Em cada capítulo são apresentados e sistematizados subcapítulos que identificam os temas que constroem o sistema de referências de cada período. O objectivo é fazer uma leitura narrativa de continuidade temporal ao longo de todo o percurso, de forma entender a origem e desenvolvimento dos vários temas e a relação com os períodos seguintes.

Os dois primeiros capítulos exploram o início das relações com os primeiros temas em torno da arquitectura desde os primeiros anos de vida até ao final da formação académica. No último capítulo explora-se o sistema de relações que estabelece entre as obras de habitação social e o discurso, em continuidade com os capítulos anteriores.

O primeiro capítulo é sobre a *os primeiros anos* de Vítor Figueiredo, entre 1929 e 1946, o período inicial da vida passada na Figueira da Foz até à ida para o Porto. Neste capítulo reúnem-se as perspectivas sobre as primeiras referências e memórias que Vítor Figueiredo reconhece e relaciona com a disciplina de arquitectura. Neste período apresenta-se o enquadramento familiar, a história de como vai estudar arquitectura, a memória da casa onde vivia e o início da relação que estabelece com o cinema e com o mar.

No segundo capítulo é apresentada a história da *formação académica*, que corresponde ao período desde 1947 a 1959. Neste período salienta-se a perspectiva que tem do seu percurso académico durante a Escola de Belas Artes do Porto. Este percurso caracteriza-se pelos movimentos sucessivos de *vai e vem* entre as cidades do Porto e de Lisboa. Neste período são destacadas também as descobertas de referências de arquitectura para além das mais presentes nas Escolas de Lisboa e do Porto e dos acontecimentos políticos e sociais marcantes na época, a relação que estabelece com o Professor Carlos Ramos, o papel dos encontros no Café Majestic e nos cineclubes, as primeiras colaborações profissionais, e a apresentação do CODA

com as primeiras reflexões escritas sobre o processo de trabalho em arquitectura. O último subcapítulo foca-se no início da actividade profissional, como um período de transição, marcado pela vinda definitiva do Porto para Lisboa e pela passagem em ateliers que vão ser a base de fundação para o percurso profissional independente, que desenvolve posteriormente.

O quarto capítulo é dedicado aos conjuntos de habitação social, que corresponde ao primeiro grande momento de desenvolvimento da sua obra, no período entre 1960 e 1979. Neste capítulo identificam-se os organismos e programas para onde desenvolveu projectos, as raízes do discurso a partir das reflexões sobre os trabalhos iniciais de habitação social e os seus futuros habitantes, a abordagem que faz aos programas de arquitectura, os objectivos e as referências. Cada subcapítulo é dedicado à análise de um projecto de habitação social, procurando-se mostrar a relação de encadeamento que Vítor Figueiredo identifica entre os vários projectos de habitação como um conjunto único.

É no conjunto desta análise que se tecem as considerações finais sobre a relação entre o discurso e a prática de arquitectura para a verificação do argumento de que o discurso se relaciona directamente a partir das reflexões sobre o conjunto alargado dos projectos como a apresentação de uma obra narrativa una, apesar de Vítor Figueiredo considerar cada projecto como uma história diferente. O paradoxo aparente das várias facetas que se encontram, quando se analisa em conjunto a obra e o discurso, tem a capacidade de se tornar intrigante e de abrir pistas para futuro desenvolvimentos académicos e profissionais, resultando no que ambicionava, que perdure e que continue a ter algum mistério.¹²

¹² Esta expressão é usada por Vítor Figueiredo quando se refere ao projecto do Pólo da Mitra.

Nota biográfica

Vítor Figueiredo nasce na Figueira da Foz a 17 de Outubro de 1929. Em 1947 ingressa no Curso Especial de Arquitectura da Escola de Belas Artes do Porto. No primeiro ano do curso colabora com o Arquitecto Mário Bonito e no segundo ano vem para Lisboa para não perder o ano no Porto, onde *chumbou* a Geometria Descritiva sendo obrigatório ficar só com a disciplina. No ano seguinte volta ao Porto e entre 1951 e 1956 colabora com os Engenheiros Jorge Delgado e António dos Santos Soares como desenhador de betão armado para o projecto de estruturas da cúpula do Palácio de Cristal. Conclui o Curso especial de Arquitectura em 1953 e ingressa no Curso Superior de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes do Porto. Em 1959 veio novamente para Lisboa, faltando-lhe ainda a tese, trabalhou com o Arquitecto Leonardo Castro Freire, com quem desenvolveu a Habitação em S. João do Estoril e que apresentou no Porto como a tese do Concurso para Obtenção de Grau de Arquitecto (CODA) em 1959, concluindo o curso com a nota final de 19 valores.

A partir de 1960 estabelece-se definitivamente em Lisboa, onde exerce arquitectura como profissional independente, a partir do atelier situado na Rua da Escola Politécnica, que manteve durante todo o período de desenvolvimento da actividade profissional. No início, já em Lisboa, trabalha em co-autoria com Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas e Vasco Lobo no projecto para o Concurso da Igreja do Sagrado Coração de Jesus em Lisboa, que viria a ser o primeiro prémio. Na fase final do projecto de habitação para os Olivais Sul, que desenvolve em co-autoria com o Arquitecto Vasco Lobo para o Gabinete Técnico da Habitação da Câmara de Lisboa, colabora ainda com os Arquitectos Januário Godinho e João Andresen no projecto para o Palácio da Justiça em Lisboa. Trabalha pontualmente com o Arquitecto Maurício de Vasconcelos que lhe mostrou uma forma apaixonada de fazer arquitectura.¹³

O seu percurso como arquitecto independente conta com o desenvolvimento de inúmeras obras de habitação e de equipamento de que é autor e co-autor com diversos arquitectos, para além

¹³ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Gonçalves, R. e Santos, D. V. (1999). *Entrevista a Vítor Figueiredo. Documentos de Arquitectura*, n.º 2.

dos já enunciados, destacam-se os Arquitectos Eduardo Trigo de Sousa, Luís Noronha da Costa, Jorge Gil, Duarte Cabral de Mello, Luís Faro Viana e Jorge Cruz Pinto, entre outros. Contou ainda com a participação de inúmeros colaboradores que o acompanharam ao longo dos vários projectos desenvolvidos no atelier.

A obra que desenvolve durante a segunda metade do século XX e início do século XXI, resulta essencialmente da resposta à encomenda pública promovida pelo Estado Português central e local, considerando-se pontual a encomenda de carácter privado, circunscrevendo-se ao território nacional continental. No âmbito da encomenda pública o conjunto da obra desenvolvida pode ser dividida em dois grandes momentos, um primeiro dedicado aos programas habitacionais de custos controlados e um segundo ao equipamento escolar universitário, com tectos orçamentais mais elevados. No período entre os dois momentos principais, a encomenda centra-se em agências bancárias, equipamentos desportivos, culturais e religiosos.

Nas décadas de 60 e 70 dedicou-se aos conjuntos de habitação social, para o Gabinete Técnico de Habitação, para as Habitações Económicas da Federação de Caixas de Previdência como arquitecto regional dos Distritos de Santarém, Leiria e Coimbra, e posteriormente para o Fundo Fomento da Habitação. Os projectos de habitação levados a cabo estão inseridos nas políticas públicas de habitação em vigor, procurando responder directamente ao problema da habitação existente em Portugal, não só nos grandes centros urbanos, como Lisboa, mas também no interior do país de carácter mais rural. Das obras realizadas salientam-se, entre outros, os conjuntos habitacionais nos Olivais Sul, Chelas e Alvalade (Cidade de Lisboa), em Peniche, Alcobaça, Mira d'Aire, Castanheira de Pêra e Nazaré (Distrito de Leiria), no Barreiro, Costa da Caparica, Conjuntos da Azeda e da Praça de Portugal em Setúbal (Distrito de Setúbal), Santo Estevão, Benavente, Salvaterra de Magos, Torres Novas, Alcanena, Almonda, Minde e Constância (Distrito de Santarém), no Alto do Zambujal na Amadora (Distrito de Lisboa).¹⁴

¹⁴ Lista de Obras no Anexo I

A par do desenvolvimento das obras de habitação social integra no ano de 1963 os órgãos sociais do Sindicato Nacional dos Arquitectos e recebe o prémio Valmor em 1975 pela obra da Igreja do Sagrado Coração de Jesus que elabora, na fase de concurso, em parceria com Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas e Vasco Lobo, desconhecendo-se o âmbito do seu envolvimento para além desta fase. Desde 1975 a 1985 assume o cargo de Director da revista Domus, propriedade da Cooperativa Habitacional União dos Trabalhadores (CHUT).

No período intermédio, na década de 80, corresponde a uma fase menos intensa na obra, correspondendo a uma escassez de trabalho que atravessa nesta altura no atelier. Apesar deste facto destacam-se as obras para a Caixa Geral de Depósitos com as agências do Lumiar em Lisboa e em Beja, para a Câmara Municipal de Oeiras com os balneários da Associação Desportiva de Oeiras (ADO) e para a Câmara Municipal de Cuba (Distrito de Beja), a Igreja de Albergaria dos Fusos em co-autoria com o Arquitecto Jorge Cruz Pinto.

Para além das obras desenvolvidas este é o período de apresentação e consagração da obra de habitação social. Nesse sentido participa no primeiro ciclo de mostra de projectos de arquitectura no Centro de Arte e Comunicação (ARCO) em 1981, apresenta a obra nos Seminários de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes do Porto em 1982 e participa nos Encontros de Macau, por convite da revista francesa L'Architecture d'Aujourd'Hui em 1983. No ano de 1986 foi-lhe também atribuído o Prémio Nacional da Associação Internacional de Críticos de Arte e Secretaria de Estado da Cultura (AICA/SEC) pelo conjunto de habitação do Alto do Zambujal em co-autoria com os Arquitectos Duarte Cabral de Mello e Jorge Gil. Participa, também no decorrer do mesmo ano na III Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian. No final deste período é-lhe ainda atribuído o prémio dos Programas Habitacionais do Distrito de Setúbal pelo projecto do Bairro da Azeda, em Setúbal.

No segundo momento, a partir de 1990, desenvolve a trilogia de edifícios de ensino superior universitário, que são fruto da participação em concursos públicos, para a Universidade de Évora com as novas instalações do Polo da Mitra, para o Instituto Politécnico de Leiria com a Escola Superior de Artes Decorativas das Caldas da Rainha (ESAD) e para a Universidade de Aveiro com o Complexo Pedagógico Científico e Tecnológico da Universidade de Aveiro.

O ano de 1991 marca o início do segundo grande momento da sua obra que coincide com a fase final da vida e actividade enquanto arquitecto. Esta fase final coincide com uma maior visibilidade pública da obra e do discurso. Em 1991 é-lhe atribuído o 1º Prémio do Concurso para as Novas Instalações do Pólo Universitário da Mitra da Universidade de Évora e no ano seguinte, em 1992, o 1º Prémio do Concurso da Escola Superior de Artes e Design (ESAD) das Caldas da Rainha para o Instituto Politécnico de Leiria. Em 1993 Recebe também o 2º Prémio do Concurso das Instalações da Reitoria da Universidade de Aveiro sendo convidado no seguimento do concurso, a desenvolver o Complexo Pedagógico Científico e Tecnológico da Universidade de Aveiro. O desenvolvimento sequencial dos três edifícios de ensino universitário formam, segundo Vítor Figueiredo, no seu conjunto uma trilogia.

Em simultâneo com o desenvolvimento dos projectos que formam a trilogia, Vítor Figueiredo lecciona, como Professor Convidado, no Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra entre 1995 e 2001. É convidado também, entre 1996 e 2000 a apresentar comunicações na Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, na Faculdade de Arquitectura da Universidade Lusíada de Lisboa, no Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra e, na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Em 1997 participa na Exposição integrada na 49ª Feira do Livro de Frankfurt, na qual Portugal foi país-tema e no ano seguinte, em 1998, na Exposição “Portugal - Arquitectura do Século XX” realizada no Centro Cultural de Belém.

Ainda em 1998 recebe o prémio SECIL de Arquitectura, o maior prémio nacional de Arquitectura, pelo projecto da ESAD nas Caldas da Rainha¹⁵, que contou com o apoio do Arquitecto Eduardo Trigo de Sousa e a colaboração dos Arquitectos Nuno Arenga e Rui Marrafa, e as Arquitectas Teresa Almeida e Isabel Martins. Este prémio coloca-o numa lista restrita de personalidades mais conhecidas do grande público, como Álvaro Siza Vieira, João Luís Carrilho da Graça e Eduardo Souto de Moura, distinguidos nos anos anteriores. Recebe também, em conjunto com Jorge Pinto e Rui Marrafa, a Menção Honrosa do Prémio de

¹⁵ Júri presidido pelo Arquitecto Alcino Soutinho (1930-).

Arquitectura Conde de Oeiras atribuída pela Câmara Municipal de Oeiras, pelo Pavilhão Gimnodesportivo de Miraflores.

Os convites para comunicações sucedem-se ainda no decorrer do ano de 1998, para a apresentação de uma comunicação na RWTH Aschen University na Alemanha e no ano seguinte no âmbito do Curso de Especialização “Projectar no Tempo”, em Barcelona, organização conjunta da Universidade Lusíada e da Escola Tècnica Superior de Arquitectura da Universitat Politècnica de Catallunya.

Já em 2002 preside o júri do Prémio Secil atribuído ao Arquitecto Pedro Maurício Borges com o projecto da Casa Pacheco de Melo, situada na Ilha de S. Miguel, Açores. Participa na Exposição “Desenho nas Cidades, Arquitectura em Portugal 2003”, realizada no âmbito da V Bienal de Arquitectura de São Paulo em 2003 da responsabilidade do Arquitecto Álvaro Siza Vieira, e no ano seguinte na Exposição “Designare nelle Città, Architettura in Portogallo, realizada no âmbito da XX Trienal de Milão, comissariada também pelo Arquitecto Álvaro Siza Vieira.

Entre 2003-2004 continua a leccionar, também como Professor Convidado, mas desta vez no Departamento de Arquitectura da Universidade Autónoma de Lisboa. Morre a 30 de Janeiro em Lisboa. Recebe ainda, a título póstumo, em 2005, uma Menção Honrosa na Categoria de Obra de Qualidade Excepcional 2000-2003, atribuída pela Câmara Municipal de Aveiro, pela obra do Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico da Universidade de Aveiro, bem como a concessão de um Doutoramento “Honoris Causa” pela Universidade Lusíada de Lisboa.

Vítor Figueiredo trabalhou como projectista até ao final da vida, estando a desenvolver um projecto, para o edifício de Medicina Legal da Universidade de Coimbra que foi ganho em concurso, o que tornaria a trilogia de edifícios de ensino universitário numa tetralogia.

Primeiros Anos 1929-1946

Vítor Figueiredo nasce na Figueira da Foz a 17 de Outubro de 1929 onde vive até ir para o Porto em 1946 e mais tarde para Lisboa.

É durante o período inicial da sua vida na Figueira da Foz que constrói as primeiras relações com a arquitectura de uma forma inconsciente, a relação com as casas onde viveu, a relação com o cinema e a relação com os locais que o ligam de volta à origem. Da vida familiar mais íntima refere sobre a mãe *que tinha muito humor* ¹⁶ e que não sendo uma intelectual o aconselhou a manter-se sempre criança, considerando que seguir este conselho lhe deu uma capacidade de entrega que se relaciona directamente com a prática profissional de arquitectura.

¹⁷ Do pai refere a consideração que tece sobre a ideia de casa, uma *sepultura em vida*. ¹⁸

É na memória que encontra as bases de fundação do discurso. Retorna à origem, para ilustrar o significado que reconhece no percurso, na obra e na visão que tem do mundo. A origem é apresentada como um conjunto de circunstâncias que constroem as linhas gerais do discurso, o argumento da sua própria história. Não se refere a si directamente, definindo-se na relação com o outro ou com o que rodeia, ao longo do tempo.

¹⁶ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

¹⁷ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Amaral, R. e Neves V. (2001). Vítor Figueiredo. *Arq.a*, Setembro / Outubro, pp.19-25.

¹⁸ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

A família

A relação com a arquitectura começa na Figueira da Foz, embora não tendo qualquer relação directa inicial com este mundo, esclarecendo que nasceu no seio de uma família sem raízes aristocratas sem qualquer relação com a elite social, cultural ou financeira.¹⁹ Afirmar que não foi para Arquitectura por vocação ou desejo, queria antes ter sido capitão de um navio de pesca de bacalhau. Seduzia-o o mar e a sua preguiça, o facto de se trabalhar três meses e descansar nove, mas como usava óculos e não tinha conhecimentos nesse mundo não conseguiu ir para Escola Naval. Na escola primária e no liceu reconheciam-lhe o *jeito* para o desenho, por isso e como ir para pintura era *fome certa* foi *empurrado* para Arquitectura e *caiu* na Escola de Belas Artes do Porto.²⁰

*Eu sou como aquele senhor que caiu pela escadaria de Fátima e não era penitência, empurraram-no, não é mais que isto.*²¹

Este encadeamento de histórias pretende desmistificar à partida um mundo em torno da Arquitectura feito apenas por histórias de pessoas com ligações familiares à Arquitectura, que pertençam a uma elite, que são especialmente vocacionadas ou que desejam intensamente ser Arquitectos. Nesta história ilustra esse facto descrevendo o conjunto de circunstâncias que o levaram a este mundo da Arquitectura, afirmando-se como um homem comum.

¹⁹ Figueiredo, V. (1959). *Habitação em S. João do Estoril*. Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto (CODA) – Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Acedido em: 30 de Março de 2019 em: <https://hdl.handle.net/10405/48143>

²⁰ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Gonçalves, R. e Santos, D. V. (1999). *Entrevista a Vítor Figueiredo. Documentos de Arquitectura*, n.º 2.

²¹ Figueiredo, V. (2000). Comunicação em Conferência na Faculdade de Arquitectura da Universidade Lusíada de Lisboa.

Eu sou um homem simples, o Eça veio da Póvoa para Lisboa, eu vim da Figueira da Foz para aqui, como dizia o John Ford, sou um homem que faz projectos, não é mais do que isso, quer dizer, percebes, portanto podem fazer as perguntas que quiserem. ²²

A casa

Da relação com as suas casas traça uma retrospectiva geral descrevendo-as como *casas antigas muito simples, mas de grande qualidade* ²³. Invoca a casa onde vivia da Figueira da Foz através da agradável relação que estabelece com a rua, que era cheia de árvores, para ilustrar o que considera ser a matéria de que uma casa é feita, a relação entre o interior e exterior e a memória que se transporta. Adianta ainda que uma casa muito luxuosa, se estiver numa rua inóspita leva-se uma má memória, se for muito pequena, um *buraquinho*, mas se estiver situada na rua da casa da Figueira da Foz, já redime um pouco a pequena dimensão. Esta relação com a arquitectura que desenvolve a partir das próprias memórias é uma das essências que transporta para as histórias que conta sobre a habitação social e restantes obras.

O cinema

Outro dos temas que o acompanha recorrentemente nas histórias que conta é o cinema, invocando ao longo do discurso vários autores. Recorda que o cinema já fazia parte de si ainda na Figueira da Foz com uma invocação do cartaz do filme *O Mundo a seus pés* ²⁴ de Orson

²² Figueiredo, V. (2000). Comunicação em Conferência na Faculdade de Arquitectura da Universidade Lusíada de Lisboa.

²³ Entrevista a Vítor Figueiredo. In Alarcão, P. (1997). *Trabalho de Síntese. A Materialização do Espaço Interior*. Prova de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica em Arquitectura - Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

²⁴ O título original do filme é “Citizen Kane”. É um filme realizado em 1941, considerado a obra prima de Orson Welles, que o realizou aos 25 anos. Foi considerado o melhor filme americano de sempre pelo American Film Institute em 1998 e 2007. Conta-nos a história de um percurso de um menino pobre que se torna uma das pessoas

Welles, que se lembra de reparar ao subir a Rua Cândido dos Reis.²⁵ Este local, pela descrição, corresponde ao edifício do Parque-Cine na Figueira da Foz, que foi demolido no ano de 1987. O aprofundar deste interesse continua no Porto onde constrói novas perspectivas do olhar sobre o cinema e evolui para uma relação de paixão que o acompanha ao longo da vida.

*O cinema terá que exercer a sua influência, a arquitectura não é separada do resto. Mas não como processo consciente, de forma nenhuma.*²⁶

O mar

Outra das referências iniciais é o mar, o facto de ter nascido junto a este e de o poder ver quando se nasce e cresce na Figueira da Foz.²⁷ Invoca esta imagem recorrentemente ao longo do discurso para ilustrar a diferença entre o que considera estimulante e exaltante na vida, transportando esta ideia para a arquitectura. O estímulo é descrito como os momentos passados que perduram na pessoa durante toda a vida, ou por uma grande parte dela. Considera que a maior parte desses momentos são ténues e que acontecem nos primeiros momentos de vida de cada pessoa. A exaltação por sua vez diz respeito a um momento de euforia, como uma festa, muito intenso no momento em que se vive, mas que se esquece, não acrescenta nada à construção pessoal. Neste sentido convida cada pessoa a refletir nos seus próprios momentos estimulantes e produzir uma imagem pessoal, a par da sua, a presença do mar. A partir daqui procura as mesmas características que identifica no seu mar da Figueira da Foz, projectados noutros momentos que vão acontecendo ao longo do percurso, ilustrados pelas paragens na

mais ricas e influentes do mundo. Este percurso é contado através de uma investigação levada a cabo por um jornalista com o objectivo de entender o mistério da última palavra que Charles Foster Kane disse antes de morrer: “Rosebud”. Uma das leituras possíveis deste filme é a ideia de que os momentos importantes que marcam vida de uma pessoa estão nas primeiras memórias.

²⁵ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Amaral, R. e Neves V. (2001). Vítor Figueiredo. *Arq.a*, Setembro / Outubro, pp.19-25.

²⁶ *Ibidem*

²⁷ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

planície, a peregrinação a Sagres, ou subir ao tanque da Herdade na Mitra, encontrando as mesmas características entre si.

*Tenho de facto uma relação profunda e apaixonada com o Alentejo, com a planície, com as casas e com a gente. Estranhamente eu nasci na Figueira da Foz e vivi à beira do mar, até ir para o Porto para ser arquitecto. Do mar já se disse que era grande e profundo como a alma humana. Eu suponho que procuro na planície..., o mar.*²⁸

Explica ainda que a paragem na planície, a peregrinação a Sagres, ou subir ao tanque da Herdade na Mitra, não são feitas de ânimo leve, é necessário estar em *estado de graça*, porque reconhece nessa procura uma violência, que não consegue enfrentar todos os dias. A mesma violência se passa quando faz arquitectura, onde reconhece conscientemente que cada obra pode ser muito violenta, no *bom sentido da palavra*,²⁹ sobre as pessoas a que se destina assim como para as pessoas que a desenvolvem. Este é outro dos temas que retoma ao longo do discurso, violência e arquitectura, ou da incapacidade que o arquitecto tem de prever o impacto que a obra que projecta tem nas pessoas. Este tema insere-se noutro ainda mais alargado onde nos apresenta a visão sobre o papel do arquitecto na arquitectura e na vida das pessoas, que desenvolve ao longo do discurso.

²⁸ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Dias, M. G. (1996). Novas Instalações da Universidade de Évora no Pólo da Mitra. *Ver Artes*. RTP2, 14 de Março. Acedido em: 2 de Março de 2019 em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/novas-instalacoes-da-universidade-de-evora-no-polo-da-mitra/>

²⁹ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

Formação Académica 1947-1959

Em 1946 chega ao Porto, que contrasta com a Figueira da Foz pela abertura e ambiente fervilhante, características que Vítor Figueiredo estava disponível para receber, demonstrando a sua vontade em descobrir o mundo.³⁰ Em 1947 ingressa no Curso Especial de Arquitectura da Escola de Belas Artes do Porto que conclui em 1953 e inscreve-se no Curso Superior de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes do Porto. Em 1959 apresenta o seu trabalho no Concurso para Obtenção de Grau de Arquitecto (CODA), com o qual obteve a classificação final de 19 valores.

*A arquitectura não era o que é hoje, os arquitectos eram bichos esquisitos, com uma divulgação e uma presença na sociedade muito menor ...*³¹

Do período de formação destaca as várias circunstâncias que o definem como um conjunto de relações em torno da Escola do Porto: o percurso feito entre o Porto e Lisboa, a relação que estabelece com a Escola do Porto e Carlos Ramos (1897-1969), o clima académico para dentro e fora da escola de arquitectura, a relação com o enquadramento político social e cultural, as influências de arquitectura nacional e internacional, a relação com o cinema e no final deste capítulo a história que conta acerca do CODA.

³⁰ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Silva, J. M. F. (1999). Todos os Riscos. *Arquitectura e Construção*, n.º 6, Abril. p.110-114

³¹ *Ibidem*

O vai-e-vem entre Lisboa e Porto

O percurso académico é marcado por um movimento de vai-e-vem constante entre a cidade do Porto e a cidade de Lisboa. Depois da conclusão do primeiro ano do curso, *chumba* ³² a Geometria Descritiva na Escola do Porto onde era obrigatório ficar um ano apenas com a disciplina que se tinha em atraso. Decide assim ir para a Escola de Belas Artes de Lisboa, no segundo ano, para evitar perder um ano no Porto. No ano seguinte volta à Escola de Belas Artes do Porto onde continua o percurso académico. Em 1959 vai novamente para Lisboa, faltando-lhe ainda terminar a tese que encerraria o ciclo de estudos académicos. Regressa no mesmo ano ao Porto para a apresentação do CODA com o trabalho realizado em Lisboa, de forma a obter o diploma de arquitecto.

A escola de Arquitectura do Porto que frequenta é descrita pelo ambiente de liberdade e entusiasmo em torno da arquitectura que se vivia. No seu ponto de vista, este ambiente era tornado possível apenas através da figura carismática de Carlos Ramos. Quando entra para a Escola já Carlos Ramos lecionava como professor. ³³ Vítor Figueiredo refere que Carlos Ramos não se distingue por uma acção directa num certo sentido pedagógico, mas pela construção de um enquadramento à sua volta baseado na abertura e liberdade de expressão potenciador de novos desenvolvimentos. Na Escola de Lisboa não reconhece este ambiente em torno da arquitectura.

³² Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Amaral, R. e Neves V. (2001). Vítor Figueiredo. *Arq.a*, Setembro / Outubro, pp.19-25.

³³ Carlos Ramos ingressa como professor de Arquitectura na Escola de Belas Artes do Porto em 1940 e assume o cargo de Director em 1952, função que mantém até 1967. Diplomou-se em Arquitectura na Escola de Belas Artes de Lisboa em 1920, onde foi colega de Cottinelli Temo, Paulino Montez, Cristino da Silva e Pardal Monteiro.

No Porto havia um clima de entusiasmo pela arquitectura, de estar atento aos movimentos de fora. ³⁴

A descoberta

O ambiente de entusiasmo em torno da arquitectura associado a Carlos Ramos, traduzia-se numa atenção permanente ao panorama internacional, que moldava o carácter dinâmico da Escola do Porto através da sucessiva renovação de perspectivas sobre a disciplina de arquitectura. Segundo Vítor Figueiredo a base referencial usada para o ensino da arquitectura moderna, tanto na Escola do Porto como na Escola de Lisboa, era um número da revista *L'Architecture d'Aujourd'hui*, ³⁵ que apresentava a arquitectura que vinha sendo feita no Brasil. ³⁶ Vítor Figueiredo chamava provocatoriamente a esta revista, *a bíblia* ³⁷. Esta expressão contém em si a atitude recorrente de desmistificação do muno da arquitectura através do humor.

O número duplo da revista *L'Architecture d'Aujourd'hui* de Setembro de 1947, consistia na primeira edição de uma revista dedicada apenas à nova arquitectura brasileira, com base na exposição levada a cabo pelo Museum of Modern Art (MoMA) em 1943, intitulada *Brazil builds* ³⁸ e no seu catálogo. ³⁹ Apresentava entre outros temas, uma introdução histórica, obras

³⁴ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Amaral, R. e Neves V. (2001). Vítor Figueiredo. *Arq.a*, Setembro / Outubro, pp.19-25.

³⁵ Refere-se à revista *L'Architecture d'Aujourd'hui*. Brésil. número especial, 13-14, Setembro, 1947

³⁶ Baseada na exposição “Brazil builds” no MoMA entre 13 de Janeiro e 28 de Fevereiro de 1943 e no catálogo Goodwin P., Kidder G. E. (fotografia) (1943). *Brazil builds: architecture new and old 1652-1942*.

³⁷ Entrevista a Vítor Figueiredo. In Amaral, R. e Neves V. (2001). Vítor Figueiredo. *Arq.a*, Setembro / Outubro, pp.19-25.

³⁸ Exposição “Brazil builds” no MoMA entre 13 de Janeiro e 28 de Fevereiro de 1943

³⁹ Goodwin P. L., Kidder G. E. (fotografia) (1943). *Brazil builds: architecture new and old 1652-1942*. Consultado em 20 de Março de 2019 em: https://www.moma.org/documents/moma_catalogue_2304_300061982.pdf

e artigos sobre Oscar Niemeyer (1907-2012), o Aeroporto do Rio de Janeiro, os azulejos, os brise-soleil e as influências de Le Corbusier (1887-1965) ⁴⁰ na arquitectura brasileira.

No entanto, e apesar desta revista sobre arquitectura moderna constituir uma forte referência, Carlos Ramos fazia chegar para além destas outras referências à Escola do Porto. Vítor Figueiredo faz também questão de desmistificar essas outras referências logo à partida, considerando que não eram melhores ou piores, eram simplesmente outras, mas que acrescentavam novas perspectivas, neste caso sobre a arquitectura americana, para além das referências apresentadas na revista *L'Architecture d 'Aujourd'hui*. Essas novas perspectivas agitavam o seu mundo e o contexto onde estava inserido, a Escola e a cidade do Porto.

Quando Vítor Figueiredo responde à pergunta numa entrevista: *Durante o seu período escolar importantes acontecimentos tiveram lugar para a arquitectura portuguesa: o final da 2ª Guerra Mundial, o 1º Congresso Nacional de Arquitectura, o Inquérito à Arquitectura Portuguesa. Qual foi a contribuição deste clima de agitação cultural no seu percurso escolar?*, ⁴¹ esclarece que não esteve envolvido nesses acontecimentos e que considera que não o afectaram directamente. Apesar de não fazer parte desse contexto reconhece que tiveram um impacto na formação e no início da actividade profissional. ⁴² Vítor Figueiredo desenvolve

⁴⁰ Capello, M. B. C. (2006). *Recepção e difusão da arquitetura moderna brasileira nos números especiais das revistas especializadas europeias (1940-1960)*. Acedido em: 22 e Março de 2019 em: http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/000_M20-RecepcaoEDifusaoDaArquitetura-ART_maria_beatriz_cappello.pdf

⁴¹ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

⁴² É a partir do final da 2ª Guerra Mundial que se potenciam os programas de habitação social existentes, como o Programa das Casas Económicas, e se criam novos programas para zonas rurais e piscatórias para além dos existentes nos grandes centros urbanos. Estes programas de habitação directa e indirectamente promovidos e/ou financiados pelo Estado Português, visavam responder ao problema das condições de vida e habitação existentes em todo o território nacional. A resolução deste problema trata-se de um compromisso político assumido perante a comunidade internacional ocidental consciente do problema das condições de vida generalizado no final 2ª Guerra Mundial. O I Congresso Nacional de Arquitectura realizado em 1948 tem como objectivo discutir esse problema junto da comunidade de arquitectos portugueses. O Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa realizado nos anos 50 é um olhar crítico dos arquitectos na procura de alternativas de resposta

projectos de habitação social no início da sua actividade profissional enquadrados em vários programas de resposta aos problemas habitacionais promovidos pelo Estado Português.

Vítor Figueiredo não desvaloriza os grandes acontecimentos que agitavam o mundo da arquitectura na altura, nem recusa o seu impacto, mas não tece mais considerações sobre esse assunto. Prefere salientar o que realmente considerou para si como um grande acontecimento durante o período de formação, a *descoberta*⁴³ do que considerou a quebra na *rotina da arquitectura*⁴⁴ a partir da visão particular da Escola do Porto e de Carlos Ramos.

Esta *quebra*⁴⁵ diz respeito a uma nova perspectiva sobre a arquitectura americana, através do acesso a revistas como outros números da L'Architecture d 'Aujourd'hui, a Forum Americana, uma revista alemã⁴⁶ e uma revista de Los Angeles, que segundo Vítor Figueiredo tinha óptimas perspectivas⁴⁷. Frank Lloyd Wright (1867-1959), Walter Gropius (1883-1969) e Mies Van der Rohe (1886-1969), e Bruno Zevi (1918-2000), que apesar de já serem conhecidos, ganhavam nesta altura um outro protagonismo.

arquitectónica ao problema da habitação, para além das existentes. Vítor Figueiredo trabalha para vários desses programas no início da sua actividade profissional com o desenvolvimento de habitação social enquadrada em vários programas habitacionais estatais. A propósito deste tema ver o capítulo e livro: Freire, D. e Borges, P. N. (2018). O problema da habitação rural: debates e políticas públicas durante o Estado Novo, Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Lisboa. In: Agarez, R. (coord.). *Habitação. Cem Anos de Políticas Públicas em Portugal 1918-2018*. 1ª edição, IRHU. Lisboa. Capítulo de Livro. pp.119-159.

⁴³ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

⁴⁴ *Ibidem*

⁴⁵ *Ibidem*

⁴⁶ Possivelmente refere-se à revista Deutsche Bauzeitung, a mais antiga publicação técnica de arquitectura na Alemanha, desde 1867. Actualmente é designada por db deutsche bauzeitung. Disponível no site: <https://www.db-bauzeitung.de/>

⁴⁷ Possivelmente refere-se à revista Arts & Architecture Magazine (A&A). Disponível no site: <http://www.artsandarchitecture.com>

De Frank Loyd Wright recebe a arquitectura orgânica, o gosto pelo desenho, pela tridimensionalidade e o prazer da imersão espacial. De Bruno Zevi, o livro *Saber Ver a Arquitectura* com uma nova perspectiva sobre a História da Arquitectura. Segundo Vítor Figueiredo houve um impacto no racionalismo, no funcionalismo e no abstracionismo vigente, ressaltando que não era uma crítica ou uma recusa, mas antes uma alteração de perspectiva. Reflexo destas referências repara que começam a surgir propostas na Escola do Porto em forma de hexágonos.

*O Wright deu-me a descoberta do sentir, do gostar de volumes, de alçados, de desenhos coloridos, de nas plantas fazer percursos com prazer e de imaginar estar, permanecer, em espaços com encanto.*⁴⁸

*O cair da História da Arquitectura do Zevi com o Wright e a arquitectura orgânica foi uma "perturbação" e para mim foi a possibilidade de gostar de "desenhos" que não eram inteligentes abstracções que não sentia e me era difícil tentar fazer.*⁴⁹

Na passagem pela Escola de Lisboa, no 2º ano do curso com 19 anos de idade, recorda também a descoberta dos edifícios de Cassiano Branco que o *tocaram*. Pelas ruas de Lisboa percorria os edifícios da Rua Álvares Cabral e da Rua de S. Mamede e o Éden de onde destaca a escadaria e o prazer em ficar *cá em baixo a ver as pessoas saírem*.⁵⁰ Nesta descrição pode-se verificar o desenvolvimento da paixão em torno da observação imersiva do movimento da vida, do quotidiano na sua dimensão dinâmica. Refere ainda que é neste período que compra o primeiro livro de arquitectura, Obras de Alvar Aalto, volume I.

⁴⁸ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Gonçalves, R. e Santos, D. V. (1999). *Entrevista a Vítor Figueiredo. Documentos de Arquitectura*, n.º 2.

⁴⁹ *Ibidem*

⁵⁰ *Ibidem*

O Professor Carlos Ramos

Depois da passagem por Lisboa volta ao Porto e salienta que Carlos Ramos nunca perdoou Vítor Figueiredo ter ido para Lisboa no segundo ano do curso. Aponta como hipótese de explicação o orgulho que Carlos Ramos partilhava pela Escola do Porto. A partir daqui refere que foi uma relação *ódio/amor* ⁵¹, definindo o grau de proximidade na relação entre Vítor Figueiredo e Carlos Ramos. Essa relação é ilustrada posteriormente na descrição da resposta quando Vítor Figueiredo lhe pedia para criticar os seus trabalhos, procurando um melhor entendimento da nota que recebera. Carlos Ramos explicava-lhe simplesmente que *um pai é sempre mais severo com os filhos*, ⁵² exemplo que usa para reforçar a cumplicidade que existia entre os dois. Afirma ainda que Carlos Ramos não gostou do facto de não ter elaborado e apresentado uma tese de enquadramento teórico ao projecto que apresentou no Concurso para Obtenção do Diploma de Arquitecto (CODA). ⁵³

Vítor Figueiredo faz questão de referir que não tinha cuidados especiais na relação com Carlos Ramos, usando a expressão: *não o ia esperar ao comboio*. ⁵⁴ Vítor Figueiredo assume assim a importância que atribuía a Carlos Ramos tanto na relação com a Escola do Porto como na relação pessoal e académica. Ao mesmo tempo procura transmitir que cultivava já uma certa desmitificação das figuras de referência do mundo da arquitectura, atitude que manteve ao longo da vida e do discurso com a consciência de que existe sempre essa tentação. Nesse sentido e para reforçar o lado humano de Carlos Ramos como contraponto ao mito, refere ainda os seus encontros fora da Escola no Café Majestic, onde conversavam sobre vários temas para

⁵¹ ⁵¹ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Gonçalves, R. e Santos, D. V. (1999). *Entrevista a Vítor Figueiredo. Documentos de Arquitectura*, n.º 2.

⁵² *Ibidem*

⁵³ “Inicialmente, pretendi fazer uma tese teórica, e trabalhei nisso durante um ano, até que certa altura abandonei porque o plano seria tão ambicioso, que eu sabia que não chegaria ao fim e precisava de obter o diploma de arquitecto. Eu propunha-me fazer um olhar crítico, analítico, sobre o que tinha sido desde a minha entrada na escola e um pouco para trás, até à conclusão do percurso escolar”. Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

⁵⁴ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Amaral, R. e Neves V. (2001). Vítor Figueiredo. *Arq.a*, Setembro / Outubro, pp.19-25.

além de arquitectura. O Café Majestic era o local de encontro preferencial entre estudantes, e pontualmente com alguns professores, o que fazia dos encontros com Carlos Ramos uma excepção à regra.

*Guardo dele o prazer da sua figura, da sua elegância, do seu fino humor, de algumas conversas e aulas e de o ver passear acompanhado nas noites de São João na Rua de Santa Catarina.*⁵⁵

O Café Majestic

O Café Majestic era um ponto de encontro que espelhava a vibração cultural que se vivia na cidade do Porto, ultrapassando os limites das aulas e do contexto da Escola do Porto, local onde se cruzavam debates e tertúlias entre diferentes gerações e áreas profissionais. Para além disso, o Café tinha ainda a dimensão de ser a sala de reunião onde se debatiam os trabalhos práticos que Vítor Figueiredo desenvolvia paralelamente à vida académica.

O Café Majestic de Vítor Figueiredo era feito também de um convívio com alunos de pintura e escultura com quem partilhava aulas, assim como alunos de medicina e engenharia com quem partilhava interesses comuns e ecléticos sem definição concreta. Essas conversas eram prolongadas para as ruas do Porto durante a noite numa *boémia divertida*.⁵⁶ Era um sítio de debate onde se concentrava a agitação que se fazia sentir em arquitectura conversando-se entre arquitectos sobre o que se passava internacionalmente no mundo da arquitectura.

Para além das tertúlias do Porto participa também nas tertúlias da cidade de Lisboa. A referência às tertúlias de Lisboa revela menos entusiasmo, pela não correspondência de temas e interesses, e pelo facto de serem grupos mais pequenos e restritos quando comparados com

⁵⁵ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Gonçalves, R. e Santos, D. V. (1999). *Entrevista a Vítor Figueiredo. Documentos de Arquitectura*, n.º 2.

⁵⁶ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Amaral, R. e Neves V. (2001). Vítor Figueiredo. *Arq.a*, Setembro / Outubro, pp.19-25.

os grupos da cidade do Porto. Os encontros eram no Café Gelo, na Praça do Rossio, o Vá vá e o Roma, situados no eixo da Avenida de Roma⁵⁷. Apesar disso salienta que o tema da arquitectura era menos obsessivo em Lisboa, facto que lhe agradava, e que apesar de não se falar muito de cinema falava-se de literatura onde descobrindo nessas tertúlias lisboetas o interesse pela literatura americana ⁵⁸, afirmando o seu contínuo interesse a partir daí.

Os cineclubes

No Porto, em contrapartida, um dos temas recorrentes no Majestic era o cinema, tema pelo qual se interessava e continuava a cultivar. Esse cultivar contínuo do cinema e o desenvolvimento de novas perspectivas era intensamente partilhado através dos movimentos que se criavam em torno dos cineclubes tanto em Lisboa como no Porto. Refere que apesar da ditadura, as pessoas se juntavam contra tudo e contra todos, unidos em torno de um inimigo comum, o Estado Novo. Identifica nos cineclubes uma acção contra o poder vigente, uma luta que teve a sua importância, história da qual fez parte activa e que considera que ainda não foi contada.

O Pasolini, homem cujos escritos muito estimo, dizia que certas situações de repressão determinam formas de aglutinar as pessoas. ⁵⁹

⁵⁷ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Dias, M. G. (2001). Choro dos Arquitectos. *Jornal dos Arquitectos*, n.º 199, Janeiro / Fevereiro, pp. 25-33.

⁵⁸ Para além da referência genérica à literatura americana, refere outras mais específicas como, "*Uma modesta proposta para prevenir que, na Irlanda, as crianças dos pobres sejam um fardo para os pais ou para o país, e para as tornar benéficas para a República*" e "*As Viagens de Gulliver*" de Jonathan Swift (Anglo-irlandês)

⁵⁹ Entrevista e artigo sobre Vítor Figueiredo. In: Silva, J. M. F. (1999). Todos os Riscos. *Arquitectura e Construção*, n.º 6, Abril. p.110-114

Em entrevista a Manuel Graça Dias partilha ainda uma comparação com a situação presente nacional e internacional no ano de 2001⁶⁰. Identifica uma *quebra cultural* ilustrada através de expressões formais como o programa de televisão *Big Brother*. Esclarece que apesar de considerar que as pessoas estão cada vez mais isoladas, ainda acredita que é possível a construção de movimentos alternativos que contraponham acções contra esta *quebra*, que não passam pela proibição. Considera que há certos factos que têm a capacidade de criar bandeiras que aglutinem novamente as pessoas. Refere ainda, para ilustrar esta ideia, que depois do 25 de Abril ficámos *nus na praça pública*, sem saber o que fazer, pelo que lutar. Na sua opinião as lutas, que passaram a ser travadas individualmente e como actos isolados como por exemplo um artigo num jornal a denunciar algo, não produzem efeito.

Apesar de tudo, se não fizermos nada, será um pouco como aquela história do Orson Welles: "porque é que lutas, se sabes que vais ser derrotado? " "Não, serei derrotado, é se não lutar!" Percebes? O que eu acredito é nisto. ⁶¹

Do ambiente em torno do cinema conta também as suas mais pequenas *lutas*, com a invocação do filme “Senso” de Luchino Visconti de 1954. Relembra como foi expulso do cinema Monumental durante a exibição por protestar contra o riso e brincadeiras de outros espectadores na sala. Nas conversas sobre as mesas do Majestic, na altura que estava em cartaz, era considerado um *melodrama barato*. Vítor Figueiredo reflete aqui a sua sensibilidade relativamente ao mundo do cinema no seu reconhecimento imediato de uma grande obra cinematográfica, como viria a ser considerada pelo grande público.

⁶⁰ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Dias, M. G. (2001). Choro dos Arquitectos. *Jornal dos Arquitectos*, n.º 199, Janeiro / Fevereiro, pp. 25-33.

⁶¹ *Ibidem*

As primeiras colaborações

O Café Majestic, para além de um sítio de conversa sobre temas mundanos, tinha também a dimensão de debate de arquitectura como já referido anteriormente. Esse debate era feito em parte a partir dos primeiros trabalhos profissionais que se faziam fora da Escola de Arquitectura, como uma extensão dos ateliers e salas que os próprios estudantes alugavam. Esse debate era feito com colegas mais velhos e profissionais de arquitectura e no caso de Vítor Figueiredo também com profissionais de engenharia. O reflexo da intensidade com que se viviam esses primeiros trabalhos deixava as mesas em pedra do Majestic num estado de sujidade igualmente intenso. Reforça ainda que a apropriação por essa função era de tal ordem, que quando substituíram por mesas de vidro passaram algumas das antigas mesas em pedra para a Escola de Belas Artes.⁶²

Nesse sentido o percurso académico é marcado também pelas primeiras colaborações profissionais com arquitectos e engenheiros a partir do Café Majestic. No primeiro ano do curso colabora no atelier dos Arquitectos Mário Bonito (1921-1976), Veloso (1924-2014), e Amorim (1917-1972),⁶³ durante o período de seis meses, onde destaca que aprendeu *a pôr o papel na prancheta*⁶⁴. Quando volta ao Porto depois da passagem por Lisboa durante um ano, decide não trabalhar mais em ateliers de arquitectura, *para não ter que aturar os arquitectos com as suas coisas*⁶⁵.

⁶² *Ibidem*

⁶³ António Matos Veloso e Delfim Fernandes Amorim que integravam com Mário Bonito a Organização dos Arquitectos Modernos (ODAM), entre outros. In: Carmo, V. (2012). *A Organização dos Arquitectos Modernos (ODAM) e o Porto dos anos 50*. Intermedia Review 1. Génération de 50: Culture, Littérature, Cinéma. n°1, 1ère série, Novembre 2012, pp. 43-54. Acedido em: 30 de Março de 2019 em: <https://reviewingintermedia.files.wordpress.com/2012/12/a-organizacao-dos-arquitectos-modernos-pdf.pdf>

⁶⁴ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

⁶⁵ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Amaral, R. e Neves V. (2001). Vítor Figueiredo. *Arq.a*, Setembro / Outubro, pp.19-25.

Decide então aprender a desenhar betão armado e passa a desenhar betão armado a troco de algum dinheiro. Os cálculos eram-lhe entregues no Majestic e Vítor Figueiredo desenvolvia os desenhos. Nesse sentido colabora com os Engenheiros Jorge Delgado e António dos Santos Soares para o projecto de estruturas da cúpula do *Palácio de Cristal*⁶⁶ no Porto. Foi uma actividade que desempenhou com prazer. Faz questão de referir que os Engenheiros com quem trabalhou eram homens muito inteligentes e cultos, salientando que foi uma relação muito gratificante em termos pessoais.

É inevitável a comparação entre os relatos das primeiras experiências de trabalho com arquitectos e engenheiros, destacando o papel da relação entre as pessoas no trabalho como o que considera o factor mais importante, independentemente da área profissional. Esta atitude é transportada depois para a actividade profissional, na escolha das pessoas com quem colabora e partilha a autoria para as suas obras.

Não há mais relatos de experiências profissionais durante o percurso académico para além do atelier onde desenvolve o trabalho que apresenta no CODA em 1959. Quando em 1957 volta a Lisboa, ainda com a tese por terminar, decide que não faz sentido continuar a desenhar betão armado.⁶⁷ Desta forma vai trabalhar para o atelier do Arquitecto Leonardo Castro Freire (1917-1970). Vítor Figueiredo classifica o tipo de arquitectura que era feito no atelier como de *compromisso histórico*.⁶⁸ No entanto salienta o que aprendeu e o influenciou no atelier desde as pessoas que conhece, passando pelas novas referências de arquitectura e ensinamentos que aí recolheu e o acompanharam.

⁶⁶ O nome oficial era Pavilhão dos Desportos, actual Pavilhão Rosa Mota, conhecido por Palácio de Cristal por se situar nos Jardins do Palácio de Cristal no Porto, onde existia o palácio original construído em 1865 e demolido em 1951. O novo projecto de arquitectura é da autoria do Arquitecto José Carlos Loureiro (1925) em 1951.

⁶⁷ Figueiredo, V. (1959). *Habitação em S. João do Estoril*. Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto (CODA) – Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Acedido em: 30 de Março de 2019 em: <https://hdl.handle.net/10405/48143>

⁶⁸ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Gonçalves, R. e Santos, D. V. (1999). *Entrevista a Vítor Figueiredo. Documentos de Arquitectura*, n.º 2.

Da passagem pelo atelier destaca a relação que estabeleceu com dois dos desenhadores, identificados como *o António Abrantes e o Mendes que muito me ensinaram e continuaram a ensinar quando já estava sozinho na "vida"*,⁶⁹ não especificando o conteúdo dos ensinamentos ou a natureza da relação que manteve. Da relação com Leonardo Castro Freire salienta o conselho sobre o espaço doméstico da sala de estar e a descoberta de uma referência internacional, o arquitecto Erik Gunnar Asplund (1885-1940). O conjunto destas referências e ensinamentos vão ser determinantes no desenvolvimento da obra futura, mais directamente visível nos conjuntos de habitação social e na igreja de Albergaria dos Fusos.

O Castro Freire era um homem que tinha o livro do Asplund, quando ele não era moda, falou-me do Crematório⁷⁰ e um dia disse-me: "uma sala de estar se não for muito, muito grande, é melhor ser em "L".⁷¹ O que quer dizer que o espaço, não é um espaço que se domina, é um espaço articulado, é um espaço mais rico, mais vivo.⁷²

No período em que trabalhou no atelier de Leonardo Castro Freire, Vítor Figueiredo ficou encarregue de desenvolver o projecto de uma habitação unifamiliar. O projecto foi pago à hora e destinava-se a uma habitação de luxo na Alapraia, São João do Estoril, implantada sobre uma falésia junto ao mar. Desenvolveu o projecto em circunstâncias favoráveis de orçamento e liberdade criativa, que lhe permitia desenvolver *consolas exuberantes e tudo*, como refere. No decorrer do processo supervisionado por Castro Freire destaca a história da conversa que ocorreu entre ambos:

Vítor, não tenho dúvidas nenhuma que o cliente aceita este projecto, que a construção será feita e que na festa de inauguração serei felicitado, as pessoas dirão gostar muito, mas nunca serão

⁶⁹ *Ibidem*

⁷⁰ Capela e Crematório do Cemitério do Bosque (Skogskyrkogården, 1940) nos arredores de Estocolmo, Suécia. Foi classificado pela UNESCO em 1994 como World Heritage Site.

⁷¹ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Gonçalves, R. e Santos, D. V. (1999). *Entrevista a Vítor Figueiredo. Documentos de Arquitectura*, n.º 2.

⁷² Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

*meus clientes futuros, gostam, mas sendo dos outros que eles para si quererão ter o seu classicismo, ou quando muito um moderno suave.*⁷³

Esta história reflete a tomada de consciência em relação aos diferentes tipos de abordagem que um projecto pode ter, que classifica como uma arquitectura de *fé ou superstição*. Esclarece que no seu entender a abordagem de uma arquitectura de *superstição* se prende com uma atitude imediata, que se enquadra numa *moda* vigente, sem arriscar e bem-comportada. Identifica ainda esta atitude como um caminho para uma visibilidade e sucesso cultural efémero, que reconhece existir desde a Escola de Arquitectura. Vítor Figueiredo, no que se considera ser o primeiro trabalho profissional, recusa desde logo este caminho, atitude que cultiva ao longo do seu percurso. Este projecto e a sua história vão constituir a tese que apresenta para o Concurso de Obtenção do Diploma de Arquitecto (CODA) na Escola do Porto em 1959.

O CODA e o “critério de experiência”

A memória descritiva do CODA de Vítor Figueiredo é uma declaração de princípios como a apresentada no filme *Citizen Kane* de Orson Welles. Considera-se que o CODA marca um ponto de situação fundamental em torno da reflexão sobre a relação que estabelece com a Arquitectura e consequentemente do desenvolvimento do seu trabalho profissional. Esta reflexão, feita na memória descritiva, parte integrante da obra de habitação no Estoril representa uma síntese do percurso até então, da sua postura perante o CODA, da sua visão do mundo e da arquitectura. Este documento reflete o momento de transição para o início da sua actividade profissional enquanto arquitecto.

⁷³ Gonçalves, R. e Santos, D. V. (1999). *Entrevista a Vítor Figueiredo. Documentos de Arquitectura*, n.º 2.



1. Imagem do filme *Citizen Kane* de Orson Welles, 1941

O trabalho apresentado no CODA é um projecto de execução de uma habitação unifamiliar constituído pelo conjunto das peças escritas e desenhadas. As peças escritas incluem para além da memória descritiva, as fotografias de obra perto da fase final, o caderno de encargos, o mapa de acabamentos, o mapa de medições, o mapa dos preços simples ⁷⁴, o mapa dos preços compostos ⁷⁵ e o orçamento. As peças desenhadas incluem a planta de localização (escala 1/1000), a planta de fundações (escala 1/50), as plantas por piso (escala 1/50), um duplicado das plantas com a identificação dos elementos de construção (cotas, identificação de vãos interiores e exteriores, identificação de armários, electricidade e pontos de luz), cortes (escala 1/50), alçados (escala 1/50), mapa de cozinhas (escala 1/20), mapa de armários das cozinhas (escala 1/1), mapa de armários (escala 1/20 e 1/1), mapa de vãos interiores e exteriores (escala 1/20 e 1/1).

⁷⁴ Discrimina o custo por dia de cada especialidade e o custo por unidade de medida de cada material.

⁷⁵ Discrimina o custo do trabalho por unidade de medida de cada material.

A memória descritiva apresentada está organizada em três partes. Na primeira parte apresenta as condições em que desenvolveu o projecto, onde descreve que este partiu de um convite formulado por um antigo colega para desenvolver um projecto *gracioso* de uma habitação unifamiliar para um amigo de Leonardo Castro Freire, aceitando ser pago à hora. Faz de seguida uma síntese do seu enquadramento social, assumindo que *não é filho de família*, e que não tem *amigos de berço* e demonstra o entusiasmo perante a improbabilidade em realizar uma obra da sua autoria, assumindo que não apresenta a obra numa *bandeja de prata* como algo que demonstre a sua apetência técnica e estética ou que tenha apenas o objectivo de obter o diploma de arquitecto. Nesse sentido, afirma no último parágrafo:

Apresento o meu primeiro trabalho profissional com a consciência de me ter entregue a ele totalmente, enquanto o construí no papel, e de o continuar a viver hoje como experiência já realizada.

No primeiro parágrafo da segunda parte faz uma síntese da visão que tem do mundo e da arquitectura. Começa por argumentar que cada obra deve ser o reflexo de uma procura feita a partir das circunstâncias e condicionantes do período de tempo em que se insere, em contraponto a uma postura que parte apenas da aplicação de conhecimentos e conclusões já sedimentadas. Apesar de Vítor Figueiredo não utilizar ainda os termos *arquitectura de fé e superstição*, são definidos ao longo do discurso com os mesmos pressupostos que defende no CODA.

No corpo da segunda parte fundamenta a posição numa análise entre o movimento moderno vigente, assente no racionalismo e no funcionalismo, e os movimentos de revisão emergentes, como o regionalismo crítico. A tomada de posição não se exclui, nem se inclui em nenhuma das duas posições tentando demonstrar a possibilidade de uma posição indefinida que contribui ainda assim para uma revisão do modernismo, mas sem pretensões teóricas ou de criação de um movimento formal de contraponto.

Nesse sentido Vítor Figueiredo afirma que partilha uma posição que identifica nos movimentos de revisão do modernismo, a recusa da ideologia racionalista com a consequente *negação de um critério que definisse de uma vez para sempre a realidade humana*.⁷⁶ No entanto não rejeita totalmente as conclusões e o tipo de pesquisa austera com que o racionalismo contribuiu para a arquitectura.

Nas duas posições identifica a *falta de perspectiva de homem futura*, uma vez que considera que o racionalismo assenta na *recusa total de um passado*, e os movimentos de revisão numa *aceitação total do passado*, produzindo no seu entender uma visão igualmente absoluta e estática do mundo na relação com o homem, assente num “*critério de realidade*”.

*Sabemos só que o homem é uma totalidade dinâmica imersa em outras totalidades dinâmicas.*⁷⁷

Apoia-se assim nesta afirmação para definir o limite do conhecimento sobre o homem para defender a necessidade de uma abordagem dinâmica da arquitectura através de um “*critério de experiência*” em detrimento de um “*critério de realidade*”. No CODA, Vítor Figueiredo funda as bases do que considera ser o papel do arquitecto, baseado neste critério, que vai utilizar ao longo do desenvolvimento da sua obra como processo, definindo que:

*Ao Arquitecto de hoje só um “critério de experiência” é lícito; um critério que não recuse dado algum do real (...) e busque servi-lo e orientá-lo, humildemente, mas com a certeza de não se ter enganado no caminho.*⁷⁸

⁷⁶ Figueiredo, V. (1959). *Habitação em S. João do Estoril*. Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto (CODA) – Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Acedido em: 30 de Março de 2019 em: <https://hdl.handle.net/10405/48143>

⁷⁷ Figueiredo, V. (1959). *Habitação em S. João do Estoril*. Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto (CODA) – Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Acedido em: 30 de Março de 2019 em: <https://hdl.handle.net/10405/48143>

⁷⁸ *Ibidem*

Na terceira parte conta a história da obra, segundo o que definiu na segunda parte, como o conjunto de circunstâncias e condicionantes da obra que a valida pelo relato da experiência concreta onde esta se inscreveu e não através de uma *descrição exaustiva e incaracterística dos seus elementos*.

*Daí requerer-se para uma arquitectura válida, uma concepção do mundo que necessariamente a terá de explicar e justificar.*⁷⁹

Analisando as peças desenhadas e fotografias do processo da habitação do Estoril consegue-se estabelecer relações com as referências do mundo da arquitectura, adquiridas durante a formação escolar, que refere ao longo do discurso, como Mies Van der Rohe e Frank Lloyd Wright. Estas referências estão patentes na fluidez das relações estabelecidas em planta através de planos, e com o cruzamento dos planos verticais em pedra com os planos horizontais das consolas num *sentido neo-plástico* como Vítor Figueiredo descreve na terceira parte da memória descritiva.⁸⁰

Apesar disso o modo de eleição para mostrar, neste caso a sua arquitectura, recai no discurso patente na terceira parte onde conta a história do projecto de acordo com os conceitos teóricos apresentados na segunda parte. Nesse sentido apresenta a obra segundo o “critério da experiência” de uma forma dinâmica como se de um filme se tratasse. Esta apresentação é baseada nas reflexões desenvolvida por Bruno Zevi em torno do cinema e da arquitectura, em contraponto à forma estática das fotografias e peças desenhadas. O primeiro indício de um enredo cinematográfico é a enumeração dos personagens com que principia a terceira parte, *um técnico, um cliente e um terreno*.

⁷⁹ *Ibidem*

⁸⁰ Figueiredo, V. (1959). *Habitação em S. João do Estoril*. Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto (CODA) – Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Acedido em: 30 de Março de 2019 em: <https://hdl.handle.net/10405/48143>

Estabelece assim a relação entre o cinema e a arquitectura, entre o discurso e a prática de arquitectura, relação que continua a cultivar ao longo do percurso com os círculos de pessoas mais próximas, mas que só na fase final o apresenta a um público mais alargado, uma desmistificação da arquitectura e consequente construção da sua história em torno da arquitectura.

Habitação Social 1960 - 1979

Criar raízes em Lisboa

Depois de obter o Diploma de Arquitecto na Escola do Porto, decide vir novamente para Lisboa, a partir de 1960.

Vítor Figueiredo continua a descrever as colaborações profissionais que estabelece para além do projecto da habitação do Estoril, sem esclarecer se foram em datas anteriores ou posteriores à obtenção do Diploma de Arquitecto. Apesar dessa indefinição assume-se que foram depois da apresentação do CODA na Escola do Porto, ou imediatamente antes. Descreve então que trabalha em Lisboa com o Arquitecto Zinho Antunes e depois episodicamente com o Arquitecto Maurício de Vasconcelos (1925 -1997). Deste último refere que manteve uma relação de amizade durante toda a vida, salientando que foi quem lhe *mostrou uma forma apaixonada, intensa e alegre de fazer Architectura e viver que o acompanhou até à sua morte*.⁸¹

Depois trabalhou com os Arquitectos Nuno Teotónio Pereira (1922-2016) e Nuno Portas (1934-) no atelier da Rua da Alegria. Apesar de não ser *católico progressista* reconhece que foi a partir deste atelier, que identifica pelo nome que era conhecido, a *Sacristia*, que construiu o sistema de relações que lhe permitiu estabelecer-se em Lisboa por conta própria.⁸² Apesar de não referir no discurso foi neste atelier que desenvolveu em co-autoria com Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas e Vasco Lobo o projecto para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus que viria a ser escolhido como vencedor do concurso.

⁸¹ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Gonçalves, R. e Santos, D. V. (1999). *Entrevista a Vítor Figueiredo. Documentos de Architectura*, n.º 2.

⁸² *Ibidem*

Logo no início do período em que já estava estabelecido por conta própria em Lisboa, trabalhou pelo período de seis meses a um ano com o Arquitectos Januário Godinho (1910-1990) e João Andresen (1920-1967) no projecto para o Palácio da Justiça de Lisboa, salientando que, por não conseguir resistir, foi todas as manhãs colaborar no projecto. Nesse período encontrava-se já a concluir o seu primeiro projecto, o agrupamento de unidades de habitação em Olivais Sul célula C, em co-autoria com o Arquitecto Vasco Lobo.

Refere que Januário Godinho foi uma pessoa com quem se identifica e estabelece uma forte ligação a nível profissional e pessoal. Esclarece que essa identificação passa pela importância que Januário Godinho atribuía ao debate sobre arquitectura. Para demonstrar esse facto conta três histórias, sobre quando o conheceu, sobre o seu processo de trabalho e sobre as conversas durante os percursos para o almoço.⁸³

Conheceu Januário Godinho numa assembleia de arquitectos na sede do Sindicato dos Arquitectos no Porto, durante o segundo ano de formação. A discussão era em torno dos modos de apresentação de Arquitectura Moderna ao público e sobre a inclusão obrigatória de obras de arte em edifícios públicos. Januário Godinho no final da reunião faz uma sugestão de uma reunião informal com os seus colegas num sítio bucólico para continuar a discutir os temas apresentados e outros, sugestão essa que não teve qualquer reacção.

No processo de trabalho que desenvolve com Januário Godinho refere que: *Ficava impaciente, irritado, intratável, se lhe mostravam um desenho, uma sugestão, uma proposta sem lhe "falar" dela*, ilustrando desta forma a origem da importância consciente do papel do discurso em arquitectura. Dos percursos na cidade de Lisboa para o restaurante Zé da Viúva, na Rua das Pretas, relembra a atenção constante ao que os rodeava através das constantes chamadas de atenção ao Arquitecto Leal, seu amigo, de elementos arquitectónicos que os rodeavam, *uma mansarda, uma guarda, uma janela*.⁸⁴

⁸³ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Gonçalves, R. e Santos, D. V. (1999). *Entrevista a Vítor Figueiredo. Documentos de Arquitectura*, n.º 2.

⁸⁴ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Gonçalves, R. e Santos, D. V. (1999). *Entrevista a Vítor Figueiredo. Documentos de Arquitectura*, n.º 2.

Voltei a vê-lo há muitos anos no Porto e reencontrei-o neste mês de Agosto, ao estar às seis horas da tarde no mercado de Amarante, obra maior de arquitectura, com a sua cobertura carnuda porque há copas de árvores, com o seu espaço magistral, com o despojamento de convicção feito, com a escada exterior toda em granito, mas o último patamar em cimento, que humana teria de ser a frase.⁸⁵

Habitação Social

Nas décadas de 60 e 70 Vítor Figueiredo dedica-se aos conjuntos de habitação social, para o Gabinete Técnico de Habitação da Câmara Municipal de Lisboa, para as Habitações Económicas da Federação de Caixas de Previdência e posteriormente para o Fundo Fomento da Habitação.

Os projectos de habitação levados a cabo estão inseridos nas políticas públicas de habitação em vigor, procurando responder directamente ao problema da habitação existente em Portugal, não só nos grandes centros urbanos, como Lisboa, como também no interior do país de carácter mais rural.

Das obras que desenvolveu, salientam-se entre outros, os conjuntos habitacionais nos Olivais Sul, Chelas e Alvalade (Cidade de Lisboa), em Peniche, Alcobaça, Mira d'Aire, Castanheira de Pêra e Nazaré (Distrito de Leiria), no Barreiro, Costa da Caparica, Conjuntos da Azeda e da Praça de Portugal em Setúbal (Distrito de Setúbal), Santo Estevão, Benavente, Salvaterra de Magos, Torres Novas, Alcanena, Almonda, Minde e Constância (Distrito de Santarém), no Alto do Zambujal na Amadora (Distrito de Lisboa).⁸⁶

⁸⁵ *Ibidem*

⁸⁶ Maldonado, V. e Borges, P. (2015). *Vítor Figueiredo. Projectos e obras de habitação social 1960-1979*. 1ª edição, Circo de Ideias. Porto. Nota: Lista de Obras no Anexo I

Para além do desenvolvimento das obras de habitação social integra no ano de 1963 os órgãos sociais do Sindicato Nacional dos Arquitectos e recebe o prémio Valmor em 1975 pela obra da Igreja do Sagrado Coração de Jesus que elabora em parceria com Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas e Vasco Lobo. Desde 1975 a 1985 assume o cargo de Director da revista Domus, propriedade da Cooperativa Habitacional União dos Trabalhadores (CHUT).

Organismos

*Pasolini disse que há encontros com pessoas que fazem a nossa vida. Por sorte minha, pese embora se diga ter mau feitio, tenho encontrado pessoas que, após um ou dois encontros, inexplicavelmente e com todo o pudor, me alteram e fazem a minha vida.*⁸⁷

Como ao longo de todo o percurso até aqui, apresenta a história como um conjunto de circunstâncias que se sucedem naturalmente, descrevendo-as como um acaso ou uma sorte, sem qualquer intenção premeditada. Nesse sentido conta a breve história de como foi chamado para trabalhar para o Gabinete Técnico de Habitação da Câmara Municipal de Lisboa (GTH).

O Gabinete Técnico de Habitação da Câmara Municipal de Lisboa (GTH), criado em 1960⁸⁸, com sede na Avenida de Berna em Lisboa, era dirigido pelo Arquitecto Rafael Botelho, na altura responsável pela elaboração e coordenação do Plano de Urbanização de Olivais Sul. A entrada no CML/GTH deveu-se a uma presumível sugestão directamente junto de Rafael Botelho (1923-) levada a cabo pelo Arquitecto Frederico Santana⁸⁹. Vítor Figueiredo salienta

⁸⁷ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Gonçalves, R. e Santos, D. V. (1999). *Entrevista a Vítor Figueiredo. Documentos de Arquitectura*, n.º 2.

⁸⁸ Tavares, M. e Duarte, J. M. C. (2018). O Arrendamento Social Público (1945-1969). In: Agarez, R. (coord.). *Habitação. Cem Anos de Políticas Públicas em Portugal 1918-2018*. 1ª edição, IRHU. Lisboa. Capítulo de Livro. pp.197-233.

⁸⁹ Co-autor com o Arquitecto Jorge Ferreira Chaves do projecto para o Hotel Garbe (1959), Armação de Pêra, Distrito de Faro. Actual Holiday Inn Algarve – Armação de Pêra.

que não tinha uma relação profunda com Frederico Santana, esclarecendo que estes contactos se deviam às relações culturais, que neste período aconteciam naturalmente e com grande frequência em Lisboa.⁹⁰

*As pessoas estavam culturalmente muito ligadas, falavam-se muito, o mundo não era tão isolado, tão individualista como é hoje. Eu tinha falado com ele uma ou duas vezes, e ele como era amigo deles, disse para me chamarem, com conhecimento perfeitamente superficial da minha pessoa.*⁹¹

Vítor Figueiredo foi chamado logo no início da formação do GTH em 1960, para o projecto do agrupamento de unidades de habitação em Olivais Sul célula C, como coordenador de uma das equipas de projectistas responsáveis por desenvolver os edifícios previstos no Plano de Urbanização de Olivais-Sul pelo CML/GTH. Anos depois, em 1973, é chamado novamente pelo mesmo organismo, desta vez para desenvolver o projecto para o conjunto habitacional de Chelas PUC – Zona N2 (cinco dedos) no âmbito do Plano de Urbanização de Chelas. A colaboração com o GTH-CML resume-se a estes dois projectos.⁹²

Este organismo é descrito por Vítor Figueiredo como tendo características distintas dos que foram criados anteriormente. Historicamente estes organismos eram dirigidos por engenheiros, tendo um corpo técnico formado por arquitectos. Neste caso é talvez o primeiro organismo de promoção de obras públicas a ser criado tendo como dirigente um arquitecto, Rafael Botelho, que considerava *que não era um burocrata, mas sim um profissional íntegro, prestado e dedicado à sua tarefa.*⁹³

⁹⁰ *Ibidem*

⁹¹ *Ibidem*

⁹² Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

⁹³ *Ibidem*

Refere ainda que o CML/GTH tinha a característica de *receber muita esquerda*, chegando a ser conhecido como o *refúgio dos comunistas, dos perseguidos pelo Regime*. Salienta que era um facto do conhecimento geral, mas que apesar disso servia o *poder estatal* a partir da Câmara Municipal de Lisboa. Identifica alguns dos nomes dos colaboradores do gabinete como os Arquitectos Mário Bruxelas (1930-), Carlos Duarte e Areosa Feio (1922-), que são apresentados como conhecidos opositores ao regime. Reforça ainda que António Areosa Feio era um conhecido militante político que foi incorporado no GTH depois de ter estado preso.⁹⁴

Ao explicar este enquadramento político do organismo GTH, Vítor Figueiredo esclarece que o facto de se ser opositor ao Regime, não significava que não se colaborasse com o poder vigente, o Estado Novo. A partir da sua perspectiva demonstra um momento de maior abertura por parte do Estado Novo ao integrar funcionários públicos que assumidamente defendiam visões políticas alternativas e discordantes ao Regime. Assim e apesar de os arquitectos, incluindo Vítor Figueiredo, servirem a construção formal de uma visão política estatal, enuncia que esta construção se processava com um certo grau de liberdade de funcionamento dentro de uma autoridade estatal. Identifica aqui uma das origens de um dos temas também recorrentes no seu discurso, a ideia de que não há liberdade sem uma autoridade.

À semelhança dos cineclubes que frequentava no Porto e em Lisboa, o desenvolvimento de projectos era encarado como um tipo de luta mais subtil, neste caso feita a partir do interior dos organismos estatais. Esta demonstração de uma relativa independência e consequente permissão de propostas com visões contrárias nos quadros técnicos públicos contribui também para desmistificar que apesar de se trabalhar e servir os propósitos de um Estado, não significa que se partilhe os mesmos ideais.

Os tempos eram outros, o presidente Santos Costa, por causa da inauguração do bairro do Barreiro convidou-me, e eu respondi-lhe que "o meu contrato não incluía a obrigação de comer com quem não queria". Que era uma resposta que, hoje, eu talvez não dissesse ao Santana Lopes. É um momento, o final dos 60, em que as coisas não têm esse primarismo de ser pró ou contra.

⁹⁴ *Ibidem*

Estes organismos, sendo do Estado, quem estava à sua frente e quem em certa medida os orientava, eram pessoas que não pactuavam com o Regime. Eram opositores. Não havia perseguição política, a situação já era permissiva. ⁹⁵

Em paralelo com o desenvolvimento do primeiro projecto para o GTH entra *articulado* com o trabalho desenvolvido para as Habitações Económicas da Federação das Caixas de Previdência (FCP-HE). Apesar de não contar a história de como se torna projectista para a FCP-HE, presume-se que terá sido através das relações que estabelece com Nuno Teotónio Pereira, elemento estruturante deste organismo desde 1948 até à sua extinção em 1969. ⁹⁶

Vítor Figueiredo identifica também os nomes dos responsáveis pelo organismo das Habitações Económicas salientando igualmente o desalinhamento perante o Regime, como os Arquitectos João Braula Reis (1927-1989), *um católico progressista*, Nuno Teotónio Pereira, que *sempre foi um opositor ao Regime*, e os responsáveis que se seguiram como Bartolomeu Costa Cabral (1929) e Vasco Lobo.

A FCP-HE, é um organismo semi-público integrado no Ministério das Corporações, que visava promover e apoiar programas de habitação social de forma a responder ao problema da habitação em Portugal no pós-segunda Guerra Mundial, à semelhança de organismos existentes no resto da Europa. Uma das bases de actuação deste organismo, para além da promoção de casas económicas e casas de renda económica em meio urbanos, assenta no apoio técnico e financeiro à promoção de habitações em meios rurais no âmbito da lei n.º 2092 ⁹⁷, que entra em vigor a partir de 9 de Abril de 1958.

⁹⁵ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

⁹⁶ “a resposta dada pelas HE a partir de 1950 (...) aposta na encomenda direta a diferentes arquitetos de uma rede de amigos muito próxima de Nuno Teotónio Pereira.” In: Tavares, M. e Duarte, J. M. C. (2018). O Arrendamento Social Público (1945-1969). In: Agarez, R. (coord.). *Habitação. Cem Anos de Políticas Públicas em Portugal 1918-2018*. 1ª edição, IRHU. Lisboa. Capítulo de Livro. pp.197-233. Vítor Figueiredo presumidamente fazia parte desta rede de amigos pela sua passagem pelo atelier, que reconheceu ter sido aí que construiu o sistema de relações que lhe permitiu estabelecer-se em Lisboa por conta própria.

⁹⁷ Lei n.º 2092 de 9 de Abril. Diário do Governo n.º 72/1958, I Série. Presidência da República. Lisboa.

A lei n.º 2092 tem como objectivo estender a modalidade de desenvolvimento de habitação social para além dos grandes centros urbanos, através da concessão de empréstimos a instituições de previdência locais, às casas do Povo e suas Federações, bem como para construção ou beneficiação de habitação própria.

Para a colocação em prática do disposto na lei n.º 2092 é criada uma rede de arquitectos regionais para uma resposta descentralizada aos pedidos vindos dos vários pontos do país. São constituídas 9 equipas, orientadas por 9 arquitectos, que correspondem a uma divisão do País em 9 zonas.⁹⁸ Vítor Figueiredo orientou uma das equipas, sendo-lhe atribuído o distrito de Santarém e uma parte do Distrito de Leiria.

Parte das suas obras de habitação social são desenvolvidas para as FCP-HE no âmbito da lei n.º 2092. Neste sentido Vítor Figueiredo descreve a título de exemplo os bairros que desenvolve em cooperação com autarquias locais como Benavente, Santo Estevão e Alcobaça, onde ressalva que é uma reutilização de um projecto (edifícios de 4 pisos do agrupamento de unidades dos Olivais Sul, Lisboa). Destaca ainda os bairros promovidos para empresas, como em Torres Novas para a Renova.⁹⁹

O FFH, criado em 1969, reuniu *todos os sectores do Estado referentes à habitação num só organismo*,¹⁰⁰ incluindo a FCP-HE, com o objectivo de concentrar recursos e potenciar o desenvolvimento da habitação social para todos os grupos da população portuguesa. Em 1973, Vítor Figueiredo é chamado pelo Engenheiro Mesquita, que dirige o Fundo de Fomento Habitação, para realizar o projecto para o conjunto habitacional do Alto do Zambujal, Amadora

⁹⁸ Tavares, M. (2010). *HE.FCP: uma perspectiva estratégica [nos anos 50 e 60 em Portugal]*. Comunicação no 1º Congresso Internacional de Habitação no Espaço Lusófono. ISCTE, Setembro 2010. Lisboa. Acedido em: 3 de Abril de 2019 em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77919/2/97468.pdf>

⁹⁹ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

¹⁰⁰ Oliveira, F. R. R. (2012). *Habitações Económicas – Federação de Caixas de Previdência. Casas de Renda Económica em Coimbra*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra. Acedido em: 3 de Abril de 2019 em: <http://hdl.handle.net/10316/20827>

(Distrito de Lisboa),¹⁰¹ que fazia parte do Plano Integrado do Zambujal (PIZ).¹⁰² Salienta que o processo do FFH conheceu *pior*, registando apenas que *passou por lá o Manuel Vicente* (1934-2013),¹⁰³ com quem manteve uma relação pessoal ao longo da vida.¹⁰⁴

A grande maioria dos agrupamentos, conjuntos e bairros habitacionais que desenvolveu para os três organismos enunciados eram para habitação social de categoria I. A categoria I correspondia à classificação mais baixa do investimento estatal na habitação social que se refletia consequentemente nos índices de área. Por se tratar de uma categoria de mínimos não era necessário cumprir o Regulamento Geral de Edificações Urbanas (RGEU), aplicando-se o mesmo princípio à categoria II, apesar de ter melhores índices de área e orçamentos.¹⁰⁵

*Eu estou sempre a falar de categoria 1, não podes meter-me no bolo todo de habitação social. Existiam quatro categorias. A pantera cor-de-rosa é categoria 3, não tem nada a ver com a minha: com o índice de categoria 1, os limites de custo são outros, não tens as mesmas possibilidades.*¹⁰⁶

Apesar de ter desenvolvido, na sua grande maioria, projectos de habitação para a categoria I, existiram algumas excepções. Uma das excepções verifica-se nos projectos que desenvolve para edifícios de consolidação e substituição da malha urbana de Alvalade Lisboa) em 1963,

¹⁰¹ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

¹⁰² Bandeirinha, J. A. et al. (2016). O Fundo Fomento da Habitação de 1969 a 1982: Ordenamento, alternativas e mercado. In: Agarez, R. (coord.). *Habitação. Cem Anos de Políticas Públicas em Portugal 1918-2018. 1ª edição, IRHU. Lisboa*. Capítulo de Livro. pp.235-279.

¹⁰³ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

¹⁰⁴ O registo da relação de Manuel Vicente com o FFH, está relacionado com o desenvolvimento do projecto para bairro Portugal Novo, nas Olaias, desenvolvido para o FFH no âmbito do programa de habitação para o Serviço de Apoio Ambulatório Local. Desconhece-se qualquer relação nos corpos directivos ou técnicos para além desta referência.

¹⁰⁵ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

¹⁰⁶ *Ibidem*

de categoria II. Outra das excepções é o projecto para o Bairro Residencial da Base Aérea N.º 11 em Beja, de categoria III, em 1966. Este bairro foi desenvolvido no âmbito ainda de outro organismo para o qual trabalhou Vítor Figueiredo, a Comissão Administrativa das Novas Instalações para as Forças Armadas (CANIFA) do Ministério das Obras Públicas. De salientar também a co-existência de edifícios de categoria I e II no conjunto habitacional de Peniche CRE104.¹⁰⁷

As duas primeiras excepções, em Alvalade (Lisboa) e Beja, não chegaram a ser construídas, nem são referidas ao longo do discurso. Apesar disso considera-se importante referir as excepções que reforçam a ideia de que Vítor Figueiredo se dedicou essencialmente ao projecto de habitação social de categoria I.¹⁰⁸

¹⁰⁷ Maldonado, V. e Borges, P. (2015). *Vítor Figueiredo. Projectos e obras de habitação social 1960-1979*. 1ª edição, Circo de Ideias. Porto. Nota: Lista de Obras no Anexo I.

¹⁰⁸ Apesar da categoria I promovida pela FCP-HE ser considerado uma categoria de mínimos em relação a orçamentos e índices de áreas existiam ainda outros programas estatais de promoção e financiamento de habitação pública com orçamentos e índices de área ainda mais baixos. São exemplos dessa condição, entre outros, o programa de *Casas para Famílias Pobres*, assim designado, o programa de *Casas para Pescadores* e o programa *Aldeias Melhoradas*. Estes programas tinham como objectivo responder aos problemas das condições da habitação em Portugal da fatia da população que não estava relacionada com algum tipo de corporação. A propósito deste tema consultar: Freire, D. e Borges, P. N. (2018). *O problema da habitação rural: debates e políticas públicas durante o Estado Novo*, Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Lisboa. In: Agarez, R. (coord.), *Habitação. Cem Anos de Políticas Públicas em Portugal 1918-2018*. 1ª edição, IRHU. Lisboa. Capítulo de Livro. pp.119-159; Tavares, M. e Duarte, J. M. C. (2018). O Arrendamento Social Público (1945-1969). In: Agarez, R. (coord.), *Habitação. Cem Anos de Políticas Públicas em Portugal 1918-2018*. 1ª edição, IRHU. Lisboa. Capítulo de Livro. pp.197-233

Nós e os outros

Nos primeiros projectos de habitação social enquadradas pela lei n.º 2092, que desenvolve para a FCP-HE, constrói a base do olhar com o qual encara a resposta ao programa habitacional que está a desenvolver em simultâneo para o GTH, o agrupamento de unidades de habitação nos Olivais Sul, e para os restantes projectos de habitação que desenvolve. Esta construção é feita em continuidade com as reflexões anteriores presentes no CODA, as primeiras colaborações, o percurso, as influências, a formação académica e a origem.

Dos primeiros projectos para as Habitações Económicas da Federação de Caixas de Previdência do Ministério das Corporações (FCP-HE), destaca a importância da experiência que adquiriu junto das pessoas que viviam em meio rural, que tendo algum terreno, submetiam directamente um pedido de empréstimo para beneficiação ou construção de casa, uma das modalidades da aplicação da Lei n.º 2092.¹⁰⁹

Vítor Figueiredo prestava assistência técnica aos projectos que eram submetidos para a beneficiação ou construção das habitações ou em alternativa desenvolvia os projectos de raiz. Dos projectos apresentados, os que eram desenvolvidos por desenhadores, eram submetidos à sua aprovação ou reprovação. O processo de assistência técnica era feito através de visitas mensais aos terrenos propostos de forma a aferir a viabilidade de construção do projecto que era proposto. Depois da visita o projecto era analisado, corrigido se necessário, ou mesmo proposto um novo projecto feito a partir de variações de modelos tipo, mas dos quais resultavam habitações distintas umas das outras.

Neste sentido Vítor Figueiredo teve a oportunidade, durante um período de aproximadamente 4 a 5 anos, de percorrer e contactar directamente com a realidade das pessoas que viviam em ambiente rural. Esta experiência permitiu-lhe a construção de uma visão do mundo consciente

¹⁰⁹ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra

de que “as pessoas são pessoas, se quiseres são bichos”, independentemente do ambiente em que se inserem ou das suas necessidades específicas, esclarecendo: ¹¹⁰

É mais que as suas necessidades, é o sentir de, acabar com o mito “de um lado estamos nós e do outro lado estão os outros”, é um mundo que eu abomino e recuso determinantemente. Tive momentos que me gratificaram e tive esse contacto que certamente me influenciou. Como, não me perguntas, não te sei dizer, mas que isso existiu na minha vida, existiu, que pesou, pesou. Como o facto de tu estares na Figueira da Foz e puderes ver o mar, certamente vai ter influência sobre ti. Como eu que nasci na Figueira a ver o mar, gosto da planície e do mar, não me peças a montanha, porque não gosto. ¹¹¹

A visão que Vítor Figueiredo constrói em torno destes primeiros projectos e experiências, é uma visão de um mundo em que não existem diferenças entre as pessoas. A resposta de arquitectura que propõe não se define assim entre ambientes rurais ou urbanos e muito menos entre formulações abstractas de movimentos racionalistas ou de revisão, como o regionalismo crítico. Aqui, Vítor Figueiredo, aplica e demonstra o “*critério de experiência*”, que explorou anteriormente na memória descritiva da habitação que desenvolveu no Estoril, apresentada no CODA. É através da construção de uma concepção do mundo a partir da experiência concreta, que valida a arquitectura proposta nos projectos para o meio rural e para todos os outros projectos de habitação social que desenvolve posteriormente. Neste caso demonstra claramente a aplicação do “*critério de experiência*” na construção dinâmica de uma concepção sobre o mundo elevando-o como algo que o influenciou tanto deste momento em diante, como o mar da Figueira da Foz a que se refere situado nos primeiros anos de vida.

¹¹⁰ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra (confirmar)

¹¹¹ *Ibidem*

Projectar habitação social não era projectar para "outros" para pobrezinhos nos gostos, nas necessidades e na fruição. ¹¹²

O Sr. Formigo e o Dr. Vítor Nogueira

A experiência de Vítor Figueiredo no contacto com as pessoas que pediam um empréstimo para construir a sua casa ao abrigo da lei n.º 2092, é ilustrada através da história do Sr. Formigo, que vivia em Riachos, Torres Novas (Distrito de Santarém). Com esta história demonstra também alguns dos temas recorrentes que transporta ao longo dos vários projectos de habitação social e para os projectos seguintes. Nesta história aborda pelo menos dois temas que estão interligados entre si: o papel do arquitecto e da arquitectura como resposta activa a um programa dado (num sentido da não aceitação passiva de um programa) e a consciência da violência que a arquitectura exerce nas pessoas, *no bom sentido da palavra* ¹¹³.

A história tem piada. É dos tais casos de um indivíduo que quer fazer uma casinha. Era tradicional, naquela altura, um modelo de casa para Riachos: era uma terra de homens da agricultura ou dos Caminhos de Ferro. Eles propunham um projecto, e eu procurava fazer batota, desenhando uma cozinha grande, porque era na cozinha que eles viviam. O sítio de cozinhar era pequeno, para eles não comerem aqui, e dava-lhes um outro espaço contíguo.

E houve um homem chamado Formigo, que eu nunca me hei-de esquecer, que quando eu peguei no projecto dele e o alterei para isto ... O gajo tinha a fama de bater em toda a gente, era um homem alto e teimoso. E disse, nos Riachos, que me havia de dar pancada. Havia outra coisa engraçada. Eram os tempos antigos, ainda não havia televisão, então o que era tradicional em algumas casas que eu fiz, era a localização do frigorífico: eternizavam o frigorífico, era emblemático. Um dia fui aos Riachos e encontrei o Sr. Formigo e ele disse-me que não queria a casa assim. E eu respondi "O senhor pode não querer a casa assim, é o seu direito, mas nessa altura não tem o empréstimo." E o gajo amochou, ele também não era parvo. Bom, a casa lá se

¹¹² Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Gonçalves, R. e Santos, D. V. (1999). *Entrevista a Vítor Figueiredo. Documentos de Arquitectura*, n.º 2.

¹¹³ *Ibidem*

fez. Até que um dia, vejo a avançar para mim, pelo corredor, o Sr. Formigo, alto, magro, seco. Pensei: Agora é que este sacana me vai bater. E ele diz-me "Eu tenho fama de ser teimoso, e de bater nas pessoas, mas vou dizer-lhe uma coisa: O senhor é mais teimoso que eu, e não tem medo! Ainda lhe vou dizer outra coisa: "o senhor tinha razão". Virou as costas e saiu. E depois este modelo da cozinha foi copiado pelos outros todos, que não tinham a ver com o empréstimo. Foi engraçado, eu cheguei lá e aquilo tinha proliferado como pãozinhos. Primeiro fez o Formigo e depois outro fez, e outro, e outro, com variações.

Em vez de terem uma cozinha pequena, eu procurei partir a cozinha de forma a haver mais um espaço. A família não come junta, o marido vem, come, trabalha no campo, etc. Podiam comer numa pequena mesa e ainda ter um espaço ressaltado, um espaço útil sem função. ¹¹⁴

Vítor Figueiredo demonstra com esta história o que considera ser, no seu ponto de vista, o papel do arquitecto na resposta a um dado programa. Defende que o arquitecto deve responder activamente a um programa, em contraponto a uma resposta passiva de aceitação. Procura a partir de uma análise concreta dos dados disponíveis baseada na sua experiência de observação e diálogo perante uma dada realidade, responder da melhor forma possível ao programa dado.

Neste caso, na casa do Sr. Formigo, opera sobre um projecto proposto que constitui a base programática. Depois da análise ao projecto e da realidade, Vítor Figueiredo introduz as alterações ao projecto que considera ser a melhor forma de ir ao encontro à leitura desta realidade. Essa leitura pode não coincidir com as ideias iniciais do *freguês*¹¹⁵, o destinatário final ou organismo a quem tinha que responder ou justificar a sua proposta.

Esta reflexão crítica resulta numa contraproposta que irá afectar de uma forma violenta e imprevisível a pessoa e o meio para o qual se está a projectar. Neste caso, como demonstra, no final esse impacto foi positivo, chegando mesmo a ser incorporado como novo modelo nas construções de outras habitações que estão fora do âmbito do empréstimo concedido pela lei

¹¹⁴ *Ibidem*

¹¹⁵ Termo usado por Vítor Figueiredo, para se referir aos requerentes dos projectos. Este termo era empregue pelo Arquitecto Cassiano Branco, umas das suas referências de arquitectura para temas como o papel do arquitecto, entre outros.

n.º 2092. Se a resposta for passiva terá igualmente um carácter violento e imprevisível na relação com a pessoa e com o meio onde se insere, mas no final poderá resultar numa violência negativa, consequência de um processo sem a existência de um diálogo e reflexão. Vítor Figueiredo não retira a hipótese de manter as pretensões iniciais do requerente, que através do diálogo e reflexão possam ser válidas ou não.¹¹⁶ A intenção é melhorar o programa e procurar dar algo que considere importante, o *espírito do programa*, um *espaço supérfluo*.

*O programa é sempre interpretado no sentido de, no caso de habitação, procurar dar uma mais valia, algum espaço supérfluo, alguma coisa que tenha a ver: "se tens dinheiro para comprar um pão e manteiga compra pão e uma rosa". Conhecês a minha frase, já me conheces, já me ouviste. Se isso é interpretar um programa, se isso é a função do arquitecto, eu penso que sim.*¹¹⁷

Este processo de reflexão sobre a resposta ao programa é uma característica transversal aos seus projectos e processo de trabalho, traduzida numa *procura de qualquer coisa que seja real*,¹¹⁸ ou na não recusa de *dado algum do real*,¹¹⁹ considerando a realidade dinâmica e não estática, sendo sempre necessária a aplicação do “*critério de experiência*”.

O tipo de abordagem ao programa que faz aplica-se também noutros casos que descreve ao longo do discurso, confirmando ao mesmo tempo a visão desmistificada do mundo em que não existe uma diferença entre nós e os outros. A mesma violência e posição de reflexão em relação

¹¹⁶ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Dias, M. G. (2001). Choro dos Arquitectos. *Jornal dos Arquitectos*, n.º 199, Janeiro / Fevereiro, pp. 25-33.

¹¹⁷ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

¹¹⁸ Vítor Figueiredo quando se refere ao projecto da Mitra, onde considera que esteve mais perto de atingir esse objectivo. In: Figueiredo, V. (1996). Comunicação em Conferência na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

¹¹⁹ Figueiredo, V. (1959). *Habitação em S. João do Estoril*. Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto (CODA) – Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Acedido em: 30 de Março de 2019 em: <https://hdl.handle.net/10405/48143>

ao programa, no sentido de procura de uma resposta que se adequa à realidade em questão, é descrita na história do que considera provocatoriamente o seu melhor programa, uma casa na Figueira da Foz para o Dr. Vítor Nogueira e para a sua mulher.

Posso-te dizer que o melhor programa que eu fiz está na Figueira da Foz. Na Quinta da Azenha Velha, do Dr. Vítor Nogueira. Ele tinha comprado um terreno ali para as Abadias e queria fazer uma casa. E chamou-me para fazer um projecto para a sua moradia. Principiei a falar com ele, com a sua mulher, e cheguei à conclusão que ela gostaria de ter um quarto grande, para ter as suas coisas, porque tinha necessidade de estar sozinha. Quanto ao Vítor, também cheguei à conclusão de que tinha uma paixão muito grande pelo campo, e por vacas! Cheguei a certa altura e disse-lhe "o melhor é venderem este terreno e andarem à procura aqui, à volta da Figueira da Foz, para terem o que querem". Eles seguiram o meu conselho. Compraram a Quinta, com a casa, as alterações são mínimas, e algumas ainda consegui controlar. Portanto, é o melhor projecto que eu fiz. Não era num lote de terreno que ele teria aquilo que queria.¹²⁰

Com esta história Vítor Figueiredo pretende demonstrar o papel do arquitecto, que *passa também por conseguir compreender muito bem o que as pessoas não sabem às vezes formular*, através de um *diagnóstico em profundidade*, de forma a *descobrir o que é que interessa*.¹²¹ A resposta da solução que apresenta é uma vez mais usando o “*critério da experiência*”, que permite adequar o projecto aos dados recolhidos da realidade. Este critério é usado tanto para um agricultor de Riachos (Santarém), como para um médico na Figueira da Foz, não fazendo distinção na forma igualmente *violenta*, que responde ao tipo de programa seja de promoção pública ou privada.

¹²⁰ Entrevista a Vítor Figueiredo. In Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra; In: Dias, M. G. (1993). Vítor Figueiredo. *Arquitectura e Decoração*. RTP2, 10 de Março. Acedido em: 2 de Março de 2019 em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/vitor-figueiredo/>

¹²¹ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Dias, M. G. (2001). Choro dos Arquitectos. *Jornal dos Arquitectos*, n.º 199, Janeiro / Fevereiro, pp. 25-33.

Quando Vítor Figueiredo aplica o “*critério da experiência*” aos seus projectos de habitação social sem utilizador definido, tem a consciência que está a fazer *pronto a vestir* ¹²², onde as pessoas para quem projecta passam a ser uma entidade abstracta, já que não se sabe para quem se está a construir.¹²³ Nesse sentido descreve como, com humor, apelidava os novos utentes abstractos de “*queridos*”, explicando que era uma forma de denúncia ao que considera ser uma atitude paternalista e um conjunto de ideias pré-concebidas com que se podia partir para os projectos de habitação social.¹²⁴

O termo “*queridos*” encerra em si a essência da visão do mundo sobre nós e os outros. Ao mesmo tempo revela a necessidade de Vítor Figueiredo criar uma autoridade à falta de um *cliente directo*. Desta forma usa numa escala diferente o tema mais abrangente sobre a liberdade em contraponto à autoridade neste caso aplicado aos requerentes.¹²⁵

As pessoas vivem, não quer dizer que vivam... eu nunca vivi em nenhuma barraca, também nunca vivi em nenhum palácio, mas também não estão tão distantes como se possa pensar de nós. ¹²⁶

¹²² Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

¹²³ *Ibidem*

¹²⁴ Entrevista a Vítor Figueiredo (registo vídeo). In: Dias, M. G. (1993). Vítor Figueiredo. *Arquitectura e Decoração*. RTP2, 10 de Março. Acedido em: 2 de Março de 2019 em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/vitor-figueiredo/>

¹²⁵ Entrevista a Vítor Figueiredo (registo áudio). In: Zúquete, R. (2000). *Ensaio sobre Habitação Social, Portugal 1950/80, uma análise dialógica*. Tese de Doutoramento. Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona da Universidade Politécnica da Catalunha.

¹²⁶ *Ibidem*

A Miquelina, O Hitler e a África do Sul

Na resposta ao projectos de habitação social para os utentes abstractos, os “queridos”, considera que o programa tem objectivamente condicionantes de custo e áreas mínimos, que se esforça por não encarar como *espartilhos*,¹²⁷ mas como dados de projecto. Reconhece que tanto na sua vida como no seu trabalho procura estar atento às formas subtis de segregação que, no caso dos projectos habitações sociais podem ser reveladas a partir de uma resposta passiva aos dados do programa. Por segregação entende a existência de sinais, que marquem e permitam identificar diferenças sociais e económicas das pessoas que vivem nesses edifícios em relação aos outros no meio construído onde estão inseridos. Para ilustrar o que pretende dizer com essas marcas descreve exemplos limite do que considera ser uma segregação premeditada:

*O Hitler marcou os judeus pondo-lhe a Cruz de David ao peito. Na África do Sul, nos tempos do racismo, pintavam os telhados ... Eu penso que já ouviste isso. Portanto, segregar não é comigo. Não é que isto corresponda a humildade, não é humildade, é respeito pelas coisas, respeito paciente.*¹²⁸

Para além das marcas mais evidentes, Vítor Figueiredo considera que se pode marcar com sinais mais subtis, quase inconscientes que provoquem a não desejada segregação. A atitude com que procura conter a segregação é o *pudor e relutância*,¹²⁹ através da recusa de uma necessidade de afirmação do arquitecto e de uma *arquitectura de ponta, de pesquisa*,¹³⁰ ilustrada pela história que conta da Miquelina.

¹²⁷ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Gonçalves, R. e Santos, D. V. (1999). *Entrevista a Vítor Figueiredo. Documentos de Arquitectura*, n.º 2.

¹²⁸ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

¹²⁹ *Ibidem*

¹³⁰ Entrevista a Vítor Figueiredo (registo áudio). In: Zúquete, R. (2000). *Ensaio sobre Habitação Social, Portugal 1950/80, uma análise dialógica*. Tese de Doutoramento. Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona da Universidade Politécnica da Catalunha.

Na Figueira da Foz, tu conheces, há um clube chamado a Naval 1º de Maio, e na sua sala, onde se jogava basquete, havia uns bailes. e contava a minha mãe que tinha muito humor... Havia uma senhora que levava a filha ao baile - naquela altura as mães levavam as filhas ao baile. A senhora lá juntou o seu dinheiro e comprou uns anéis e umas correntes de ouro. A filha não era nenhuma beleza especial, e estava sentada lá nas cadeirinhas à volta. E, de vez em quando, alguém ia buscar uma menina para dançar e ia para o esfrega. E a rapariga lá estava e ninguém a ia buscar. Então, a mãe dizia para a filha: "Miquelina, põe a mão ao desdém, mostra os anéis, filha." ¹³¹

O que Vítor Figueiredo pretende demonstrar ao contar a história da Miquelina é a procura pelo seu contrário, o desejo de remeter a obra para uma condição de anonimato com o objectivo de recusar um tipo de marcação que consequentemente poderia ter um efeito de hierarquização entre pessoas, condicionada através da arquitectura.

O arquitecto, obviamente detém esse poder, de influenciar a vida das pessoas. É inevitável. A não ser aquela arquitectura que é perfeitamente inócua, que de facto agride as pessoas no seu pior, não lhes acrescenta nada, não tenta alterar a ordem do mundo. ¹³²

Para explicar a mesma atitude de contenção usa a expressão, *esconder da mão*,¹³³ que apesar das semelhanças com a história da Miquelina, explica que é uma expressão utilizada pelos canteiros. Esta atitude do *esconder da mão* salienta que pode ser materializada na arquitectura através de referências, que sejam menos óbvias ou que pertençam a um passado mais ou menos distante, através do reconhecimento de características que possam ser interpretadas e reditas de uma outra forma. Esta atitude desenvolvida nos projectos de habitação social, reflete-se também nas obras seguintes.

¹³¹ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

¹³² *Ibidem*

¹³³ Entrevista a Vítor Figueiredo (registo áudio). In: Zúquete, R. (2000). *Ensaio sobre Habitação Social, Portugal 1950/80, uma análise dialógica*. Tese de Doutoramento. Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona da Universidade Politécnica da Catalunha.

Neste sentido para responder a um programa de habitação para o utente abstracto e garantir a condição de anonimato e hierarquização social, usa as referências das características que reconhece nas casas que lhe são próximas e fazem parte da sua experiência enquanto pessoa e arquitecto. Vítor Figueiredo considera que o arquitecto tem sempre um papel social no desenvolvimento de qualquer projecto.

Primeiro que tudo, nós somos cidadãos, somos seres, somos utentes do mundo. E que devemos verter na nossa prática aquilo que somos, disso não tenho dúvidas. ¹³⁴

Das suas casas para as casas dos outros

Das suas casas, as *casas antigas*, ¹³⁵ considera que são *casas muito simples, mas de grande qualidade*. ¹³⁶ Estas casas constituem uma referência arquitectónica que sempre o acompanhou ao longo da vida, desde a Figueira da Foz, onde viveu até aos dezasseis anos, passando pelo Porto, onde viveu junto à antiga Escola de Belas Artes. Quando vem para Lisboa, apesar de ir viver para uma casa no Bairro das Estacas ¹³⁷, junto à Avenida de Roma, que identifica como sendo de *arquitectura moderna* ¹³⁸, estabelece logo o seu atelier numa casa com características semelhantes às anteriores, na Rua da Escola Politécnica. ¹³⁹

¹³⁴ Entrevista a Vítor Figueiredo. In Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

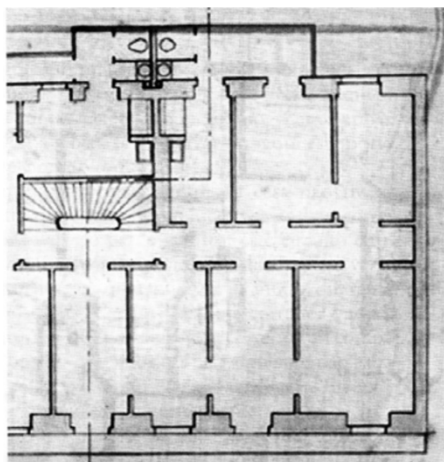
¹³⁵ Entrevista a Vítor Figueiredo. In Alarcão, P. (1997). *Trabalho de Síntese. A Materialização do Espaço Interior*. Prova de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica em Arquitectura - Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

¹³⁶ *Ibidem*

¹³⁷ O bairro das estacas a que se refere é da autoria de Ruy Jervis d'Athouguia, um arquitecto modernista.

¹³⁸ Entrevista a Vítor Figueiredo. In Alarcão, P. (1997). *Trabalho de Síntese. A Materialização do Espaço Interior*. Prova de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica em Arquitectura - Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

¹³⁹ *Ibidem*



2. Planta do atelier de Vítor Figueiredo,
Rua da Escola Politécnica n.º 92, 2.º piso
Arquivo Municipal de Lisboa



3. Vista da Rua da Escola Politécnica para o edifício do
atelier de Vítor Figueiredo
Arquivos RTP, <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/vitor-figueiredo/>

*Portanto, se fossemos contar em horas, de vida minha, eu vivi sempre neste mundo. (...) Este é muito o meu mundo, e não é um mundo palaciano, é habitação corrente e normal.*¹⁴⁰

O *mundo* constituído por estas habitações é a referência fundamental quando fala sobre as obras de habitação social. Da experiência destas habitações, que fazem parte da sua própria vida, reconhece-lhes a fascinante combinação paradoxal entre características arquitectónicas racionalistas e orgânicas. É seu desejo criar uma continuidade destas características e recontar as histórias destas habitações através das suas obras, como forma de acrescentar algo a este mundo.¹⁴¹ Pretende assim que as casas que cria se aproximem, o mais possível, das mesmas características encontradas nestas habitações, como forma de materialização da concepção que tem do mundo, onde não existem diferenças entre *nós e os outros*, com a atitude de pudor e consciência social com o objectivo de evitar a segregação.

¹⁴⁰ Entrevista a Vítor Figueiredo. In Alarcão, P. (1997). *Trabalho de Síntese. A Materialização do Espaço Interior*. Prova de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica em Arquitectura - Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

¹⁴¹ Entrevista a Vítor Figueiredo. In Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

*O pudor é, para mim, uma coisa que se perdeu muito na arquitectura ... Tu vês que há uma arquitectura anónima em Lisboa, na Figueira da Foz também há na parte velha, onde tinham o cuidado de fazer as janelinhas. Não eram grandes obras-primas, mas eram obras cuidadas, da pessoa que fazia a coisa com uma certa delicadeza, um certo gosto.*¹⁴²

A *habitação corrente e normal*¹⁴³ a que se refere, corresponde a um tipo de edifícios de rendimento construídos para a classe média, por todo o território urbano nacional, durante o período pós-pombalino, entre o século XIX e a primeira metade do século XX, até ao aparecimento do betão armado na construção. A construção pós-pombalina era caracterizada pela normalização da estrutura e dos elementos de construção, onde se incluíam as caixilharias e cantarias dos vãos, que tendiam para uma pré-fabricação permitindo assim uma redução de custos e tempo de construção.

A leitura que Vítor Figueiredo faz destes edifícios, a *simplicidade*, refletida na repetição e austeridade da linguagem aliada a uma grande qualidade arquitectónica e construtiva através da administração criteriosa de recursos, são as três das características racionalistas principais, indissociáveis entre si, que transporta para a formulação das respostas aos programas de habitação social.

Portanto, a habitação social com os limites de custo de categoria I, - não generalizemos - o dinheiro que eu tinha era pouco e tinha que dar às pessoas o máximo que podia dar, e segundo a descrição. Não é a austeridade, é a descrição. Normalmente não lhes oferecia muito, não os

¹⁴² *Ibidem*

¹⁴³ Entrevista a Vítor Figueiredo. In Alarcão, P. (1997). *Trabalho de Síntese. A Materialização do Espaço Interior*. Prova de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica em Arquitectura - Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

*excitava, não os estimulava, mas dava-lhes uma situação neutra, onde de facto tudo podia acontecer.*¹⁴⁴

Simplicidade e Qualidade

Esta identificação de características, particularmente a linguagem austera e de repetição que conferem ao edifício um carácter anónimo aliado ao máximo de qualidade construtiva e arquitectónica é o que lhe interessa reter a partir da leitura que faz das suas casas. Esta análise objectiva deste tipo de edifícios é possível pelo conhecimento que adquiriu sobre o movimento racionalista durante formação académica, como refere no CODA.

*Servir o real não é rejeitar totalmente as aportações inegáveis do racionalismo e a ascese real que ele significa para a arquitectura.*¹⁴⁵

Interessa-lhe assim usar a estética racionalista, aparentemente estática, destes edifícios, com o reconhecimento das qualidades que estão além do racionalismo e que lhe conferem o seu carácter humano. Esta leitura de características considera-se a demonstração da aplicação do “*conceito de experiência*”, que Vítor Figueiredo reflete no CODA, como condição fundamental para a explicação e justificação com vista à validação da arquitectura. Neste caso, salienta-se a capacidade de Vítor Figueiredo em colocar em prática o “*conceito de experiência*” ao fazer uma leitura objectiva imersiva a partir de uma realidade da qual faz parte, o seu próprio mundo.

¹⁴⁴ Entrevista a Vítor Figueiredo (registo áudio). In: Zúquete, R. (2000). *Ensaio sobre Habitação Social, Portugal 1950/80, uma análise dialógica*. Tese de Doutoramento. Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona da Universidade Politécnica da Catalunha.

¹⁴⁵ Figueiredo, V. (1959). *Habitação em S. João do Estoril*. Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto (CODA) – Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Acedido em: 30 de Março de 2019 em: <https://hdl.handle.net/10405/48143>

Compartimentos

Neste tipo de edificios a posição da estrutura e das paredes interiores coincidem, refletindo-se directamente na compartimentação espacial interior. O carácter modular de métrica flexível da estrutura resultava num elevado número de compartimentos com dimensões semelhantes entre si. A leitura que Vítor Figueiredo faz destas casas assenta na observação objectiva e imersiva deste facto.

Segundo Vítor Figueiredo o facto de os compartimentos das habitações apresentarem dimensões semelhantes entre si, introduz uma indefinição funcional que permite uma flexibilidade funcional na sua apropriação. Essa flexibilidade funcional permite diferentes apropriações ao longo do tempo e a adaptação a diferentes conjuntos de pessoas. Desta forma era possível a rotação e atribuição de diferentes funções diversas ao mesmo compartimento, conferindo um carácter dinâmico ao espaço da habitação, ao contrário das funções estáticas presente nas habitações de *arquitectura moderna*.

Para além das dimensões semelhantes, o facto destas habitações serem muito compartimentadas tornava possível ainda a existência de espaços supérfluos que não eram ocupados com as funções principais de sala e quartos. Nesse sentido é possível uma ocupação destes espaços extra com funções específicas ou mesmo com subdivisões das funções principais. Estes espaços extra reforçam também o carácter dinâmico da apropriação deste tipo de habitações, tendo por base, e contraditoriamente, a rigidez espacial imposta por um sistema construtivo racional.

Eu sou do tempo. Se conheceres alguém de 60 ou 70 anos que seja urbano. Antigamente alugavam-se casas e dentro da própria casa, a sua distribuição era de tal ordem que, de repente, a família mudava a sala para um sítio e o quarto para o outro, mudava o seu próprio habitat dentro do mesmo espaço. A classe média, com algumas posses, alugava casas com divisões de dimensão tal, que era possível fazer a sala de jantar num sítio, a sala estar num outro, a costura noutro. Até que um dia havia uma revolução. Numa casa destas de habitação de dimensões mínimas, tu pões lá os

móveis e ficam eternamente lá colados. Eu não sei, eu também sou um homem velho! Portanto, há uma vivência destas, de observar as coisas, embora não sendo arquitecto apaixonado. ¹⁴⁶

O que Vítor Figueiredo salienta com este exemplo é o lado supérfluo de carácter dinâmico, que caracterizava a vivência neste tipo de habitações, a flexibilidade funcional e os espaços extra que permitiam um tipo de vivência muito para além do que seria considerado estritamente necessário. São este tipo de características supérfluas que pretende reinterpretar nas obras de habitação social. Na procura da formulação do tipo de resposta ao problema da falta de habitação, Vítor Figueiredo enuncia o problema recorrente a que tem de responder: Como é que as características das suas casas são transportadas para as casas dos outros com áreas e recursos financeiros reduzidos ao mínimo? Com a consciência que nas habitações sociais não é possível ter dimensões e números de compartimentos que permitam a mesma flexibilidade funcional, o que tenta é acrescentar algo mais ao programa dado, um lado supérfluo que aproxime o mais possível as duas realidades.

De facto, fizemos, são pequenas, como quando a gente tem pouco dinheiro tem que inventar pouca coisa, não é? Digamos há um pouco a história se eu tiver para dois pães talvez compre um pão e uma rosa, ou um pão e manteiga, ou um pão e margarina, quero dizer isso depende, ou talvez compre um bilhete para ir ver o mar e coma o pão no mar, não é, em vez de comprar dois pães. Isso é com pequenas coisas fazê-las vibrar e conseguir algo. ¹⁴⁷

Neste sentido, por um lado, manipula as áreas das habitações, numa visão de conjunto sobre os edifícios, não seguindo rigorosamente as tipologias pedidas no programa dado. Vítor

¹⁴⁶ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

¹⁴⁷ Entrevista a Vítor Figueiredo (registo audiovisual). In: Dias, M. G. e Colaço, I. (1993). Vítor Figueiredo. *Arquitectura e Decoração*. RTP2, 10 de Março. Acedido em: 2 de Março de 2019 em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/vitor-figueiredo/>

Figueiredo faz um esforço para redistribuir a área total disponível de forma a aproximar as áreas das habitações entre si, e introduzir o maior número possível de habitações de tipologia T3, por entender que é a tipologia que melhor se adequa ao maior número de variações de conjuntos de pessoas. Existe assim a preocupação em conferir a característica da flexibilidade identificada nas suas casas através da aproximação das tipologias.

*Nos programas habitacionais queriam 50 fogos, então eles punham muitos T2 (30 T2), 10 T3 e 10 T4. O que era uma coisa que eu procurava contrariar fazendo batotas, porque um T3 resolve o problema de uma família, mesmo que tenhas quatro filhos resolve, um T2 já não resolve. Se quiseres, podes pôr seis filhos num T3, e tu dormes no outro quarto. Em termos de habitação económica - nas cooperativas - nos países nórdicos, a coisa era rotativa. Tu casavas e ocupavas um T2 ou um T1, depois com os filhos mudarias para outra habitação. Aqui não, quem estava na casa nunca mais saía de lá. Chegaram a ir para T2 casais já com filhos de sexo diferente, porque não ganhavam dinheiro suficiente para pagar a renda que era atribuída a um T3. Eu procurava contrariar, fazia batota no anteprojecto: quando chegava ao projecto em vez de fazer 30 T2, fazia 20 T2 e fazia mais T3, depois dizia que me tinha enganado, e enfim lá arranjava uns processos esquisitos de passar pelas máquinas. Mas isso era uma atitude de brincadeira.*¹⁴⁸

Por outro lado, há também uma manipulação das proporções e áreas entre os vários compartimentos da habitação, que não correspondem igualmente às áreas definidas para cada compartimento no programa inicial. Nos compartimentos que correspondem aos quartos são lhes retirada parte da área, reduzindo os quartos ao mínimo estritamente essencial. As salas são também reduzidas e aproximam-se à área e proporção dos quartos. A base desta manipulação parte uma vez mais das características identificadas nas suas casas, o facto dos compartimentos se assemelharem espacialmente entre eles. Neste caso o objectivo é conseguir ter um excesso de área, por mais pequeno que possa ser, de forma a permitir a existência de *pequenos espaços a mais, pequenas coisas*¹⁴⁹, que não fazem parte do programa inicial, o lado supérfluo de carácter subjectivo. Existe, portanto, uma ordem de importância que privilegia os pequenos

¹⁴⁸ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

¹⁴⁹ *Ibidem*.

espaços a mais, tornando-os o foco principal, passando para um plano secundário os compartimentos que têm de responder especificamente a uma função. No seu discurso esta ordem de importância é explicada através da história dos *5 contos a mais*:

*Se tu ganhares 100 contos por mês, vives muito bem com 100 contos, tens o teu, pagas a prestação da casa, do automóvel, se quiseres 1000 ou 500. O que é importante para ti, se eu te der 5 contos a mais, esses é que te marcam e podem provocar uma pequenina alteração da tua vida.*¹⁵⁰

Entrada

Nas suas habitações, Vítor Figueiredo reconhece também que o dinamismo conferido pela flexibilidade funcional da área e número dos compartimentos, pode ser reforçado ainda pela largura dos corredores de algumas destas casas. O corredor é simultaneamente o espaço de entrada na habitação e o sistema de articulação entre os vários compartimentos. Em muitos casos neste tipo de habitações o corredor tem uma largura considerada generosa, assumindo uma posição de centralidade relativamente aos restantes compartimentos, como é o caso do seu atelier. Vítor Figueiredo salienta a sensação de *desafogo* no momento de entrada na habitação e a possibilidade de serem colocados equipamentos domésticos, que pela sua natureza, não têm uma localização específica, como refere:

*Nas casas antigas os corredores eram largos. Antigamente, havia equipamentos para outros espaços, havia arcas, maples, coisas que só poderias pôr em corredores. Se quiseres pôr as tuas coisas, hoje, em tua casa não tens espaço para isso.*¹⁵¹

¹⁵⁰ Entrevista a Vítor Figueiredo (registo áudio). In: Zúquete, R. (2000). *Ensaaios sobre Habitação Social, Portugal 1950/80, uma análise dialógica*. Tese de Doutoramento. Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona da Universidade Politécnica da Catalunha.

¹⁵¹ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

A leitura de Vítor Figueiredo sobre a largura dos corredores confere a este compartimento uma maior indefinição funcional, quando comparado com espaços semelhantes na habitação mais recente de *arquitectura moderna*, que são apenas espaços de circulação. Mas esta leitura de indefinição não se limita à sua funcionalidade, estendendo-se naturalmente ao seu carácter espacial híbrido, de momento de entrada, circulação, articulação e centralidade com possibilidade de apropriação.

As características do corredor destas habitações, consequência das proporções ambíguas, considerando-se mais *largo* do que seria estritamente necessário, abre hipóteses a leituras igualmente ambíguas. A descrição destas características podia referir-se a um pátio interno de uma habitação, neste caso, coberto. Apesar de Vítor Figueiredo nunca referir este termo pode-se afirmar que o corredor, pela sua ambiguidade e posição relativa, é uma entidade espacial entre um corredor e um pátio interno coberto, um espaço central dinâmico.

O que Vítor Figueiredo pretende ao reinterpretar esta característica nas obras de habitação social era acima de tudo criar a sensação de desafogo no momento de entrada em casa, como o que sente quando entra nas suas casas, tornando possível a sua apropriação pela sala de jantar subdividindo as funções da sala. Deste modo tentava conferir à habitação mínima uma alteração da percepção psicológica da sua dimensão, pelo menos no momento de entrada. A área que retirava aos restantes compartimentos era vertida neste momento de entrada, o espaço supérfluo, que *redime e acrescenta algo àquele mundo de mínimos*.¹⁵²

E contra aquilo que na altura se dizia teoricamente, que aqui podiam pôr o berço da criança e a máquina de costurar e o trabalho extra, era mentira. O que eles queriam, o que eles gostavam era daquela sensação de desafogo, onde tinham a mesa, ou não tinham nada. Se tinha uma função, era uma função eventual - de passar a roupa - mas que não estava lá. As teorias do Chombard-de-Lauwe e de outros patetas era que estes espaços teriam uma multifunção. Não tinha nenhuma,

¹⁵² Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Gonçalves, R. e Santos, D. V. (1999). *Entrevista a Vítor Figueiredo. Documentos de Arquitectura*, n.º 2.

*as pessoas não o usavam assim. As pessoas tinham era aquele respirar de entrar numa coisa grande.*¹⁵³

A importância que atribuía a este tipo de situações desafogadas de entrada e articulação entre os compartimentos é demonstrada na história que conta sobre o discurso de apresentação de um aluno, sob sua orientação, numa fase embrionária do desenvolvimento de um exercício sobre uma habitação abstracta.

*Um espaço central a partir do qual se organizam, como coisas secundárias, a sala, os quartos, a cozinha, isto e aquilo. Era a festa de entrar no espaço, num espaço festivo, e depois ter adjacente a ele tudo o resto.*¹⁵⁴

Descreve esta história como um desgosto, pelo aluno em causa não ter conseguido resolver o exercício com a história que formulou. Apesar disso considera-se que esta história demonstra a formulação abstracta da resposta espacial utilizada por Vítor Figueiredo na sua obra de habitação social, onde reduzia ao mínimo essencial, em termos de vivência, as áreas dos compartimentos do programa para fazer um espaço o mais *festivo* possível no acesso à habitação. Como esta manipulação das áreas e da ordem de importância programática tem um carácter muito abstracto, Vítor Figueiredo adverte que:

*Isto não tem nada a ver culturalmente com situações de um corredor, e uma sequência de quartos. Que não é mais nem menos que a pobreza do Mac Donalds... Eu não te estou a falar de arquitectura, que eu não sei falar de arquitectura. Estou-te a falar de coisas mais sérias, do suporte de uma actividade profissional que é a arquitectura.*¹⁵⁵

¹⁵³ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

¹⁵⁴ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Dias, M. G. (2001). Choro dos Arquitectos. *Jornal dos Arquitectos*, n.º 199, Janeiro / Fevereiro, pp. 25-33.

¹⁵⁵ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra. Neste caso refere-se à obra de Aveiro, onde reconhece que usou o mesmo

Em abstracto é uma forma dinâmica de pensar o espaço enquanto relação entre duas entidades abstractas, sem escala, forma, organização, localização ou teoria definidas. Em concreto o espaço central pode assumir a entidade espacial que se entender, assim como os espaços secundários, resultando a forma e as dimensões da relação destes dois sistemas condicionado por um terceiro, as circunstâncias externas, a realidade nas suas várias dimensões. Nesta leitura abstracta é possível reconhecer as características espaciais e de vivência que observa nas suas casas.

Circuito

A leitura do dinamismo nestas casas não se esgota no corredor e nos compartimentos. Vítor Figueiredo observa ainda que em algumas casas, como no seu próprio atelier, que existem relações directas entre compartimentos através de portas. Este facto resulta numa multiplicação das hipóteses de relação entre compartimentos e um consequente aumento do dinamismo de quem habita estas casas. Uma das hipóteses é a inauguração de circuitos no interior da habitação em conjunto com o corredor, conferindo-lhe um carácter infinito, *que o prolonga para além do reduto fechado das suas paredes.*¹⁵⁶

*É muito diferente, se me mostrares o projecto de tua casa, vais ver que é um corredor que fica confinado. É um pouco a história deste atelier. Este corredor é acompanhado por esta sucessão de portas e aqui já está isso, que era uma coisa que me agradou extremamente.*¹⁵⁷

truque, que usava nas obras de habitação social, apesar de se tratar de um programa escolar universitário com índices de áreas e recursos financeiros já muito mais elevados do que nos programas de habitação social.

¹⁵⁶ Figueiredo, V., Sousa E. T., Gil, J. (1973) Memória Descritiva do Estudo Base do Conjunto habitacional de Chelas. PUC-Zona N2. IRHU/ SIPA, espólio de Vítor Figueiredo, PT VF-TXT 000067. Apesar de não se aplicar especificamente a ideia de percurso ao fogo a que se refere esta memória descritiva, a ideia é recorrente em cada projecto.

¹⁵⁷ Entrevista a Vítor Figueiredo (registo áudio). In: Zúquete, R. (2000). *Ensaio sobre Habitação Social, Portugal 1950/80, uma análise dialógica*. Tese de Doutoramento. Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona da Universidade Politécnica da Catalunha.

Esta leitura comparativa, onde existe o circuito em conjunto com o momento de entrada, flexibilidade funcional e espaços extra, com as casas de arquitectura moderna sublinha a revisão crítica dos fundamentos do funcionalismo levada a cabo por Vítor Figueiredo.

*O termo funcional aparece quando o preço por metro quadrado do terreno aumenta. Inventa-se uma teoria de que o espaço deve ser funcional, pré-estabelecendo e limitando o seu uso, quando funcional é o que se quer fazer nele.*¹⁵⁸

A partir da análise objectiva imersiva das suas casas, identifica uma leitura subjacente que não é visível num primeiro olhar: a abertura por parte destas habitações a um diálogo subjectivo com quem nelas vive, neste caso no tipo de relações supérfluas, que alteram também a percepção do espaço e sua apropriação. No seu entender esta leitura deixa de existir na *arquitectura moderna* considerada racionalista. No CODA apresenta uma reflexão com uma visão crítica mais ampla, confirmada por esta leitura que faz das casas:

*O racionalismo tinha forçosamente de trair o homem que é subjectividade para além do volume de ar que aspira e dos metros quadrados sem os quais se morre.*¹⁵⁹

A ideia de circuito acompanha-o nas obras de habitação muitas vezes como desejo, sendo raros os exemplos da sua aplicação no interior das habitações que projecta. Apesar disso esta dimensão de continuidade espacial dinâmica é reinterpretada em muitos casos na escala do edifício, quando desenha os seus acessos e na escala urbana, em relação à envolvente, contrariando sempre que possível a ideia de *cul-de-sac*.

¹⁵⁸ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Amaral, R. e Neves V. (2001). Vítor Figueiredo. *Arq.a*, Setembro / Outubro, pp.19-25.

¹⁵⁹ Figueiredo, V. (1959). *Habitação em S. João do Estoril*. Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto (CODA) – Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Acedido em: 30 de Março de 2019 em: <https://hdl.handle.net/10405/48143>

*Eu dizia sempre que não é o cul-de-sac, dá uma outra dimensão à casa, a criança anda a correr para não levar o tabefe da mãe ou do pai, e faz isto, isto aqui existe. E acompanha-me nos Olivais, acompanha-me em várias coisas, acompanha-me como desejo muitas vezes.*¹⁶⁰

Acontecimentos

Da leitura que Vítor Figueiredo faz sobre o interior das *casas antigas* salienta também que as paredes e tectos não são *lisas*, têm *acontecimentos* considerando-os como *decoração*. Esses *acontecimentos* materializam-se através de sancas em gesso, rodapés, portadas e alizares dos vãos em madeira pintada, que assinalam momentos de transição entre os elementos principais da construção. O facto de Vítor Figueiredo designar esses elementos como *acontecimentos* ou *decoração*, reflete que tem a consciência de que são acidentes, no sentido em que não são estritamente necessários para a funcionalidade de um determinado compartimento, mas isso não os torna absurdos, cumprindo uma função de caracterização supérflua do compartimento. Esses acidentes introduzem uma complexidade através de vibrações subtis, que provocam linhas de sombra e variações cromáticas (mesmo dentro do mesmo espectro cromático). Vítor Figueiredo reconhece que com estas características se aumentam as hipóteses de apropriação deste tipo de compartimentos, onde no limite pode não existir nada para além desta *decoração*.

*Já tem alguma decoração, os vãos já são guarnecidos, já tem as portadas, já tem acontecimentos. O tecto já tem acontecimentos, não é só um tecto liso, o rodapé não é só uma tábua de madeira; já tem isso tudo, portanto aguenta muito mais. Ou quase nada, aguenta ter o mínimo de equipamento necessário e não ter um único quadro na parede, o que eu duvido que numa casa moderna se consiga.*¹⁶¹

¹⁶⁰ Entrevista a Vítor Figueiredo (registo áudio). In: Zúquete, R. (2000). *Ensaaios sobre Habitação Social, Portugal 1950/80, uma análise dialógica*. Tese de Doutoramento. Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona da Universidade Politécnica da Catalunha.

¹⁶¹ Entrevista a Vítor Figueiredo. In Alarcão, P. (1997). *Trabalho de Síntese. A Materialização do Espaço Interior*. Prova de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica em Arquitectura - Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Esta leitura reforça uma vez mais o carácter supérfluo deste tipo de habitações, a partir de um elemento *decorativo* que poderia ser considerado frívolo ou mesmo de mau gosto. O termo *decoreação*, neste caso, é usado para referir uma caracterização elegante e cuidada através de pequenos detalhes do espaço proposto que produzem o seu ambiente. A postura oposta será a de justaposição de elementos decorativos que redefine o ambiente inicial. A diferença pode ser muito subtil, assim como Vítor Figueiredo identifica nos exemplos de marcas de segregação das histórias da Miquelina, Hitler e África do Sul.

*Portanto, eu tenho muita dificuldade de funcionar com a chamada parede lisa. Foi há pouco tempo que eu cheguei a esta conclusão, mas, de facto, toda a minha vida foi a viver nestas coisas, é natural que me identifique mais com elas.*¹⁶²

Esta caracterização acontece tanto no interior das habitações, como no exterior de edifícios um pouco por toda a cidade de Lisboa, como Vítor Figueiredo observa. Esta caracterização exterior refere-se a acontecimentos marcados por ressaltos e recuos no reboco, que poderiam ser também em tijolo ou azulejo, a nível das *fenestranças e todos estes traços que acompanham o edifício*,¹⁶³ à semelhança dos tectos trabalhados em gesso, rodapés e alizares dos compartimentos. O cultivar de uma observação atenta através da deambulação tem um paralelismo com as chamadas de atenção de Januário Godinho ao seu amigo Leal, durante os percursos para o almoço, que Vítor Figueiredo relembra no discurso.¹⁶⁴

¹⁶² Entrevista a Vítor Figueiredo. In Alarcão, P. (1997). *Trabalho de Síntese. A Materialização do Espaço Interior*. Prova de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica em Arquitectura - Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

¹⁶³ Entrevista a Vítor Figueiredo (registo áudio). In: Zúquete, R. (2000). *Ensaio sobre Habitação Social, Portugal 1950/80, uma análise dialógica*. Tese de Doutoramento. Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona da Universidade Politécnica da Catalunha.

¹⁶⁴ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Gonçalves, R. e Santos, D. V. (1999). *Entrevista a Vítor Figueiredo*. *Documentos de Arquitectura*, n.º 2.

Como exemplo refere os edifícios situados mesmo ao lado do seu atelier, para além dos edifícios de Cassiano Branco, na Avenida Álvares Cabral, assim como no bairro das colónias e em edifícios dos anos 40, 50 e 60.¹⁶⁵ Apesar de não referir os traços específicos dos edifícios pós-pombalinos, estes apresentam também acontecimentos ao nível das marcações dos cunhais, socos, cantarias de vãos, platibandas, que poderiam ser em reboco, fingidos de pedra ou pedra Lioz com diversos acabamentos. Vítor Figueiredo acredita que esta caracterização, presente em muitos edifícios de Lisboa, quando aplicada aos edifícios de habitação social que projecta, tem a capacidade de alterar a percepção de uma forma subtil da sua quase inevitável expressão segregativa. Considera que o ensaio deste tipo de soluções expressivas, através de ressaltos e recuos nas paredes se adequa à exiguidade dos recursos económicos destinados a este tipo de habitação. Este tipo de expressão pode ser executado apenas com recurso aos materiais mais económicos utilizados igualmente na construção corrente, o reboco e a alvenaria, sem necessidade de recorrer a materiais onerosos. Considera assim que tenta subverter a ordem, que estaria predestinada, aproximando o tipo de expressão aos restantes edifícios no ambiente construído, em que se insere, através da sua não distinção.

Culturalmente, eu penso que estas coisas de ir buscar coisas que..., redizê-las de outra maneira, mas coisas que estão nas memórias das pessoas é amável, é afável, e ao mesmo tempo é, não digo revolucionário, ao mesmo tempo é mais insidioso, fica mesmo na pessoa, fica lá mais, perdura, porque a pessoa apropria-se, a pessoa não resolve aquilo, aquilo continua a ser uma coisa corrente, mas subliminarmente é muito mais possível. Porque as coisas que deslumbram ou que têm um “bourgeois”, consomem-se num instante. As coisas quando têm uma certa coisa tu não consegues consumi-las, tu voltas lá outra vez e vais sempre descobrindo coisas, é como no cinema.

166

¹⁶⁵ Entrevista a Vítor Figueiredo (registo áudio). In: Zúquete, R. (2000). *Ensaio sobre Habitação Social, Portugal 1950/80, uma análise dialógica*. Tese de Doutoramento. Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona da Universidade Politécnica da Catalunha.

¹⁶⁶ Entrevista a Vítor Figueiredo (registo áudio). In: Zúquete, R. (2000). *Ensaio sobre Habitação Social, Portugal 1950/80, uma análise dialógica*. Tese de Doutoramento. Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona da Universidade Politécnica da Catalunha.

À semelhança das restantes características, os acontecimentos não têm forma definida nem escala, é uma característica dinâmica, podendo ser um acontecimento à escala urbana, do edifício, ou da habitação. Os acontecimentos são situações de detalhe que quebram a regra e assinalam uma transição ou um remate, revelando um cuidado supérfluo na sua execução. Estes detalhes subtis podem ter a capacidade de alterar a percepção de um espaço arquitectónico.

Acessos

*A casa não é feita só da casa, também é feita do seu acesso!*¹⁶⁷

Esta afirmação é muito clara da leitura que faz da relação entre o espaço das *casas antigas* e os seus acessos, articulando-se em continuidade, como uma entidade da mesma narrativa. Considera que os acessos são um elemento dinâmico, considerando-os uma *feira*, que se prolonga para o interior. No fundo, *a feira*, é a característica fundamental que distingue estas casas, o seu carácter supérfluo nas suas diferentes relações e escalas.

*É a feira dos acessos - aliás a feira da escada, dos percursos é uma coisa que me seduz. Há sempre uma liturgia de escada, de acesso, de percurso.*¹⁶⁸

Os acessos para mim foram sempre importantes, quer na concepção do espaço exterior, o espaço que envolvia, e depois até chegar à porta em que a gente mete a chave e entra para o nosso ninho.

¹⁶⁷ Entrevista a Vítor Figueiredo (registo áudio). In: Zúquete, R. (2000). *Ensaio sobre Habitação Social, Portugal 1950/80, uma análise dialógica*. Tese de Doutoramento. Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona da Universidade Politécnica da Catalunha.

¹⁶⁸ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

*O meu pai dizia que a casa era a sepultura em vida... é sempre a procura de qualquer coisa que me alegre a vida.*¹⁶⁹

A *sedução* dos aspectos dinâmicos presentes na arquitectura acompanha Vítor Figueiredo desde os primeiros anos da formação de arquitecto, quando descreve os momentos de observação que fazia das pessoas a sair das escadarias do Éden. No entanto considerava que na altura ainda não conseguia racionalizar o seu objecto de *sedução*, a par das restantes obras de Cassiano Branco espalhadas por Lisboa.¹⁷⁰ A concepção geral de Vítor Figueiredo sobre o espaço confirma esta leitura quando afirma que *não sabe separar* o espaço interior do espaço exterior, considerando que o que é determinante é a sua caracterização espacial e a relação que se estabelecem entre eles, desde a rua à casa.¹⁷¹

Há uma coisa que eu digo muitas vezes, este atelier é assim porque está situado na Rua da Escola Politécnica, transportado para outro sítio seria terrível. Infelizmente estou a experimentar o que é uma certa degradação de um acesso vertical na casa onde vivo - uma construção dos anos 50 ou 60, que é uma peça de arquitectura bastante estimável - que tem uma escada em marmorite. A degradação deste material, que não é muita, mas é de qualquer forma, terrível, comparada com a degradação de um pavimento de madeira, como o deste escritório. E mais terrível ainda é porque o caminho ainda daqui para lá, mesmo sendo muito perto, é um caminho extremamente duro, o piso do pavimento está péssimo, os passeios são estreitíssimos, os carros estacionam em cima dos passeios, é quase uma “descida aos infernos”. Se me derem a mesma casa com o dobro ou o triplo do percurso, mas o percurso for agradável, eu suporto muito melhor aquilo.

¹⁶⁹ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

¹⁷⁰ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Amaral, R. e Neves V. (2001). Vítor Figueiredo. *Arq.a*, Setembro / Outubro, pp.19-25.

¹⁷¹ Entrevista a Vítor Figueiredo. In Alarcão, P. (1997). *Trabalho de Síntese. A Materialização do Espaço Interior*. Prova de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica em Arquitectura - Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Os acessos, escadas, percursos, circuitos, corredores ganham assim uma posição unificadora central de todo o dinamismo, representando em si *a festa* que pretende passar para a os edifícios de habitação social, como forma de *redimir e acrescentar alguma coisa aquele mundo de mínimos*,¹⁷² que conscientemente reconhece ser. Através da história do seu aluno, que parte de um exercício abstrato, Vítor Figueiredo transmite em abstracto a sua *zona de trabalho* em arquitectura nas várias escalas: *um espaço central principal a partir do qual se organizam, como coisas secundárias, a sala, os quartos, a cozinha, isto e aquilo. (...) a festa de entrar no espaço, num espaço festivo, e depois ter adjacente a ele tudo o resto.*¹⁷³

*Repara, ou faço um quarteirão, ou faço as casas de Peniche, estou muito atento aos espaços exteriores que os edifícios geram ou que são gerados pelo espaço aquilo que vocês dizem agora o "espírito do lugar". Há situações objectuais, e outras em que a própria habitação proporciona isso, gera paisagem, ela próprio cria acontecimento. Melhor ou pior, fiz um esforço nesse sentido. Não quer dizer que tenha conseguido. Estou a falar de esforço, estou a falar de tendência, estou a falar de interesse por uma zona de trabalho.*¹⁷⁴

Zona de trabalho

A partir de uma leitura racionalista sobre a arquitectura do ponto de vista da sua qualidade construtiva e arquitectónica, Vítor Figueiredo sobrepõe simultaneamente outras leituras de carácter organicista baseadas na vivência e observação, estabelecendo uma visão erudita sobre a habitação que considera *corrente e normal*. Considera-se que esta leitura poliédrica só é possível apenas pelo conjunto de circunstâncias de vida que rodearam Vítor Figueiredo até aqui: as casas da Figueira da Foz, do Porto e de Lisboa; a formação nas Escolas do Porto e de Lisboa, onde teve acesso ao ponto de vista dominante do racionalismo e modernismo do início

¹⁷² Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Gonçalves, R. e Santos, D. V. (1999). *Entrevista a Vítor Figueiredo. Documentos de Arquitectura*, n.º 2.

¹⁷³ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Dias, M. G. (2001). Choro dos Arquitectos. *Jornal dos Arquitectos*, n.º 199, Janeiro / Fevereiro, pp. 25-33.

¹⁷⁴ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

do século XX, conjugada com a abertura de Carlos Ramos a outros pontos de vista como o organicismo europeu apresentado por Bruno Zevi e o organicismo americano, desenvolvido por Frank Lloyd Wright; o facto de ter desenhado estruturas profissionalmente durante os anos de formação académica; o trabalho e reflexões que apresenta no CODA; as primeiras experiências profissionais.

Considera-se assim que Vítor Figueiredo identifica assim a sua *zona de trabalho* como o espaço que sobra da resposta estrita ao programa pedido, o espaço supérfluo. O espaço supérfluo, considerado o foco principal, é o resultado do espaço secundário adjacente, o espaço reservado ao programa. É na ambiguidade consciente desta relação entre espaços principais e secundários que foca o seu esforço nas várias escalas das suas obras. Como resultado de uma relação, nenhum dos sistemas pode ser dissociado um do outro, uma vez a coerência depende da sua coexistência. É neste sentido que se faz a leitura de cada uma das obras, como o resultado de um processo de interpretação circunstancial desta relação em cada projecto.

*O desenvolvimento de um projecto é um processo, são histórias para cada um. Depende de mim, da fase da minha vida, mais ou menos capaz de construir momentos felizes, mais ou menos capaz de amar um quadro, um filme, uma mulher, o mar ou a planície, das pessoas que estão comigo, das afinidades e curiosidades comuns ou que se vão construindo, são tempos com as suas alegrias e tristezas, certezas e dúvidas, ternura e zangas.*¹⁷⁵

A subversão da ordem de importância da relação entre o espaço supérfluo e o espaço do programa pode verificar-se também na construção do seu discurso. Quando fala dos primeiros anos na Figueira da Foz salienta a relação da casa onde morava com a rua; a relação da sua família com o contexto cultural e social; o interesse inicial pelo cinema através de um cartaz; a presença do mar na Figueira da Foz. Não foca o discurso em si, na família, nas escolas, nas cidades ou nas suas obras, mas sim nas relações que estabelecem com o que as rodeiam, como o foco principal.

¹⁷⁵ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Gonçalves, R. e Santos, D. V. (1999). *Entrevista a Vítor Figueiredo. Documentos de Arquitectura*, n.º 2.

Da formação académica salienta o que rodeia a academia como o espaço principal, remetendo o curso de arquitectura para o plano secundário: as idas e vindas sucessivas entre Porto e Lisboa pelas circunstâncias; a relação com Carlos Ramos para além da academia; a extensão da academia para o Café Majestic; o papel dos cineclubes enquanto centros de resistência política e social em torno do cinema; a descoberta de outros pontos de vista sobre a arquitectura para além do racionalismo; a relação com as pessoas nos primeiros trabalhos. O discurso não fala directamente do curso de arquitectura em Lisboa ou no Porto, mas sim do que o envolvia.

No CODA recusa apenas a descrição das características da obra, salientando as circunstâncias que envolveram o seu processo. Das primeiras colaborações em atelier, destaca o ambiente dos ateliers aberto a relações sociais para além do trabalho. Nos primeiros trabalhos destaca também as relações humanas que os envolveram e o seu reflexo no resultado. Nas obras de habitação social destaca a relação com o retomar das histórias supérfluas das suas casas com o objectivo de as interpretar e acrescentar à *arquitectura moderna* racionalista a capacidade de se relacionar com a subjectividade humana.

Foi a partir de um programa de áreas e recursos mínimos, como são os conjuntos de habitação social, que se considera que desenvolveu esta consciência espacial, como forma de resposta a um programa, onde numa primeira aproximação, não haveria espaços supérfluos onde as pessoas pudessem colocar os seus *presentes*.¹⁷⁶

Todas as decisões ao longo do processo de projecto são dinâmicas e não dependem apenas de um conjunto de premissas, constituindo não um contraponto a uma teoria, que seria outra teoria, mas antes um assumir de uma posição flexível pessoal, onde todas as hipóteses são potencialmente consideradas. Não é possível assim afirmar que Vítor Figueiredo constitui uma teoria, porque uma teoria teria de forçosamente tornar estática uma realidade, mesmo tratando-se da sua própria realidade. Apesar disso é possível fazer uma leitura unitária das obras segundo

¹⁷⁶ Expressão da história de “Um Pobre Homem Rico” de Aldof Loos em 1900. A história assenta numa crítica à excessiva definição estática da arquitectura, sem espaço para o dinamismo humano decorrente da própria vida.

o seu discurso. É com a *zona de trabalho* identificada neste capítulo, que acompanha Vítor Figueiredo ao longo da obra que desenvolve, que será feita a sua leitura, incluindo dados específicos de cada uma das obras, quando existirem.

Num ponto de vista de narrativa histórica da arquitectura a obra de habitação social é a continuação da história das *casas antigas*, podendo-se retomar em qualquer ponto do tempo e continuá-la a partir das suas obras, como interpretações desta zona de trabalho, mesmo respondendo a outros programas. Na perspectiva de narrativa espacial, que se aproxima do cinema, é possível fazer um movimento de *travelling* através das várias escalas de relação abstracta entre o espaço principal, o vazio, e os espaços secundários, a massa que define o vazio.

Na escala urbana o desenho e caracterização do espaço público é feito através da massa edificada. Os edificios desempenham o papel de espaços secundários que dão forma e vibração aos espaços exteriores, o espaço principal, que se relaciona por um lado com o espaço envolvente e por outro com a entrada no edificio.

À escala do edificio os acessos são determinados pela posição relativa entre as várias unidades de habitação. As unidades de habitação desempenham assim o papel secundário, de massa, tornando principal o espaço de acesso, o vazio, que se interliga com o espaço principal urbano e faz a relação com a entrada na habitação.

No interior de cada unidade de habitação o espaço vazio de entrada e articulação são enformados pela massa volumétrica dos vários compartimentos. Os compartimentos dos quartos, sala, cozinha e instalação sanitária que são desta forma secundarizados, tornando principal o espaço da entrada e articulação interna, fazendo a ponte entre os acessos do edificio e os compartimentos funcionais. A partir do compartimento há ainda a relação novamente com o espaço exterior através dos vãos, um dos elementos que compõem a vibração exterior. Cada relação é pontuada com acontecimentos, uma vibração, um lado festivo.

A forma de leitura e organização espacial de Vítor Figueiredo de relação entre o espaço principal e o espaço secundário encontram pode ser transposto para os termos espaço e massa, respectivamente, aproximando-se dos princípios de análise essencial de arquitectura desenvolvida e apresentada por Francis D.K. Ching. É sobre esta perspectiva, presente no discurso de Vítor Figueiredo, que se faz a leitura das obras de habitação social.

As Obras

Olivais, 1960

O projecto para o *agrupamento de unidades de habitação em Olivais Sul, célula C*, de 1960, é considerado o primeiro projecto de habitação social de Vítor Figueiredo, apesar de em simultâneo se encontrar a trabalhar também em respostas para habitação, ao abrigo da Lei n.º 2092. O projecto dos Olivais foi promovido pelo Gabinete Técnico para o Gabinete Técnico de Habitação da Câmara Municipal de Lisboa (GTH) e desenvolvido em co-autoria com Vasco Lobo, que acompanhou Vítor Figueiredo do Porto para Lisboa e com quem partilhou a experiência profissional no atelier de Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira.

A memória descritiva do ante-projecto, é o primeiro documento escrito por Vítor Figueiredo, em co-autoria com Vasco Lobo, depois do CODA. À semelhança do CODA, onde reflete e funda as bases da sua visão sobre a relação entre o homem e a arquitectura, neste primeiro documento identifica as questões fundamentais a que terá de responder neste projecto específico, e que serão transversais aos vários programas de habitação social seguintes: A construção do futuro da cidade e da habitação com *programas mínimos e soluções económicas*, de acordo com os padrões de vida definidos pelas disciplinas de sociologia e economia.¹⁷⁷ De forma a atingir o objectivo, Vítor Figueiredo refere que:

*A dignificação do espaço habitado é sobretudo uma tarefa de ordenadores (mais do que estilistas ou de experimentadores de formas) e vem exigindo dos técnicos que nela participam uma atenção e uma actualização constantes.*¹⁷⁸

¹⁷⁷ Figueiredo, V., Lobo, V. (1960) Memória Descritiva do Anteprojecto do Agrupamento de unidades de habitação em Olivais Sul, célula C. IRHU/ SIPA, espólio de Vítor Figueiredo, PT VF-TXT 00085.

¹⁷⁸ *Ibidem*.

Vítor Figueiredo reconhece assim a responsabilidade atribuída pelas ciências humanas ao urbanismo e arquitectura como o instrumento de resposta à evolução dos padrões de vida desejados, reconhecendo ao mesmo tempo a atribuição de recursos mínimos para o efeito. Para tornar possível uma resposta dentro deste enquadramento Vítor Figueiredo faz uma reflexão sobre economia de construção de Alvar Aalto:

“a verdadeira economia de construção é a quantidade de coisas boas que se pode proporcionar a determinado preço baixo, sem esquecer que se está a construir para seres humanos, que a relação entre a qualidade e o seu preço é a própria economia e que, ao pôr-se de parte a qualidade do produto, toda a economia é absurda”.¹⁷⁹

No caso deste projecto nos Olivais, para além do desafio determinado pela resolução de qualidade e economia, o programa é lançado com um segundo desafio, proposto pelo GTH: Construir habitação social de categoria I em altura (sete pisos), apesar de se considerar quase impossível pelo custo acrescido que implicava a estrutura e a necessidade de equipamentos como elevadores. É nesta dualidade de desafios que Vítor Figueiredo e Vasco Lobo desenvolvem o projecto na relação das suas várias escalas: o arranjo urbanístico, o edifício e a célula de habitação.

Forma do espaço urbano

Segundo Vítor Figueiredo, o arranjo urbanístico deste agrupamento de edifícios seguiu o plano definido pelo GTH para os Olivais Sul baseado na Carta de Atenas. Destaca que *não acreditava* na Carta de Atenas, mas que foi *obrigado a seguir aquela urbanização*, muito embora fosse um processo muito discutido junto do coordenador, Rafael Botelho. Destaca ainda, que não foi possível também uma coordenação com as restantes equipas projectistas dos lotes adjacentes, limitando-se a seguir os princípios do plano.¹⁸⁰

¹⁷⁹ Figueiredo, V., Lobo, V. (1960) Memória Descritiva do Anteprojecto do Agrupamento de unidades de habitação em Olivais Sul, célula C. IRHU/ SIPA, espólio de Vítor Figueiredo, PT VF-TXT 00085.

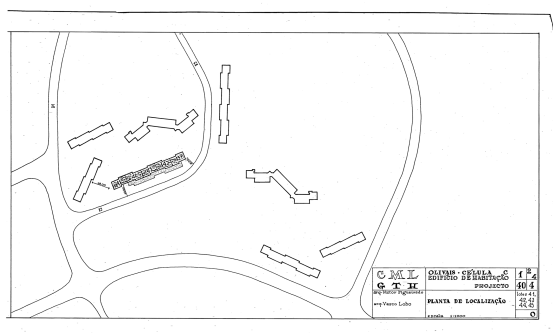
¹⁸⁰ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.



4. Fotografia do Conjunto Urbano dos Olivais Célula C

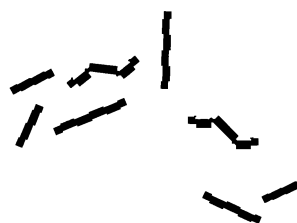
Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-FOTO009814



5. Projecto: Planta de localização

Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 00111



6. Forma do espaço urbano

Neste caso o arranjo urbanístico é composto por um conjunto de edifícios isolados constituído por dois edifícios de 7 pisos, e cinco edifícios de 4 pisos (no projecto estavam previstos seis edifícios de 4 pisos). As massas edificadas são dispostas linearmente seguindo a topografia natural do terreno, concentrando o maior número de unidades de habitação possível nas duas unidades de sete pisos, de forma a libertar espaço para as unidades de quatro pisos e criar afastamentos em relação aos limites das intervenções nos lotes vizinhos.¹⁸¹

*Esse tipo de implantação não era a construção de um sítio, mas a construção num sítio e, por isso, com mais exigências de tratamento dos espaços exteriores. Sem caricatura, independentemente de outras considerações, teriam de ser jardins com edifícios em sábia disposição e crianças risonhas a brincar, e isso não era a realidade. Daí as minhas tentativas de organizar Conjuntos que, mesmo sem ou com poucos arranjos exteriores, subsistissem para o habitar e não fossem blocos de habitação plantados num areal ou num lamaçal conforme a época do ano.*¹⁸²

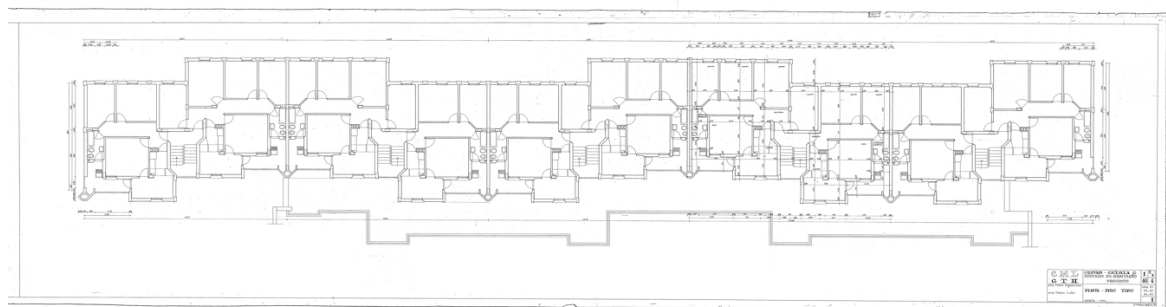
O plano dos Olivais pressupunha uma separação entre o edificado e os *espaços livres*. Na opinião de Vítor Figueiredo este modelo urbano só é possível quando existem recursos financeiros que permitam o *tratamento* do *espaço livre*, como era o caso dos Olivais,¹⁸³ ficando a integridade urbana dependente da manutenção futura. Neste sentido contrapõe que, o espaço livre deve ser *um pouco contido* e caracterizado pelo próprio edificado,¹⁸⁴ de forma a torná-lo independente do seu possível *tratamento* e manutenção futura. Esta reflexão encontra um paralelismo com os efeitos da *decoração* que identifica nos compartimentos das suas casas, invertendo o interior para o exterior, onde, *já tem isso tudo, portanto aguenta muito mais. Ou quase nada, aguenta ter o mínimo de equipamento necessário.*

¹⁸¹ Figueiredo, V., Lobo, V. (1960) Memória Descritiva do Anteprojecto do Agrupamento de unidades de habitação em Olivais Sul, célula C. IRHU/ SIPA, espólio de Vítor Figueiredo, PT VF-TXT 00085

¹⁸² Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Gonçalves, R. e Santos, D. V. (1999). *Entrevista a Vítor Figueiredo. Documentos de Arquitectura*, n.º 2.

¹⁸³ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

¹⁸⁴ *Ibidem*.



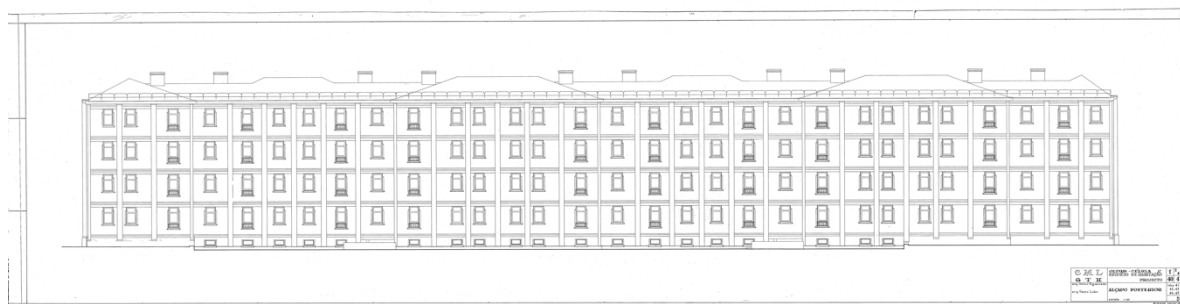
7. Projecto: Planta do piso tipo (edifício de 4 pisos)
Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 00111



8. Forma do espaço edificado



9. Projecto: lotes 41 a 45 Alçado Principal (edifício de 4 pisos)
Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 00116



10. Projecto: lotes 41 a 45 Alçado Posterior (edifício de 4 pisos)
Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 00117

Forma do espaço edificado (4 pisos)

Os edifícios de 4 pisos são organizados linearmente a partir da repetição de um módulo base, com remate dos topos através de uma alteração no pormenor. O módulo é composto por um acesso vertical que articula duas células de habitação. A combinação de tipologias de cada módulo é o T3-T3 ou o T2-T4, mantendo sempre a mesma dimensão. Os dois volumes das células de habitação são desfasados entre si a partir do *nó* do acesso vertical que as serve provocando um acontecimento, para *garantir uma certa contenção e dignificação dos nós de acesso vertical*.¹⁸⁵

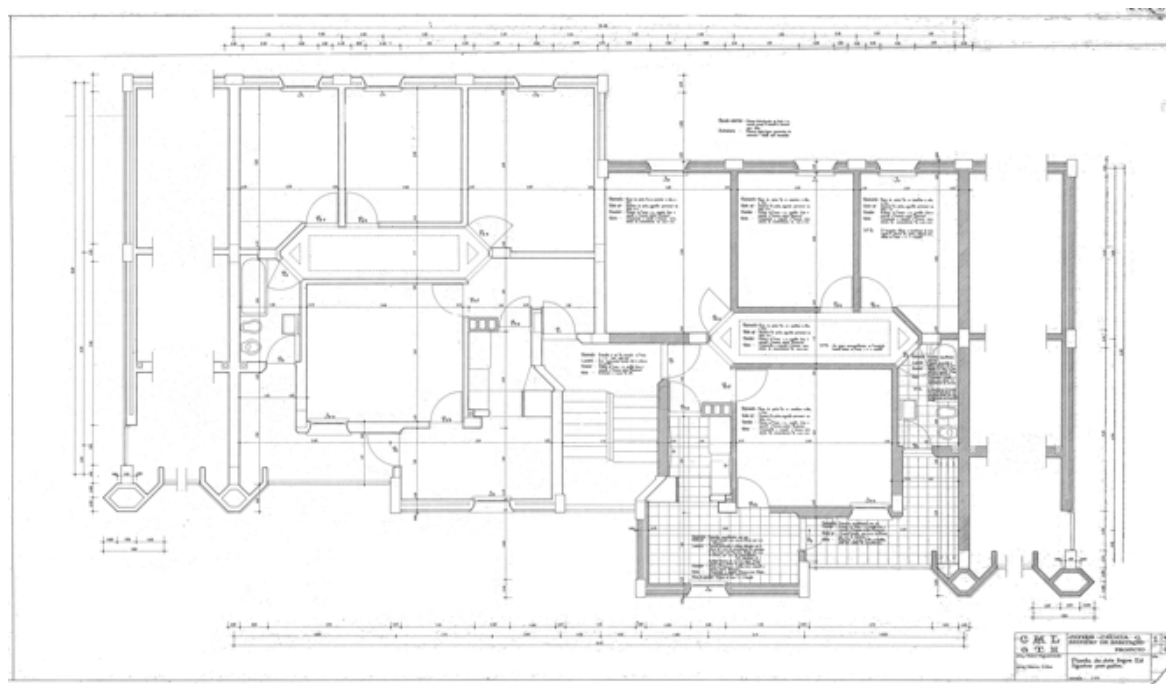
Este acontecimento, criado através da posição relativa dos volumes células de habitação, é o movimento gerador da espacialidade e expressão do edifício, tornando possível a repetição dinâmica do módulo. Duas das variações possíveis de repetição do módulo, em escada e em espelho, são utilizadas nos vários edifícios do agrupamento. Desta forma, Vítor Figueiredo pretende afastar o edifício da simples expressão de *barras de sabão, dispostas segundo a Carta de Atenas*.¹⁸⁶

O desfasamento constitui a expressão dos volumes edificados e define, simultaneamente, um espaço exterior de receção protegido, que anuncia e prolonga o patim de entrada no edifício para além das suas reduzidas dimensões. No interior o patim de acesso que articula as duas células de habitação é também tensionado, criando *recantos de entrada*, que traduzem a *preocupação de evitar o face-a-face do esquerdo-direito clássico, desta vez naturalmente agravado pela exiguidade dos espaços a que estamos obrigados*.¹⁸⁷

¹⁸⁵ Figueiredo, V., Lobo, V. (1960) Memória Descritiva do projecto relativo à unidade de habitação de 4 pisos correspondente ao lote 42 em Olivais Sul, célula C. Arquivo Municipal de Lisboa, Obra:55110, Processo: 55110; PI 1967 Folhas 76-83

¹⁸⁶ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

¹⁸⁷ Figueiredo, V., Lobo, V. (1960) Memória Descritiva do projecto relativo à unidade de habitação de 4 pisos correspondente ao lote 42 em Olivais Sul, célula C. Arquivo Municipal de Lisboa, Obra:55110, Processo: 55110; PI 1967 Folhas 76-83



11. Projecto: Planta de dois fogos ligados por patins (T3) (edifício de 4 pisos)
Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 00071



12. Forma do espaço das células de habitação (edifício de 4 pisos)

Forma do espaço das células de habitação (edifício de 4 pisos)

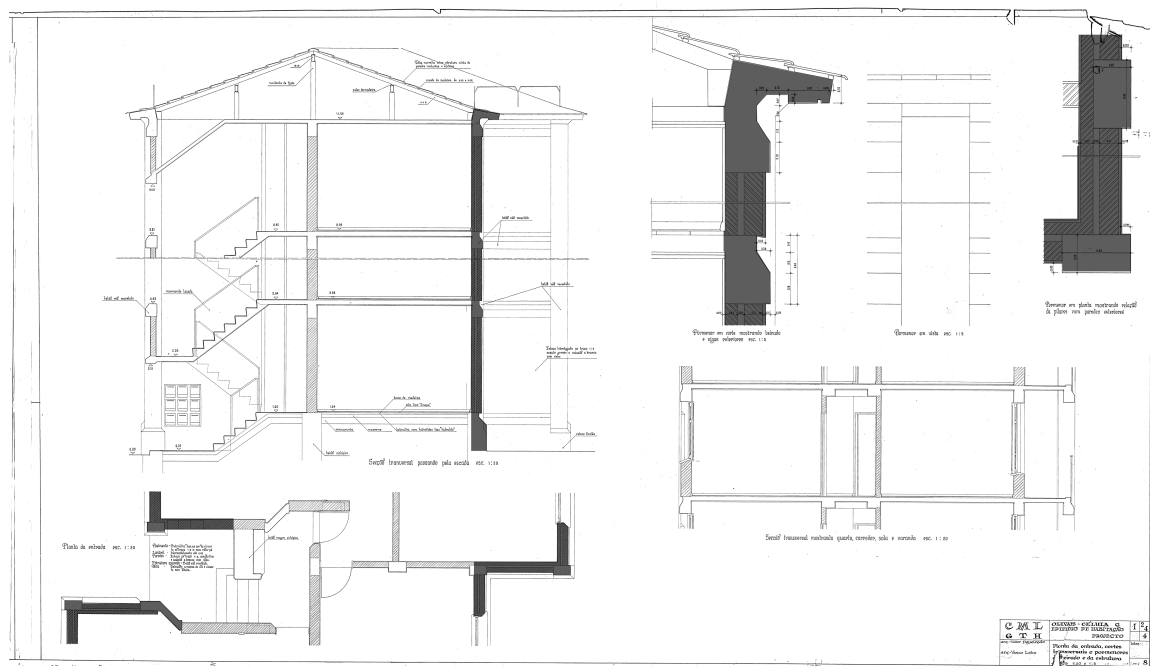
Na sua concepção interna, a célula habitada, além do n.º de quartos que o programa estabelece e que se procurou situar claramente em relação à entrada e ao resto do fogo, apresenta uma sala com funções de nó central. Este *nó central* sucede-se ao *nó* dos acessos verticais perpetuando o movimento para o interior da célula através da inauguração de um circuito em torno da sala. Este circuito é feito através do atravessamento de diversos compartimentos com diferentes funções, à semelhança dos circuitos identificados nas suas casas. Neste caso o circuito é composto pela entrada no fogo que é também o corredor dos quartos, que se prolonga através de uma instalação sanitária, que se relaciona com o espaço exterior de estendal, a varanda, e volta a entrar para um espaço *de comer* que faz parte da cozinha e que relaciona novamente com a entrada.¹⁸⁸

*Um circuito que nos pareceu de grande interesse, não só tendo em vista a laboração doméstica, mas sobretudo procurando uma dimensão que as áreas em causa negariam inequivocamente numa organização corrente. Como o mesmo sentido se atribuiu ao corredor dos quartos uma medida quase confortável, apesar de termos em conta que ela significaria um sacrifício em área para outras funções internas.*¹⁸⁹

O circuito interno e o sistema de acesso, definem na sua relação, o espaço principal da célula de habitação, com a característica *festiva* que encontra nas *casas antigas*. A forma do espaço principal é assim o resultado do espaço secundário adjacente no interior do fogo, neste caso, os volumes dos quartos e da sala, que em conjunto com os planos das paredes definem e desenham o circuito interno. No exterior o espaço principal são os acessos que resultam das posições relativas dos volumes dos espaços adjacentes, as células de habitação.

¹⁸⁸ Figueiredo, V., Lobo, V. (1960) Memória Descritiva do projecto relativo à unidade de habitação de 4 pisos correspondente ao lote 42 em Olivais Sul, célula C. Arquivo Municipal de Lisboa, Obra:55110, Processo: 55110; PI 1967 Folhas 76-83

¹⁸⁹ *Ibidem*.



13. Caracterização do espaço urbano. Máscara sobre desenho. Projecto: Planta da entrada, cortes transversais e pormenores do beirado e da estrutura (edifício de 4 pisos) Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 00070



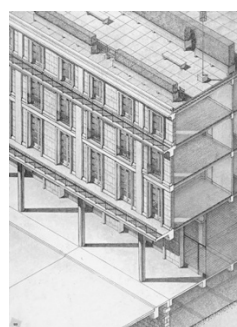
14. Fotografia do edifício de 4 pisos
João Hermes Cordeiro Goulart, [s.d]
Arquivo Municipal de Lisboa Olivais Sul PT/AMLSB/JHG/000003



15. Fotografia do edifício de 4 pisos
Arnaldo Madureira, 1965
Arquivo Municipal de Lisboa Olivais Sul PT/AMLSB/ARM/S01107



16. Fotografia de bairro Le Havre, Paris
Auguste Perret
http://unesco.lehavre.fr/sites/default/files/styles/fo_fullpage_desktop/public/thumbnails/image/hilke-maunder-otah-9_0.jpg?itok=hELNL_vE



17. Corte Construtivo Axonométrico do bairro Le Havre, Paris Auguste Perret
<https://www.domusweb.it/en/architecture/2002/10/08/le-havre-portrait-of-a-city.html>

Caracterização do espaço urbano (edifício de 4 pisos)

A expressão arquitectónica do edifício de 4 pisos é o resultado das diversas decisões de projecto às várias escalas da sua concepção, do edifício às células de habitação. Os desfasamentos do módulo repetido criam uma variação de sucessivos avanços e recuos nas fachadas, conjugados com os vazios das varandas e dos acessos verticais resultando num único volume com uma janela à face da fachada principal. Para além da definição volumétrica do edifício a partir dos volumes principais, a expressão do edifício é um reflexo também das escolhas dos materiais e métodos construtivos. As decisões dos materiais e métodos construtivos são tomadas tendo em conta o carácter económico que reveste toda a operação. Nesse sentido são escolhidos materiais económicos, de grande qualidade, de fácil manutenção e com métodos construtivos correntes.

*Se interiormente, o critério de acabamentos os reduziu à expressão mais severa, exteriormente os elementos em jogo não são mais de que o betão descoberto, a caiação sobre reboco e os vãos indispensáveis à iluminação e arejamento das dependências, tendo-se realizado os maiores esforços para garantir aquele mínimo de dignificação arquitectónica que sabemos estar na intenção de todos.*¹⁹⁰

Este *mínimo*, apesar de aparentemente diminuído na memória descritiva, é o elemento fundamental, que em conjunto com a expressão volumétricas vai contribuir para a desejada *dignificação arquitectónica*. Neste sentido acusa a estrutura nos alçados que, para além do contraste com *a caiação*, é ainda desenhada em detalhe, produzindo linhas de sombra, o embasamento e o remate superior do beirado. Os dispositivos verticais de queda de lixo em betão, são usados também nos alçados e nos remates laterais do edifício, acompanhados pela abertura da zona dos estendais das últimas células de habitação. A estrutura e o dispositivo de quedas de lixo, dois elementos construtivos técnicos necessários, mas secundários do ponto de vista arquitectónico, resultam como os responsáveis pelo desenho de caracterização do espaço arquitectónico urbano, à semelhança do desenho do espaço a partir do volume do programa,

¹⁹⁰ Figueiredo, V., Lobo, V. (1960) Memória Descritiva do projecto relativo à unidade de habitação de 4 pisos correspondente ao lote 42 em Olivais Sul, célula C. Arquivo Municipal de Lisboa, Obra:55110, Processo: 55110; PI 1967 Folhas 76-83

O conjunto é ainda pontuado com vários elementos de pormenor nos chanfros em reboco e nas pedras de peito dos vãos exteriores, que são usados também no desenho da estrutura, do espaço de acesso vertical, recantos de entrada e no circuito interior da célula de habitação. Os chanfros estão presentes ainda no desenho detalhado das guardas metálicas das varandas e dos vãos exteriores da cozinha, no alçado principal, e na janela do quarto de maiores dimensões, no alçado posterior, que contribuem igualmente da *dignificação* de todo o conjunto como pequenos acontecimentos.

O *chanfro à italiana* ¹⁹¹ é apresentado como uma referência do programa italiano de habitação, INA-CASA. ¹⁹² Estas recorrências formais são reforçadas ainda pelo relato das conversas com Vasco Lobo durante o processo de desenvolvimento do projecto: *Chanfra! Chanfra filho, quando não, não estás na moda!* ¹⁹³

Das referências partilhadas com Vasco Lobo, mais distantes no tempo, fala-nos do *gosto* comum pelo Arquitecto Auguste Perret (1874-1954) e *pelo passear na Baixa Pombalina* ¹⁹⁴. Concretamente sobre Auguste Perret refere-nos como acusa a estrutura, não na sua totalidade, mas quando o pretende fazer, ¹⁹⁵ demonstrando uma intencionalidade plástica, e não simplesmente uma decisão conceptual que se limita a aplicar sem critério.

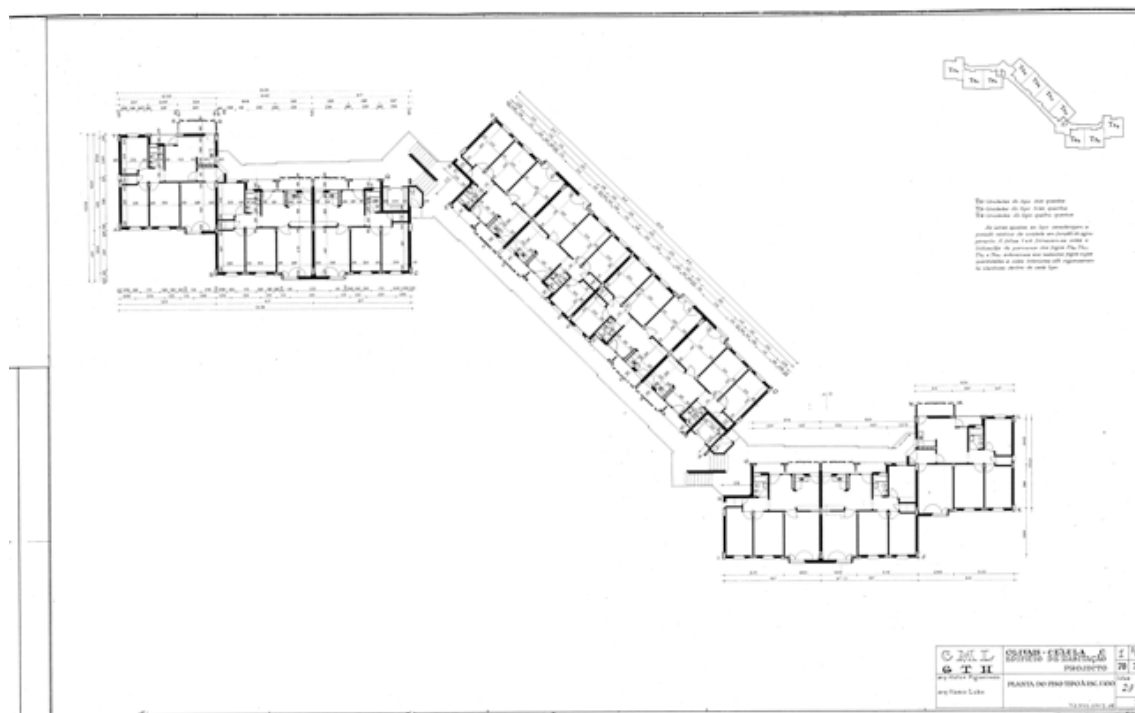
¹⁹¹ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

¹⁹² O INA-CASA, era um programa do Estado Italiano de promoção de habitação social desenvolvido entre 1949 e 1963. Serviu de referência para os vários programas de habitação social em Portugal partilhando o mesmo objectivo de responder às condições de habitação na Itália do Pós II Guerra Mundial.

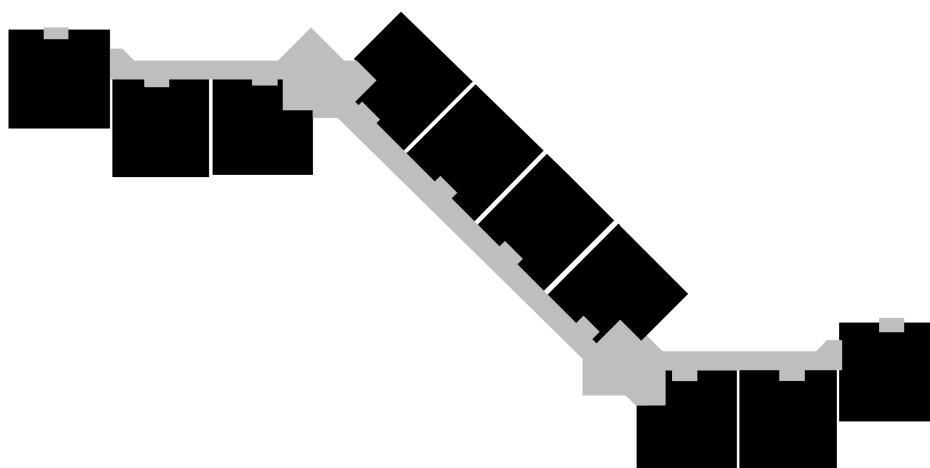
¹⁹³ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

¹⁹⁴ *Ibidem*

¹⁹⁵ Entrevista a Vítor Figueiredo (registo áudio). In: Zúquete, R. (2000). *Ensaio sobre Habitação Social, Portugal 1950/80, uma análise dialógica*. Tese de Doutoramento. Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona da Universidade Politécnica da Catalunha.



18. Projecto: lote 29 Planta do piso tipo (edifício de 7 pisos)
Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 00135



19. Forma do espaço edificado

Forma do espaço edificado (7 pisos)

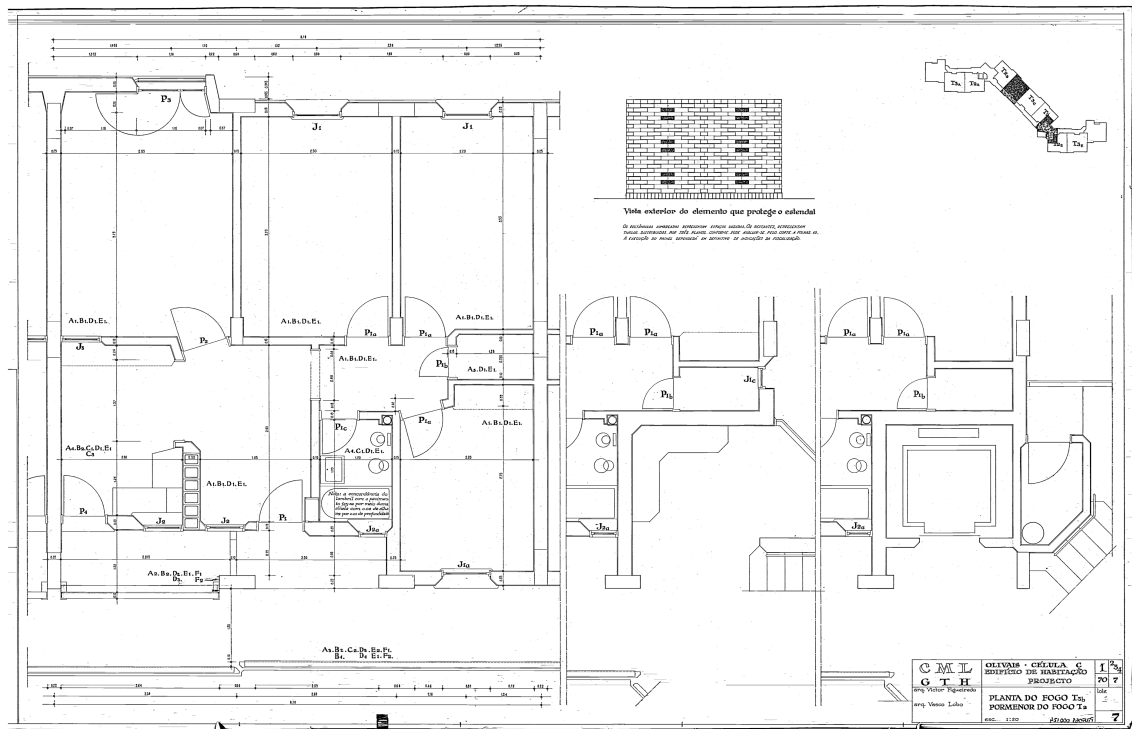
Os edifícios de 7 pisos são organizados de uma forma linear articulada, a partir da repetição de um módulo base, com um módulo diferente nos remates. O módulo base é composto por duas células de habitação e o módulo de remate por uma célula de habitação. A combinação de tipologias de cada módulo base é o T3-T2 e o módulo de remate um T4, mantendo sempre a mesma dimensão entre si. Os pontos de articulação do edifício são feitos nos *nós* de acesso vertical ao sistema de distribuição em galeria procurando garantir-se a sua *máxima dignificação* (...) *criando-lhes condições favoráveis à custa dos próprios volumes da construção.* ¹⁹⁶

A localização e presença dos acessos verticais assumem assim, desde logo a importância sobre o conjunto, sendo o acontecimento gerador da espacialidade e expressão do edifício. Desta forma torna possível a repetição dinâmica do módulo, afastando a expressão monolítica, à semelhança do edifício de 4 pisos do mesmo agrupamento. A partir destes nós de articulação, a forma linear inverte a posição em espelho nos seus extremos, fazendo alternar de lado a galeria e os módulos.

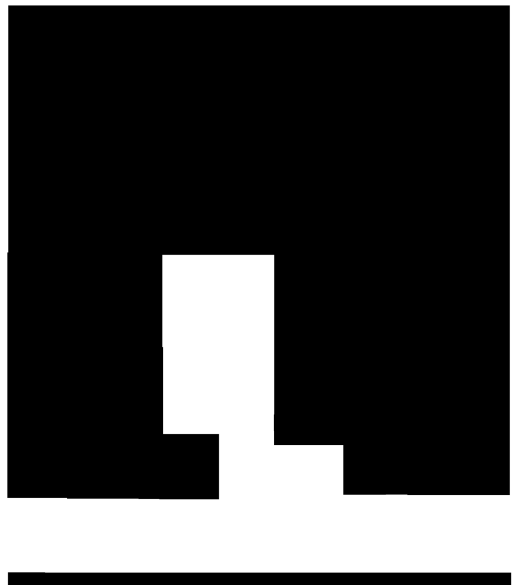
A galeria vai alternado para um lado e para o outro. Para criar autonomia e apropria-se do espaço que está à volta dele. Se fosse uma barra de sabão não creio, não estabelece relação com os outros e aqui cria uma própria autonomia, daí a sua articulação. Não, não havia nenhuma [preocupação contextual]. Cria o seu próprio espaço autónomo, apropria-se dele por proximidade. É muito mais divertido neste caso, que não dominas o que está à tua volta, que não tens diálogo com eles, que a galeria em si se articule assim, é muito mais rico o percurso horizontal. [as várias possibilidades desse diálogo]. É muito bonito isso. ¹⁹⁷

¹⁹⁶ Figueiredo, V., Lobo, V. (1960) Memória Descritiva do projecto relativo a uma unidade de habitação de 7 pisos em Olivais Sul, célula C. Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT-TXT 00086

¹⁹⁷ Entrevista a Vítor Figueiredo (registo áudio). In: Zúquete, R. (2000). *Ensaio sobre Habitação Social, Portugal 1950/80, uma análise dialógica*. Tese de Doutoramento. Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona da Universidade Politécnica da Catalunha.



20. Projecto: lote 29 Planta do fogo T3B, pormenor do fogo T2 (edificio de 7 pisos)
Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 00124



21. Forma do espaço da célula de habitação

Forma do espaço das células de habitação dos edifícios de 7 pisos

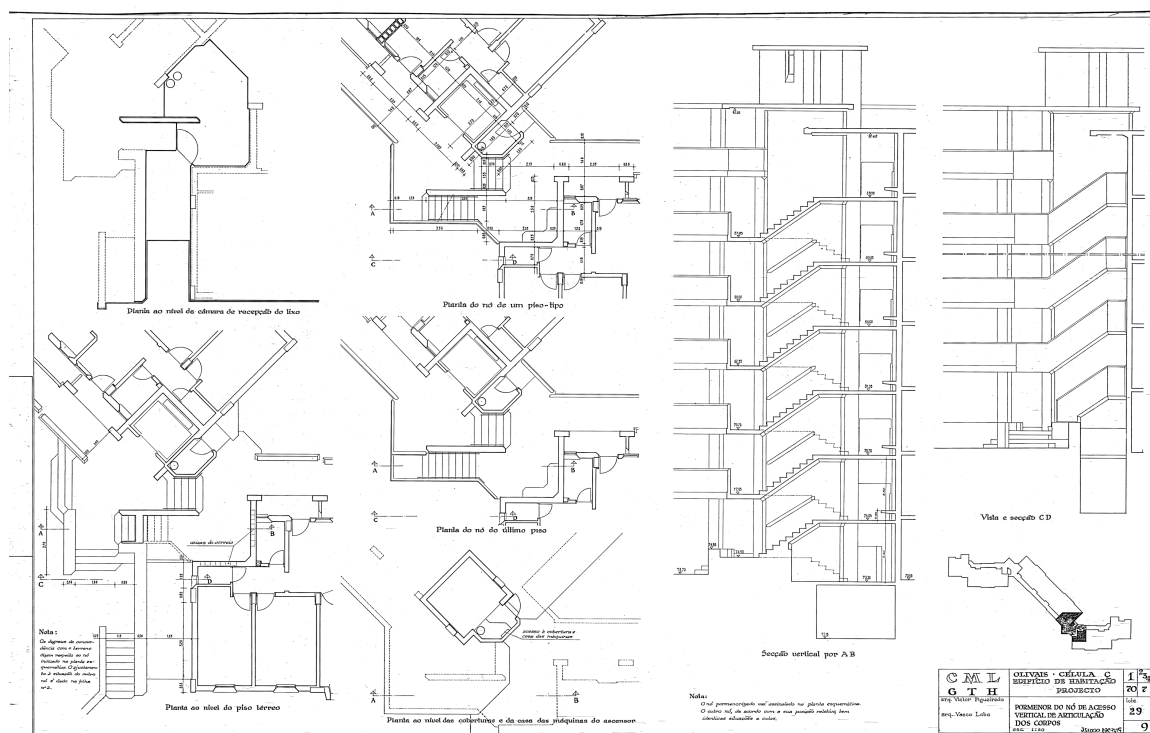
A concepção interna da célula de habitação parte da solução da tipologia T3, resultando o T2 da supressão de um quarto, área concedida ao acesso vertical e galeria. A tipologia T4, é apresentada como um *super T3*, com o aumento da área da entrada. A célula de habitação é organizada em torno do espaço de entrada central sem função definida, que é o resultado da disposição dos compartimentos do programa, encarados como espaços adjacentes.

O espaço de entrada permite estabelecer um *nó de articulação* entre os vários compartimentos do interior da célula de habitação, ao mesmo tempo que funciona como *tampão* e relação com a galeria, de forma a garantir a privacidade da habitação. Este espaço é assim privilegiado em relação ao programa de forma a garantir uma das características identificadas nas suas casas, a sensação de *desafogado* no momento de entrada. A entrada assume a importância de espaço principal resultando a sua forma da organização relativa, em “U”, do volume de compartimentos de resposta ao programa, formados pela cozinha com local de comer, zona de lavagem de roupa com estendal, sala, quartos, instalação sanitária e despensa.

*Dentro do fogo, a administração do espaço supérfluo não é um espaço que tem uma multifunção: não acredito por um quarto ter mais um metro que vai caber o berço, cabe à mesma o berço. Agora, acredito que há um espaço que não serve para nada, e é a tua alegria - a história rosa em vez do pão.*¹⁹⁸

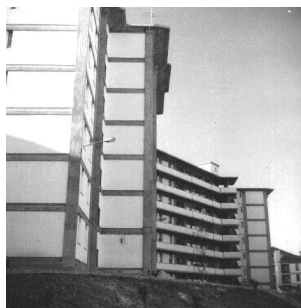
O edifício é assim uma sucessão de *nós* relacionados com as galerias de acesso. O espaço de entrada interior relaciona-se com a galeria ainda através de um recanto de entrada, marcando um espaço que faz uma primeira transição. A galeria relaciona-se com a rua através do nó de acesso vertical, terminando num espaço de entrada no edifício, resultado da posição articulada dos volumes das células de habitação. O espaço de entrada e circulação a todas as escalas do edifício é assim definido continuamente pelos volumes que contém o programa.

¹⁹⁸ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.



22. Projecto: lote 29 Pormenor do nó de acesso vertical de articulação dos corpos (edifício de 7 pisos)

Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 000126



23. Fotografia do edifício de 7 pisos

Vasco Gouveia de Figueiredo, 1968

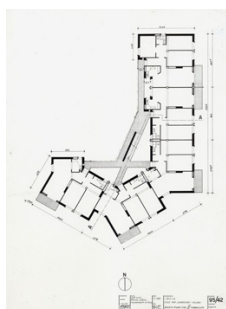
Arquivo Municipal de Lisboa, Rua B4, PT/AMLSB/VGF/S01257



24. Fotografia do edifício de 7 pisos

Vasco Gouveia de Figueiredo, 1968

Arquivo Municipal de Lisboa, Rua B4, PT/AMLSB/VGF/S01258



25. Planta do piso tipo de edifício de habitação em Milão do programa italiano INA Casa

Franco Albini, 1952

<http://www.ordinearchitetti.mi.it/en/mappe/itinerario/15-franco-albini-e-milano>



26. Fotografia do edifício de habitação em Milão do programa italiano INA Casa

Franco Albini, 1952

https://www.flickr.com/photos/milano_lera_insc/23279169473

Caracterização da forma do espaço urbano pelo edifício de 7 pisos

A expressão arquitectónica do edifício de 7 pisos é, à semelhança do edifício de 4 pisos, também o resultado das diversas decisões de projecto nas suas várias escalas, do edifício às células de habitação, mas com uma presença muito mais marcante. Os *nós* do acesso vertical em conjunto com as galerias, que articulam e fazem a ligação dos três volumes das unidades de habitação, são os responsáveis pela caracterização expressiva do edifício. O dinamismo horizontal e a materialidade em *betão descoberto* dos acessos alterna com a presença dos volumes monolíticos verticais de *reboco caiado*. Esta composição introduz no edifício uma leitura complexa por não ser possível ter uma visão total sobre o conjunto a partir do espaço exterior, sucedendo o mesmo a quem circula nas galerias.

Os volumes são ainda pontuados com o mesmo tipo de tratamento plástico dos edifícios de 4 pisos, onde surgem acontecimentos com a estrutura de betão à vista, rebocos caiados, chanfros e peitos em pedra nos vãos exteriores e guardas metálicas pontuando o vão da sala. O embasamento e o beirado assemelham-se também ao mesmo tipo de plasticidade presente no edifício de 4 pisos. O beirado, neste caso, adquire uma maior presença pela escala do edifício, tornando-se um elemento muito expressivo pela sua horizontalidade a todo o comprimento, reforçando a mesma horizontalidade presente nas galerias.

As referências expressivas são comparáveis ao projecto do Arquitecto Franco Albino (1905-1977) de um edifício de habitação do programa italiano INA-CASA em Milão.¹⁹⁹ O edifício destaca-se pelas articulações volumétricas, pela composição dos vãos nas fachadas, pela expressão do sistema de distribuição em galeria e pela fina lâmina da cobertura que avança sobre o volume do edificado. Apesar da expressão arquitectónica ser semelhante, tem características muito diferentes na organização interna das células de habitação e no sistema de acessos em galeria, comportando-se como dois sistemas completamente independentes ao contrário do edifício de 7 pisos de Vítor Figueiredo e Vasco Lobo.

¹⁹⁹ O edifício situa-se na *Via Felice Orsini 68, zona Vialba, Milano*.

Benavente, 1962

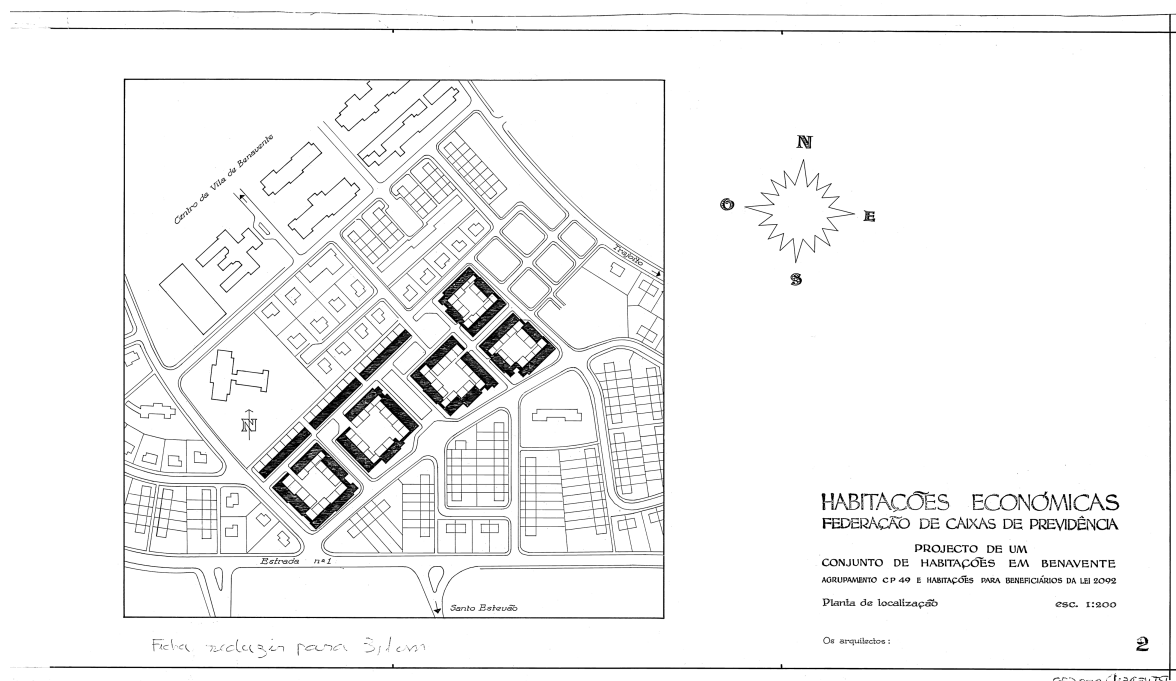
O projecto de Benavente no Distrito de Santarém, prevê dois tipos de habitações, o conjunto de habitações económicas e o agrupamento CP49 de habitações para os beneficiários da Lei n.º 2092. É um dos exemplos de programas de habitação em meio rural de Vítor Figueiredo que desenvolve em co-autoria com Vasco Lobo.



27. Fotografia do interior de quarteirão

Autor desconhecido, s.d.

Arquivo Pessoal de Luísa Marques (cópia cedida por Vítor Figueiredo)



28. Projecto: Planta de localização

Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 000672

Forma do espaço urbano

Neste caso Vítor Figueiredo e Vasco Lobo definem a forma urbana a partir de um plano de arranjo urbanístico da sua responsabilidade. O terreno localiza-se numa zona de expansão da Vila de Benavente, com uma topografia pouco acidentada, considerada plana. Dessa forma usam novamente a forma linear de organização da massa edificada, desta vez articulada em ângulos de 90°, definindo *quarteirões, mesmo que na altura tal não se lhe chamasse*, que desenham duas entidades espaciais distintas, as ruas e os logradouros no interior dos quarteirões, *libertando as ruas de uma monótona repetição de fachadas*.²⁰⁰

A tipologia urbana de quarteirão é identificada por Vítor Figueiredo, como sendo uma entidade de organização urbana existente nas aldeias e vilas, assumindo muitas vezes formas irregulares. Apesar desta observação, em Benavente regulariza forma urbana do quarteirão pelas características formais e topográficas do terreno, relacionando-se com o restante tecido urbano. As ligações urbanas para o interior que localiza nas articulações permitem a fruição do interior do quarteirão que, como observa, também faz parte da realidade de vivência rural.²⁰¹

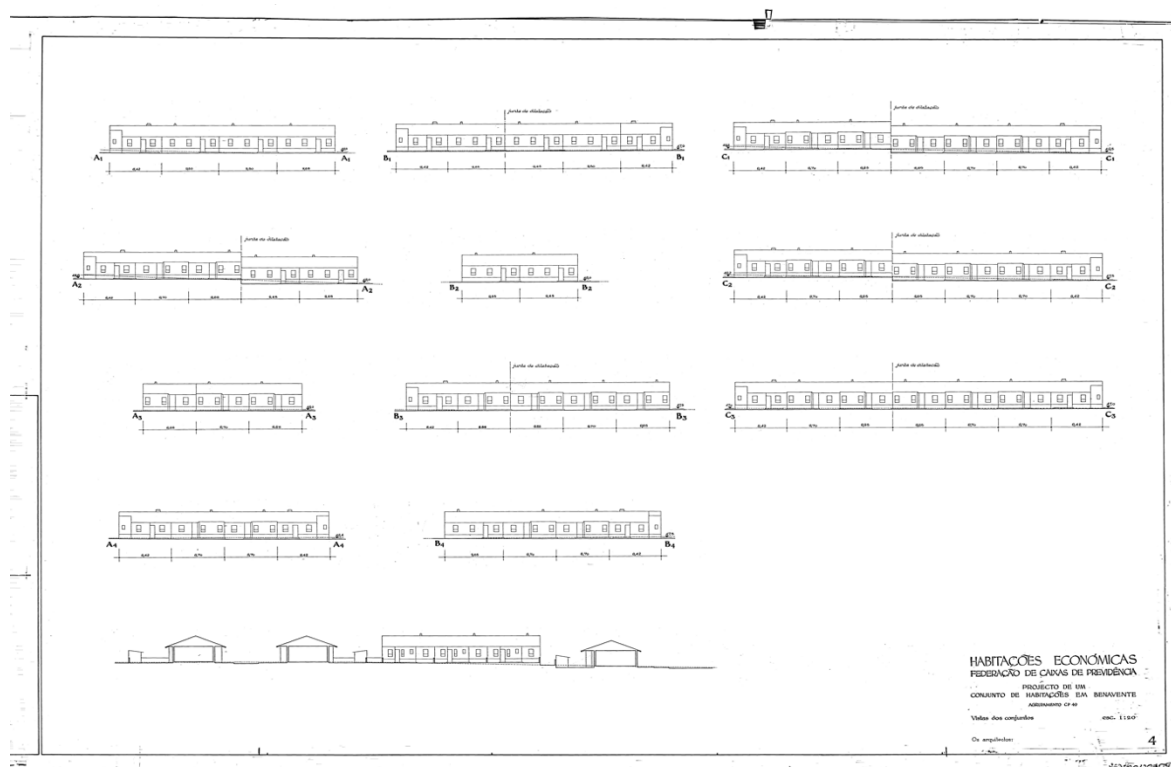
*É um quarteirão, é impositivo, ordenei um bocadinho de aldeia.*²⁰²

Em Benavente consegue desenhar uma parte urbana de acordo com o princípio de organização oposta ao projecto dos Olivais, desta vez com maior liberdade sem fazer parte integrante de um plano e num terreno favorável à aplicação de uma tipologia abstracta de organização. Neste projecto a forma do espaço urbano coincide com o vazio deixado pela massa edificada, através da *clara contenção dos espaços exteriores*.

²⁰⁰ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Gonçalves, R. e Santos, D. V. (1999). *Entrevista a Vítor Figueiredo. Documentos de Arquitectura*, n.º 2.

²⁰¹ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

²⁰² *Ibidem*.



29. Projecto: Vistas dos conjuntos

Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 000674



30. Fotografia da rua

Autor desconhecido, s.d.
Arquivo Pessoal de Luísa Marques
(cópia cedida por Vítor Figueiredo)



31. Fotografia da passagem entre a rua e o interior de quarteirão

Autor desconhecido, s.d.
Arquivo Pessoal de Luísa Marques (cópia cedida por Vítor Figueiredo)

Forma do espaço edificado

A massa edificada de organização linear é composta pelo conjunto de células de habitação e quintal, com um piso de altura e coberturas de duas águas. O número de células que constituem a massa edificada variam entre 2 a 5 unidades. As suas posições relativas, através de recuos e avanços, permitem a configuração de zonas de proteção às entradas das células de habitação do lado da rua. Cada célula de habitação tem duas entradas, uma a partir da rua e outra a partir do quintal.²⁰³

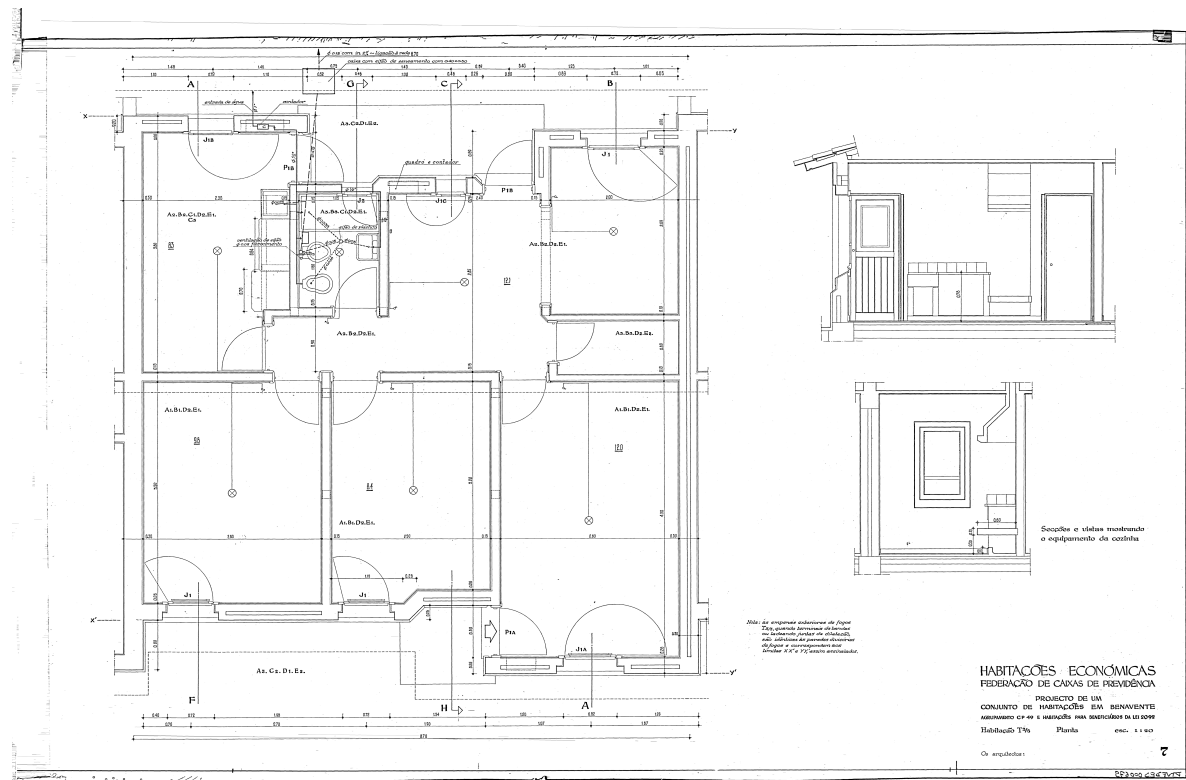
Forma do espaço das células de habitação

As células de habitação são, na sua generalidade, organizadas segundo um espaço principal que permite o atravessamento do interior da célula do lado da rua para o lado do quintal. Esta relação em conjunto com a entrada do quintal permite a articulação da rua e do interior do quarteirão através da casa. Este espaço de atravessamento resulta do conjunto espacial entre a sala e a cozinha através de um eixo de passagem, que não deixa dominar por completo as duas realidades, resultado do espaço a partir da posição relativa da massa dos quartos. As entradas em ambos os extremos são ainda pontuadas com recuos em alpendre cobertos pelos beirados da cobertura. As várias escalas de atravessamentos promovem várias hipóteses de circuitos.

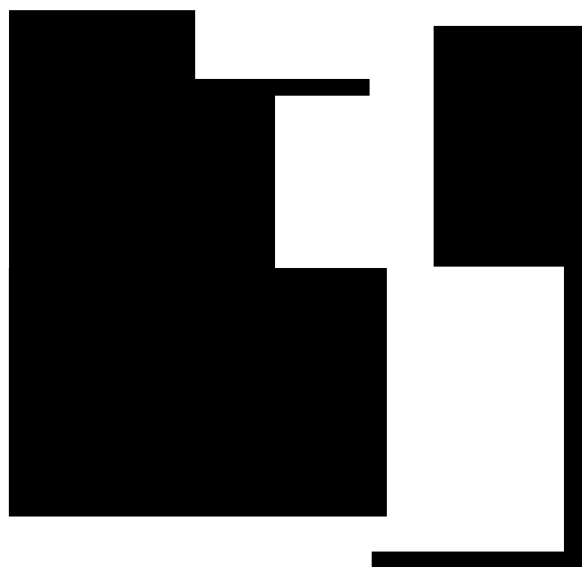
Caracterização da forma do espaço urbano pelos edifícios

O conjunto expressivo entre os avanços e recuos entre as várias células de habitação, as entradas em alpendre com beirados, os vãos e a marcação do lambrim em reboco são essencialmente os elementos caracterizadores da forma urbana, conferindo-lhe variações espaciais ao longo das ruas de carácter urbano. A expressão do interior dos quarteirões e dos seus acessos é mais espartana, feita através de muros caiados pontuados, apenas, pelos portões de acesso ao quintal, conferindo um sentido mais íntimo e marcadamente rural. Os acessos são acompanhados por empenas e a pontuação desencontrada de alguns vãos de portas e janelas.

²⁰³ Figueiredo, V., Lobo, V. (1962) Memória Descritiva do projecto Conjunto de habitações em Benavente. agrupamento CP 49 e habitações para beneficiários da lei 2092, Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT-TXT 00082



32. Projecto: Habitação T3/5, planta
Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 000679



33. Forma do espaço da célula de habitação

Santo Estevão, 1963

Em Santo Estevão, uma freguesia de Benavente, no Distrito de Santarém, Vítor Figueiredo faz um agrupamento de 42 fogos em Santo Estevão promovido pela Casa do Povo local. Numa pequena povoação Vítor Figueiredo projecta um *cantinho que ali existia*. As características presentes nesse *cantinho* determina a atitude de pudor que pauta a intervenção.

Tem uma ligeira pendente para os arrozais, tinha até uma igreja cá em cima, tinha qualquer coisa ali. Não se pode ali violentamente impor alguma coisa, tem que ser um bocado de tecido com toda a diversidade de ruas, ruelas e pátios que ali se vai construir, um pouco anonimamente. O sítio pede isso. Não pede um gesto impositivo como talvez Benavente o seja. ²⁰⁴

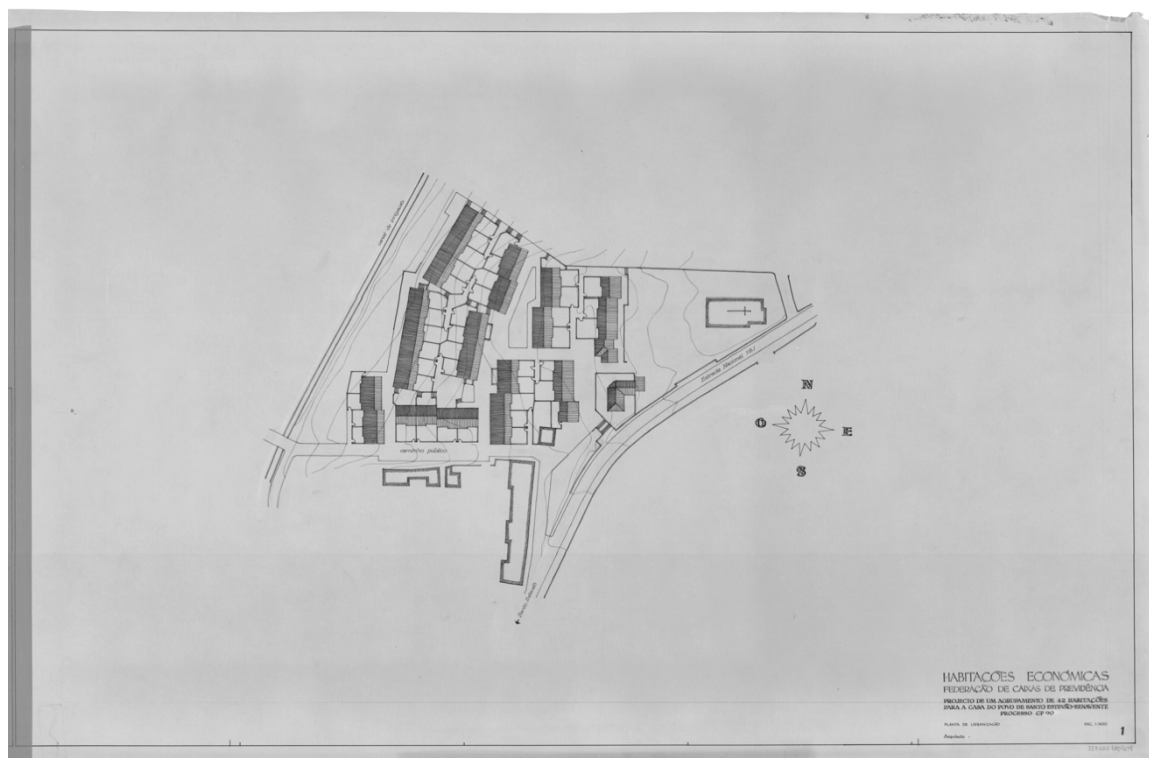
Forma do espaço urbano

À semelhança da obra de Benavente, Vítor Figueiredo organiza este *cantinho* em quarteirões a partir da linearidade da massa edificada, mas de uma forma menos regular e mais orgânica. Ao longo dos edifícios desenha as ruas de acesso automóvel cruzadas com um sistema pedonal de travessas que vencem as diferenças de cota do terreno, contruindo assim um sítio com um carácter mais rural, de acordo com a povoação existente e o terreno. O objectivo é não marcar pela diferença o novo bairro, através de um tecido urbano mais orgânico, *natural*, menos abstracto quando comparada com a forma urbana de Benavente.

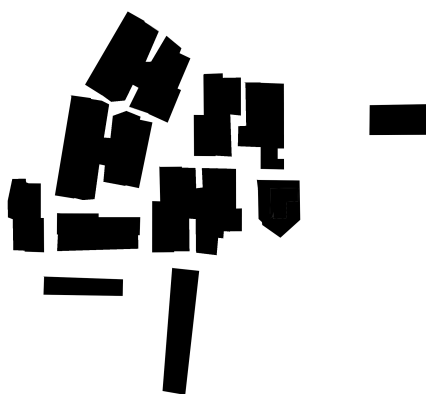
Forma do espaço edificado

Também como Benavente, a massa edificada é organizada linearmente, composta pela célula de habitação e pelo respectivo espaço de quintal. Volumetricamente define-se pela cobertura em telhado de duas águas. O número de células que constituem a massa edificada variam entre 3 a 6 unidades. A sua posição relativa também através de recuos e avanços permite o efeito urbano mais orgânico não correspondendo às entradas da célula de habitação. Cada célula de habitação tem duas entradas, uma a partir da rua e outra a partir do quintal.

²⁰⁴ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.



34. Projecto: Planta de urbanização
Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 000155



35. Forma do espaço urbano

Forma do espaço das células de habitação

A tipologia base é o T3, neste caso com áreas inferiores à obra de Benavente. As células de habitação são igualmente organizadas segundo um espaço principal, permitindo relacionando o interior da célula com o quintal e a rua. A entrada principal é feita pela cozinha a partir do quintal, protegida por um alpendre, prevendo um tipo de utilização mais rural. O espaço da cozinha é dimensionado para albergar também a zona de estar e comer que se confundem neste caso. A porta que se relaciona com a rua e lhe confere *naturalidade*, é uma porta secundária que dá acesso a um espaço atravessável, que poderá ter funções de *saleta de entrada*, se não for necessária a utilização como quarto. Uma vez mais, como em Benavente, privilegia-se o atravessamento do fogo como abertura de hipóteses de circuitos urbanos, em conjunto com as ruas e percursos pedonais, não deixando de responder ao programa interno com uma situação de compromisso pela sua dimensão.²⁰⁵

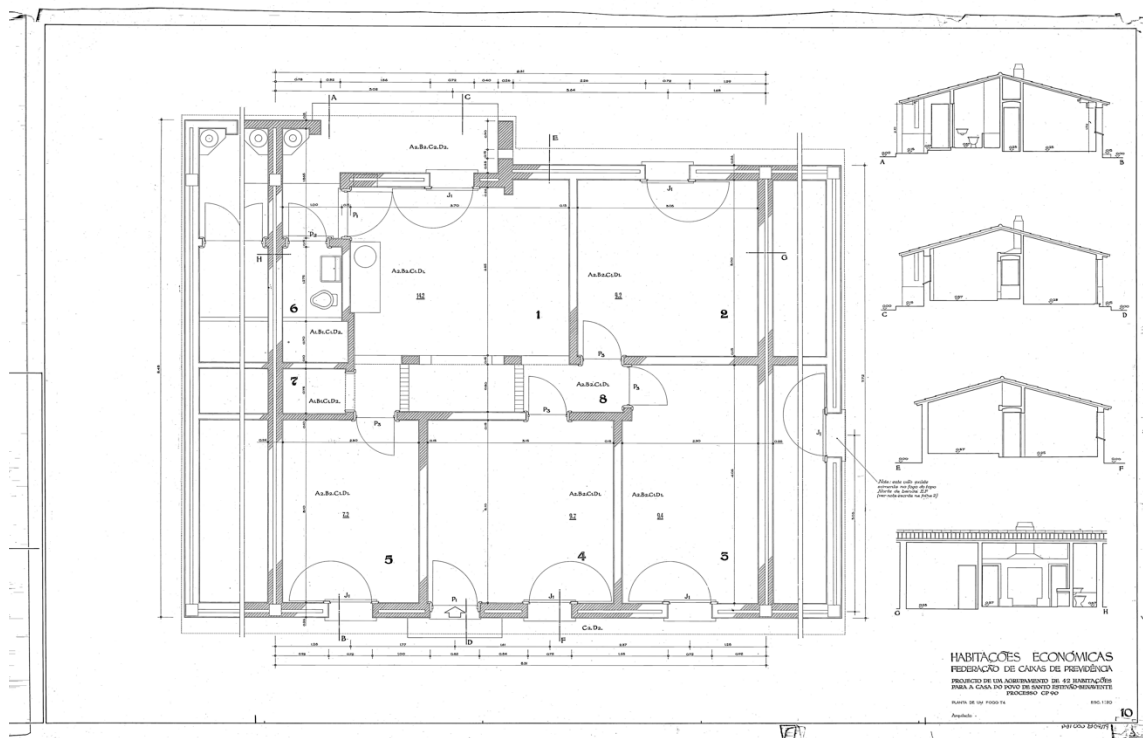
Caracterização da forma do espaço urbano pelos edifícios

A caracterização urbana neste caso confunde-se com uma expressão vernacular pela forma urbana e pela expressão espartana dos panos caiados e telhados pontuados pelas aberturas de vãos e beirados. Este conjunto tem assim poucos traços da arquitectura erudita, de acordo com a atitude de pudor e contenção que sublinha nesta obra específica, limitando-se a detalhar as portas e janelas, as suas soleiras e peitos em pedra, e as escadas das travessas de uma forma muito contida.

*Aquilo é uma povoação pequenina, era um cantinho que ali existia, todas as construções eram o que eram, não é por ter existido o Inquérito a Arquitectura Regional Portuguesa. As casas tinham que ter um telhado, era natural, as portas, as janelas.*²⁰⁶

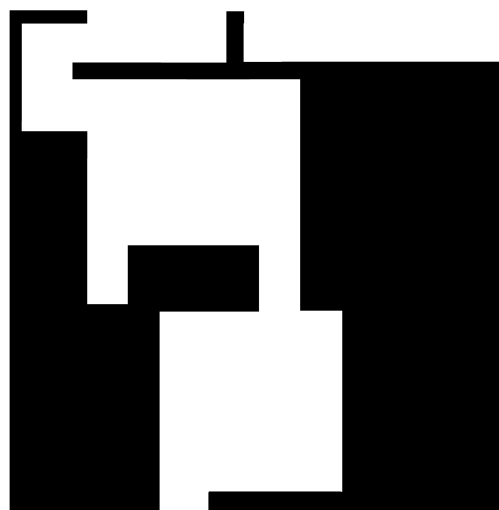
²⁰⁵ Figueiredo, V. (1963) Memória Descritiva do projecto Agrupamento de 42 fogos em Santo Estevão CP 90, in Coutinho, A. A., Pacheco, V. M. (1968), *Habitação-família. Um inquérito no meio rural. Ministério das Corporações e Previdência Social. Direcção-Geral da Previdência e Habitações Económicas – Serviços de Inquéritos habitacionais*, n.º 2, pp. 107-110

²⁰⁶ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

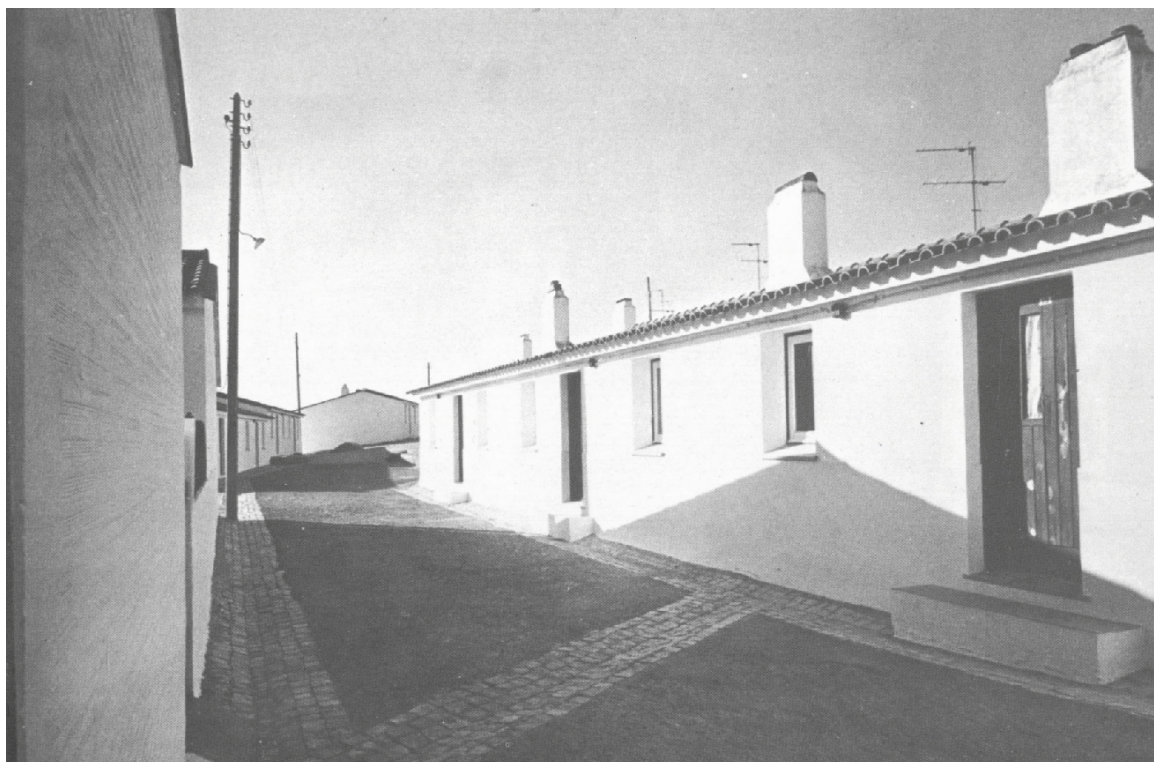


36. Projecto: Planta do fogo T3B

Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 000161



37. Espaço da célula de habitação



38. Fotografia da rua

Autor desconhecido, s.d. Arquivo Pessoal de Luísa Marques (cópia cedida por Vítor Figueiredo)



39. Fotografia da ligação entre ruas

Autor desconhecido, s.d. Arquivo Pessoal de Luísa Marques (cópia cedida por Vítor Figueiredo)

Peniche, 1968

Em Peniche Vítor Figueiredo projecta o conjunto habitacional de Peniche CRE 104, no âmbito das casas de rendas económica, numa zona de expansão da *Vila de Peniche*. Num terreno de grade dimensões a câmara municipal pretende edificar no mínimo 200 fogos de categoria I e II, em 3 e 2 pisos, respectivamente.²⁰⁷

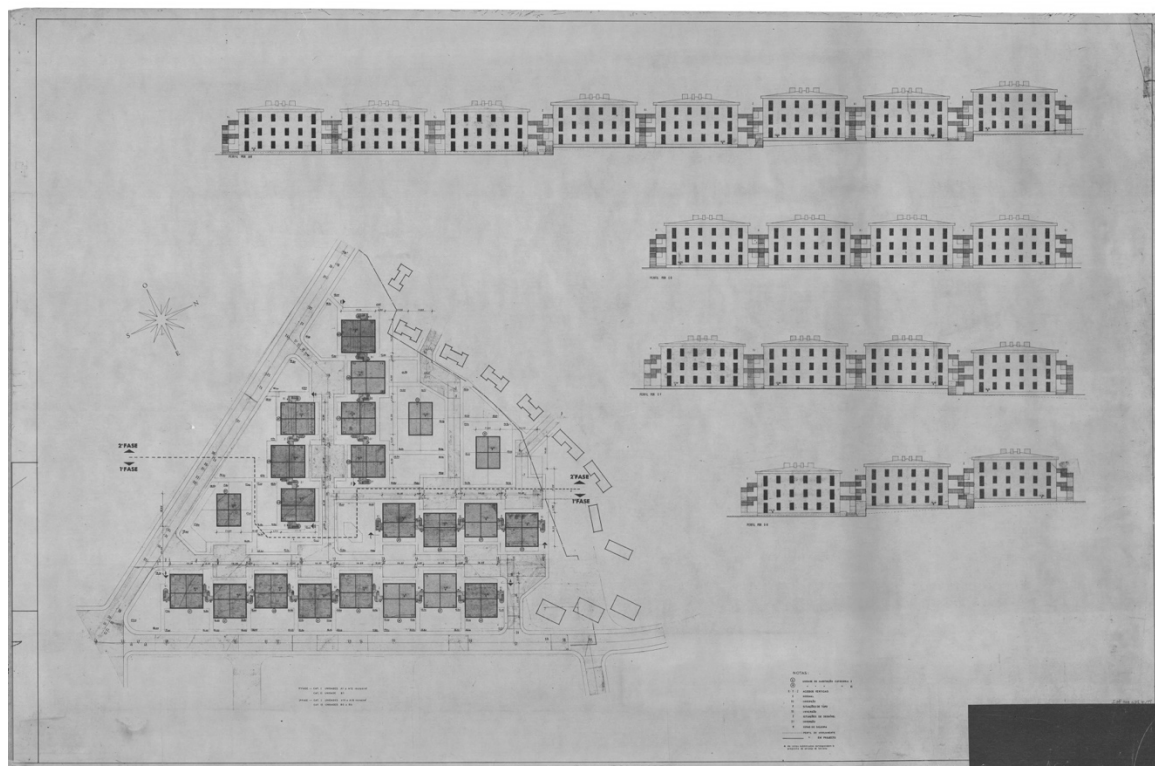
Forma do espaço urbano e forma do espaço dos edifícios

Neste projecto, a forma urbana e a forma do espaço dos edifícios confundem-se. A forma urbana decorre da organização da massa edificada linear em 4 grupos de 3 pisos pontuada por 3 volumes isolados de 2 pisos. Num terreno de forma triangular as massas edificadas são organizadas segundo eixos ortogonais que definem as fachadas da rua existente a Este e a Sul que limitam o terreno. Os volumes isolados de 2 pisos fazem a transição com o limite Norte, marcado pela construção existente de edifícios de habitação de 1 e 2 pisos. A organização da massa edificada confere autonomia urbana ao novo conjunto habitacional, criando relações filtradas com as ruas e massas contruídas existentes. Nesse sentido os grupos definem fachadas para as ruas exteriores ao conjunto, enquanto definem ruas e praças no seu interior, formando um espaço urbano de bairro.

Cada grupo linear de 3 pisos é composto por edifícios de 4 células de habitação por piso resultando em edifícios de volumetria cúbica compacta. Os edifícios são organizados em linha com deslocações alternadas e espaçados entre si. Estas deslocações formalizam troços de rua e praça alternadamente. O espaçamento entre volumes dá lugar ao acesso vertical na tipologia esquerdo-direito com 4 células por patim, permitindo, ao mesmo tempo, o atravessamento pedonal entre as várias ruas e praças. É na relação da massa edificada de cada edifício habitação que se gera o espaço urbano, *a paisagem, ela própria cria o acontecimento*.²⁰⁸

²⁰⁷ Figueiredo, V. (1962), Memória Descritiva do estudo prévio do Conjunto de habitacional de Peniche CRE 104. Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT-TXT 00048

²⁰⁸ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.



40. Projecto: Planta de trabalho e perfis
Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 000702



41. Fotografia do espaço urbano
Autor desconhecido
Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 007321

Forma do espaço das células de habitação

Cada edifício de 3 pisos é composto pela combinação de 2 células de tipologia T3 com 2 células T2 organizadas em quadrantes com um dos eixos deslocado do centro, que permite a gestão da diferenciação da área com uma organização semelhante entre as duas tipologias. Nas células os compartimentos são encostados às fachadas do edifício, com a localização das cozinhas e instalações sanitárias no centro, libertando o restante espaço como espaço de circuito e zonas de estar supérfluas. O circuito é formado pelo conjunto de espaços da entrada, zona de comer, estendal e patim de entrada coberta, que se relaciona também com o sistema de acesso vertical já num espaço intermédio entre o edifício e a rua.²⁰⁹

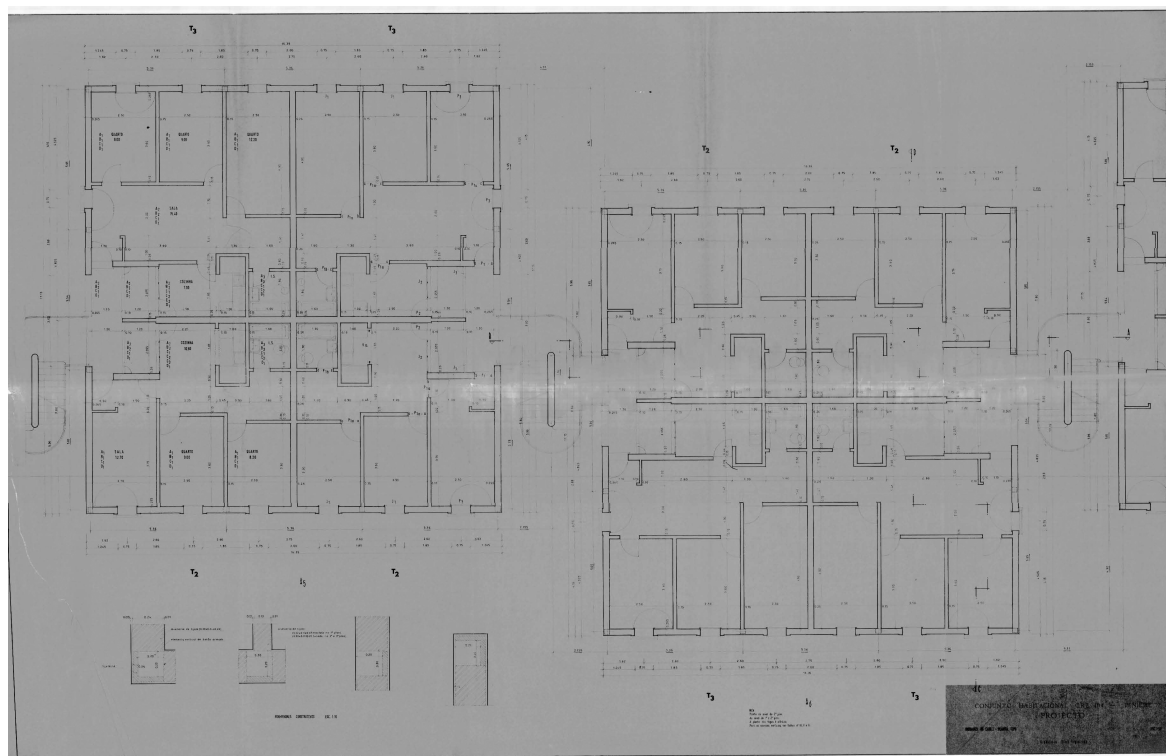
Caracterização da forma do espaço urbano pelos edifícios

A caracterização urbana resulta da posição relativa dos edifícios, como identificado, e dos detalhes de pormenor presentes em cada edifício, sem diferenciação entre a categoria I e II. Para além do elegante encontro entre os panos caiados e o beirado em betão, e assinalar a marcação das entradas no edifício e passagens urbanas através da verticalidade do conjunto de vãos de sacada com guardas metálicas e saliências de betão, destacada ainda pela presença dos tubos de queda. O edificado, pelas suas características volumétricas e de detalhe, assume um carácter palaciano, que caracteriza também o ambiente urbano. Nesse sentido podem ler-se as aberturas definidas nos grupos de massa como uma sucessão de portas através de um corredor aumentando exponencialmente as hipóteses de entrada e circulação neste espaço urbano de movimento perpétuo.

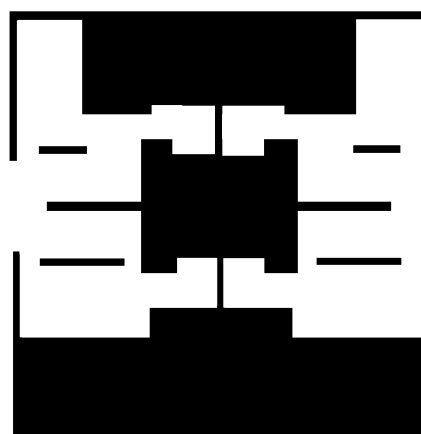
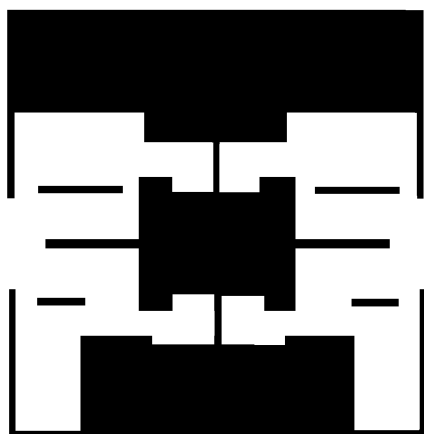
*Repara, ou faço um quarteirão, ou faço as casas de Peniche, estou muito atento aos espaços exteriores que os edifícios geram ou que são gerados pelo espaço aquilo que vocês dizem agora o "espírito do lugar. Há situações objectuais, e outras em que a própria habitação proporciona isso, gera paisagem, ela próprio cria acontecimento."*²¹⁰

²⁰⁹ Figueiredo, V. (1962), Memória Descritiva do estudo prévio do Conjunto de habitacional de Peniche CRE 104. Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT-TXT 00048

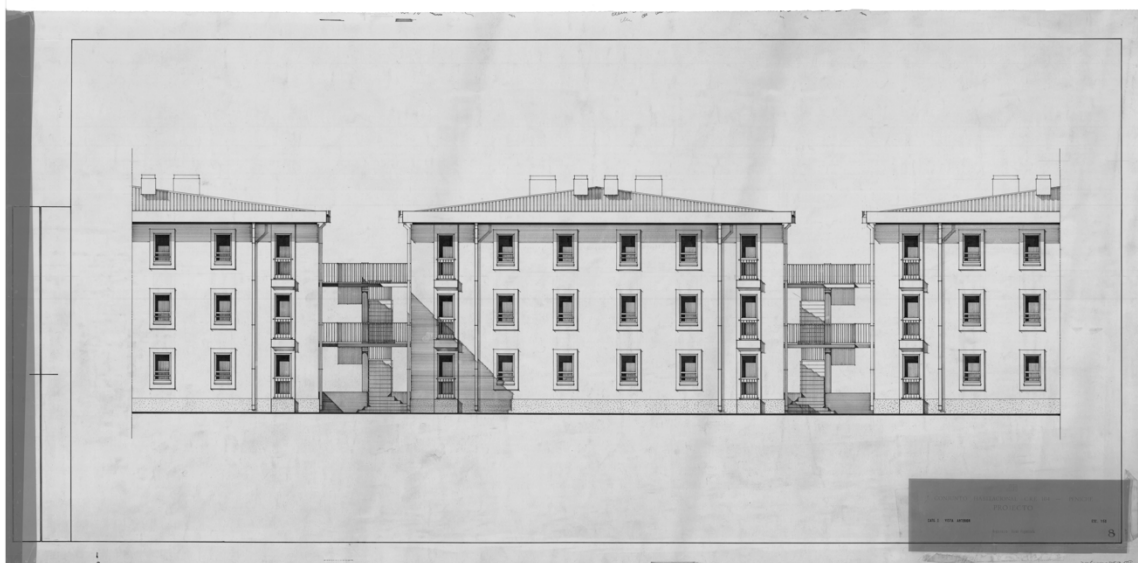
²¹⁰ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.



42. Projecto: Planta tipo
Arquivo da Câmara Municipal de Peniche



43. Espaço da célula de habitação



44. Projecto: Categoria I, vista anterior
Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 000706



45. Fotografia dos acessos verticais e passagens urbanas
Autor desconhecido
Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 007321

Chelas, 1973

O conjunto habitacional de Chelas PUC – Zona 2, foi o segundo e último projecto promovido pelo GTH em Lisboa, enquadrado, à semelhança dos Olivais, no âmbito do Plano de Urbanização de Chelas da zona N2. O projecto desenvolvido em co-autoria com Eduardo Trigo de Sousa e Jorge Gil, previa a *concretização de 330 fogos da Categoria I*. Neste caso, ao contrário dos Olivais, o projecto é o resultado de um trabalho prévio de coordenação entre o GTH e os vários projectistas da zona N2,²¹¹ como Manuel Vicente e Gonçalo Byrne.²¹²

*Há sempre um natural e inevitável "choque" entre o Plano e os arquitectos chamados a projectar os edifícios. Um Plano de Pormenor, se não for inócuo, contém definição volumétrica, certas formas e intenções que são sempre difíceis de prosseguir, respeitar, por outros arquitectos. Neste caso o Plano teve alterações, foi-se adaptando e fomo-nos adaptando.*²¹³

Forma do espaço urbano

O projecto está localizado num dos extremos edificados da zona N2, no topo de uma encosta no encontro de dois vales, conferindo-lhe um carácter de pontão. O projecto do espaço urbano é uma *intenção nítida e consciente* de resposta tendo em conta os vários dados do problema, as vias de acesso previstas plano, o programa, a topografia e a situação marginal urbana.²¹⁴ Neste sentido é criado um fechamento ao conjunto urbano da zona N2 através de um *objecto* que se adapta ao declive existente e aos *arruamentos que indiciavam um núcleo de construção centrípeto*. O objecto adquire um carácter de transição entre duas realidades, assinalando o final ou o início do bairro em relação às restantes zonas evolventes urbanas.

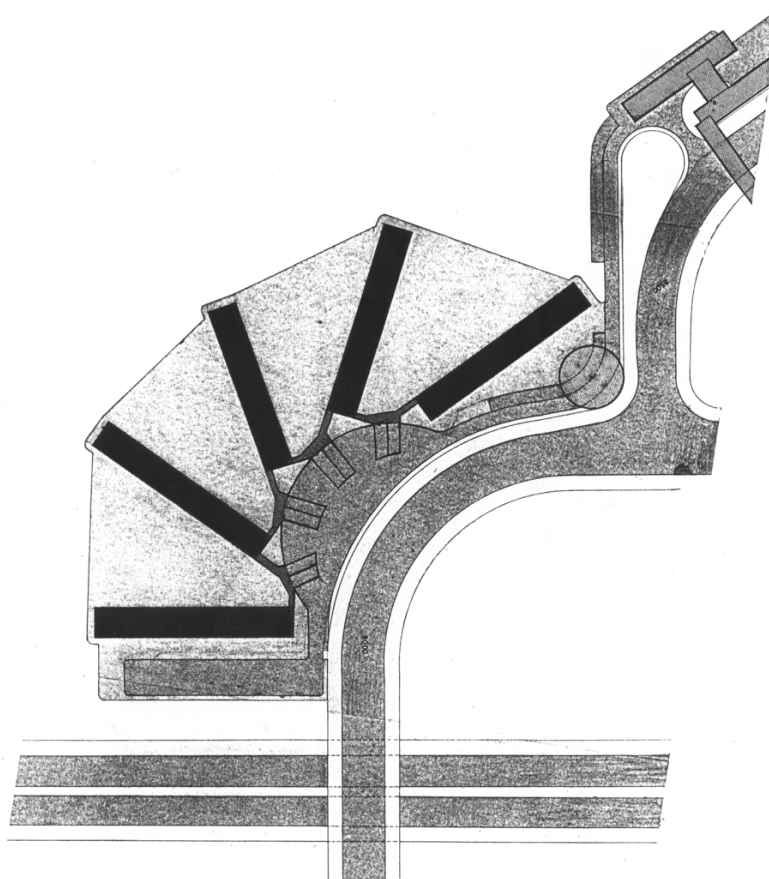
²¹¹ Figueiredo, V., Sousa, E. T., Gil, J. (1962), Memória Descritiva do estudo-base do Conjunto habitacional de Chelas. PUC – Zona N2. Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT-TXT 00067

²¹² Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

²¹³ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Gonçalves, R. e Santos, D. V. (1999). *Entrevista a Vítor Figueiredo. Documentos de Arquitectura*, n.º 2.

²¹⁴ Figueiredo, V., Sousa, E. T., Gil, J. (1962), Memória Descritiva do estudo-base do Conjunto habitacional de Chelas. PUC – Zona N2. Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT-TXT 00067

A massa do objecto de transição é então *cortada* de forma a abrir 4 espaços exteriores em cunha abertos ao vale e ao rio Tejo, contidos por 5 edifícios radiais, interligados através de uma galeria de acesso de acordo que segue a curvatura das vias de acesso e cria uma praça de entrada circular. O dinamismo radial inicia-se no edifício localizado mais perto do conjunto urbano da zona N2 seguindo a mesma direcção dos edifícios vizinhos, posicionando-se no enfiamento da rua definida pela massa edificada, criando a sua contenção espacial. Os restantes edifícios dispostos em leque fazem a transição entre a direcção da rua e massa edificada posicionando-se o último edifício do conjunto paralelamente em relação à via de trânsito rápido principal.



46. Projecto: Planta de implantação

Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 000628 (original a cores)



47. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.
Arquivo Pessoal de Luísa Marques
(cópia cedida por Vítor Figueiredo)
(original a cores)

Forma do espaço edificado

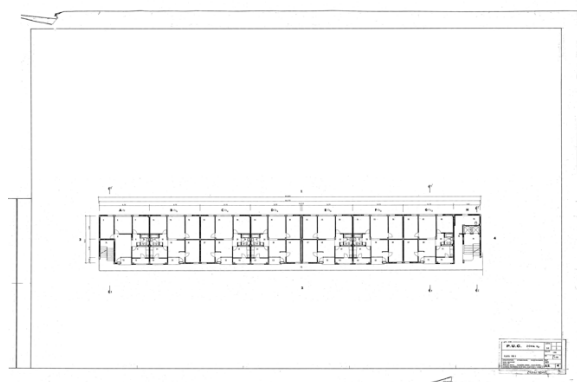
Os 5 edifícios têm 9 pisos com 7 células de habitação por piso, excepto o edifício central com 6 células. Os 3 edifícios centrais possuem ainda pisos parciais no rés-do-chão de forma a adaptar-se à topografia. O espaço dos edifícios é definido pelo seu sistema de acesso circular em galeria, comum a todos os edifícios. Este espaço relaciona o vazio da praça central de acesso comum a todos os edifícios, com o sistema de acesso radial em galeria definida pela massa das células de habitação. Os acessos verticais às galerias são feitos a partir de 2 escadas por edifício, uma em cada topo, e um conjunto de dois elevadores no topo junto à galeria circular. Os espaços entre os edifícios são acedidos pela galeria circular e sistema de acesso vertical, ou ainda através do espaço urbano, podendo assim assumir uma função de entrada ou saída do conjunto. *O acesso aos edifícios pode assim fazer-se em qualquer dos topos.* Este tipo de organização permite a criação de circuitos e uma fruição flexível instalando assim à escala urbana e do edifício a *feira*.

*Tu não entravas para cada um dos edifícios, aquilo ia cozendo os edifícios, era um sistema. Podias entrar na entrada mais próxima do teu prédio, ou poderias entrar na primeira, o que iria fazer com que tu saboreasses estes espaços intersticiais. Eles ligavam-se por este cordão umbilical, por esta plataforma geradora em vários níveis, que tinha acontecimentos, que tinha sítios de convívio, que tinha sítios onde as coisas podiam acontecer. Onde as pessoas se podiam encontrar e conversar. Era quase uma outra galeria, que distribuía para estas galerias que tinham extensão de setenta metros: eram muito grandes, muito bonitas.*²¹⁵

*Assim, andei anos a defender a solução de distribuição por galeria dizendo que era mais barata - a verdade é que não era e eu não morria de amores pelas galerias, mas havia crentes nas relações de vizinhança, "ó vizinha dê cá um raminho de salsa" recomendava um teórico francês ... verdade era a galeria ser mais "festiva" que o esquerdo - direito possível.*²¹⁶

²¹⁵ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

²¹⁶ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Gonçalves, R. e Santos, D. V. (1999). *Entrevista a Vítor Figueiredo. Documentos de Arquitectura*, n.º 2.



48. Projecto: Lote 249, planta piso 3
Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 001039



49. Espaço edificado



50. Fotografia sobre o espaço de entrada
Autor desconhecido, s.d.
Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 00030 (original a cores)



52. Fotografia do espaço edificado
Autor desconhecido, s.d.
Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 120 1/2 e 2/2 slide 26



51. Fotografia do espaço de acesso vertical
Autor desconhecido, s.d.
Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 006136

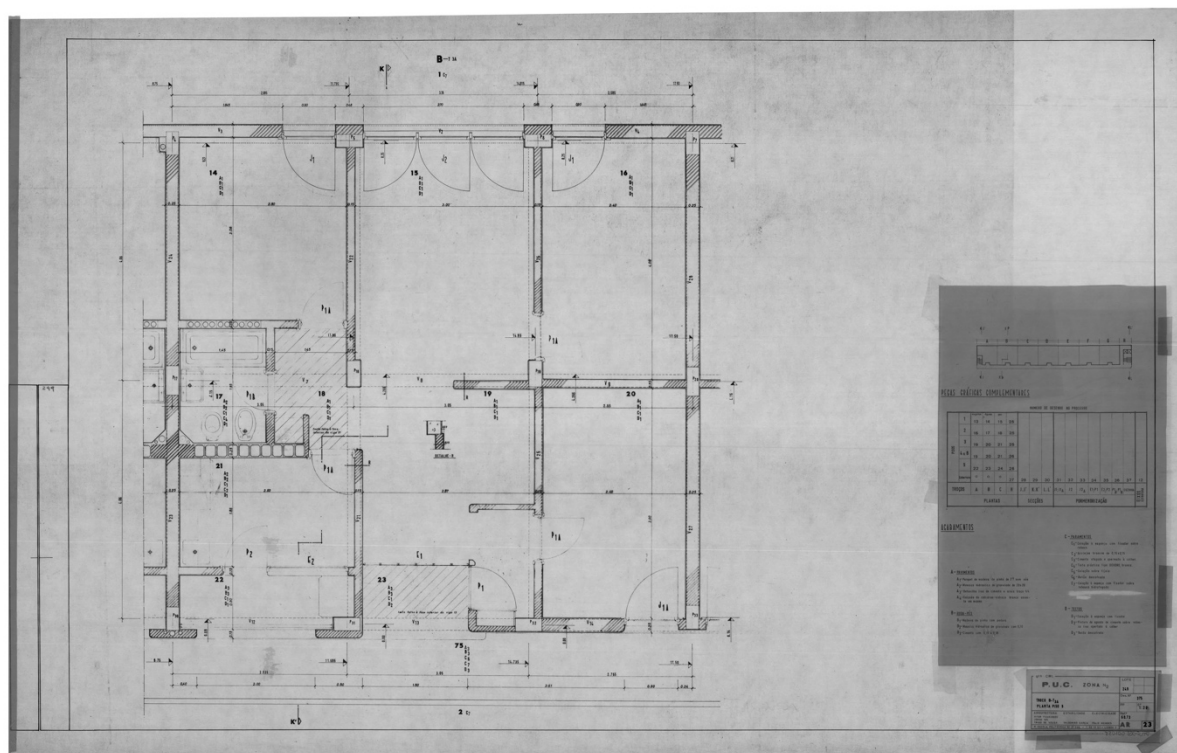
Forma do espaço das células de habitação

Neste projecto celebra-se a articulação *interminável jogo de prioridades lúdicas e existenciais* do espaço exterior e interior, *dum habitar que se quer total*. Numa perspectiva orgânica e dinâmica de conjunto, o espaço da circulação da escala do edifício flui para o interior a célula de habitação atravessando-o em toda a profundidade, através de um espaço central contido pela massa dos quartos, cozinha e instalação sanitária. No entanto o espaço não é oferecido na sua totalidade, salientando-se o papel das paredes que convidam à sua descoberta.²¹⁷ Este é o foco principal recorrente nos seus projectos, o sublinhar da importância do que aparentemente seria acessório como o mais importante, o lado misterioso da existência humana, que neste projecto em particular se exprime de uma forma espacial clara e silenciosamente gritante.

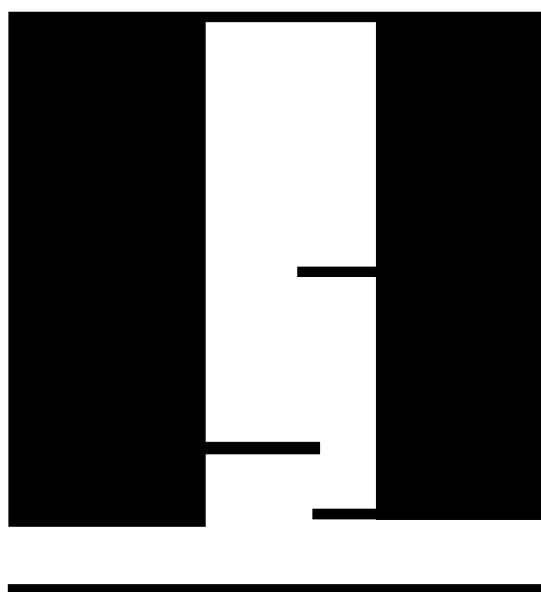
*Repara bem, isto é um T3, tens 1,2,3, eu para já baralho, não tens zona diurna e zona nocturna, tens 1,2,3, o 3º quarto está aqui, não é especialmente um quarto de casal, não sei o que é. Depois há outra coisa, repara, eu consigo administrar a área, digamos da sala, subdivido-a mais uma vez e vou buscar outra vez os Olivais, num grande espaço de entrada, para o qual dá um parque. Repara, eu baralho jogo todo, repara está longe de qualquer esquema racionalista ou funcionalista, zona diurna, zona nocturna, corredor, utilização, espaços com função definida, não existe aqui, para o que é que serve isto aqui, não te sei responder. Não tem nada, não tem nenhuma função a atribuir, a não ser uma macro função, se tu quiseses, não tem função. (...). Isto aqui não é nada, não há nada, não tens, isto aqui é a sala, se quiseses, a sala comunica com isto. Estás a ver tens isto, isto é a sala, que atravessa o fogo de um lado ao outro, é outra coisa que eu experimentei, tu entras aqui, vislumbra, e repara, a dimensão do fogo, a dimensão, psicológica, se quiseses, física, é muito diferente, tu não entras confinado, tu tens um espaço, e tens um quarto que dá para aqui. A entrada para os 3 quartos é feita cada uma em seu sítio, aleatoriamente quase. (...) é o rebentar com as coisas, digamos, isto afasta-se de um esquema tradicional de habitação, se tu quiseses, aliás eu reparei que as pessoas gostavam de lá viver. Na altura em que depois disto, tenho sempre esse cuidado, pergunto a duas ou três, passeio pelas coisas.*²¹⁸

²¹⁷ Figueiredo, V., Sousa, E. T., Gil, J. (1962), Memória Descritiva do estudo-base do Conjunto habitacional de Chelas. PUC – Zona N2. Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT-TXT 00067

²¹⁸ Entrevista a Vítor Figueiredo (registo áudio). In: Zúquete, R. (2000). *Ensaaios sobre Habitação Social, Portugal 1950/80, uma análise dialógica*. Tese de Doutoramento. Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona da Universidade Politécnica da Catalunha.



53. Projecto: Lote 249, troço B – T3A, planta piso 9
Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 001055



54. Forma do espaço da célula de habitação

Caracterização do espaço urbano

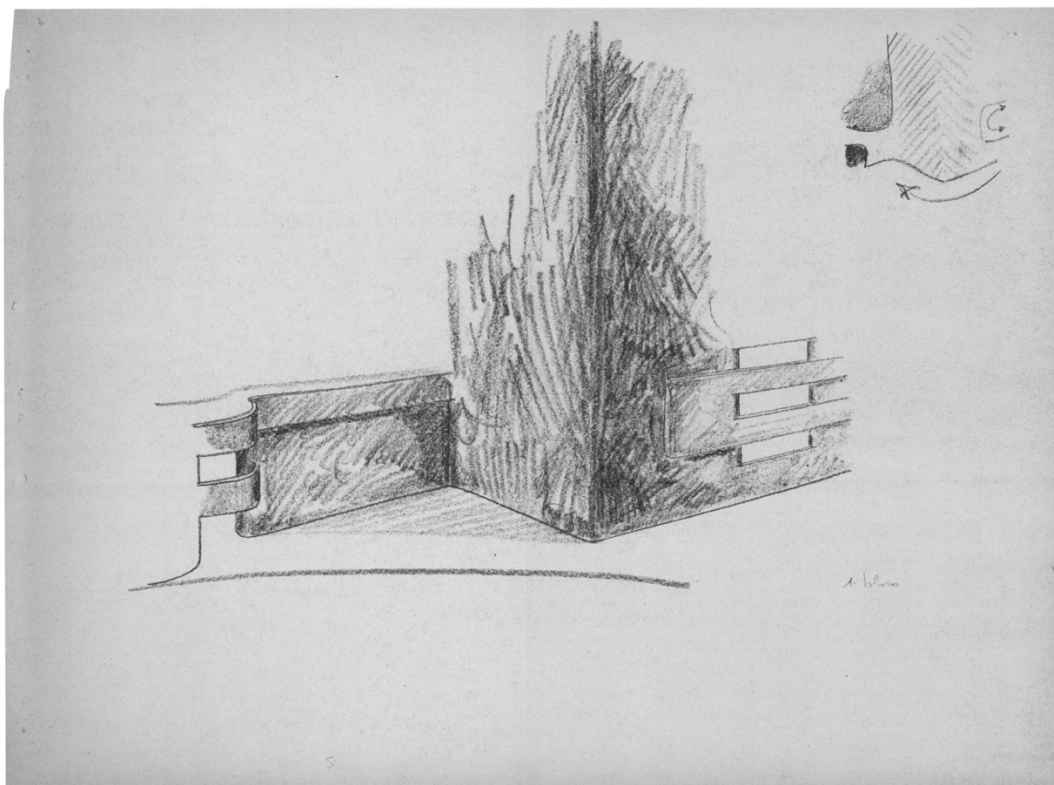
De acordo com o objecto de dignificação dos espaços urbanos, transversal a todas as obras de habitação social, este projecto pauta-se pela atenção às marcas que a arquitectura pode criar na diferença entre *nós e os outros*.

A preocupação era fazer uma unidade, um conjunto de..., e que não cheirasse na pobrezinhos. Isso já vinha de trás, da minha experiência. Isso marca mesmo. ²¹⁹

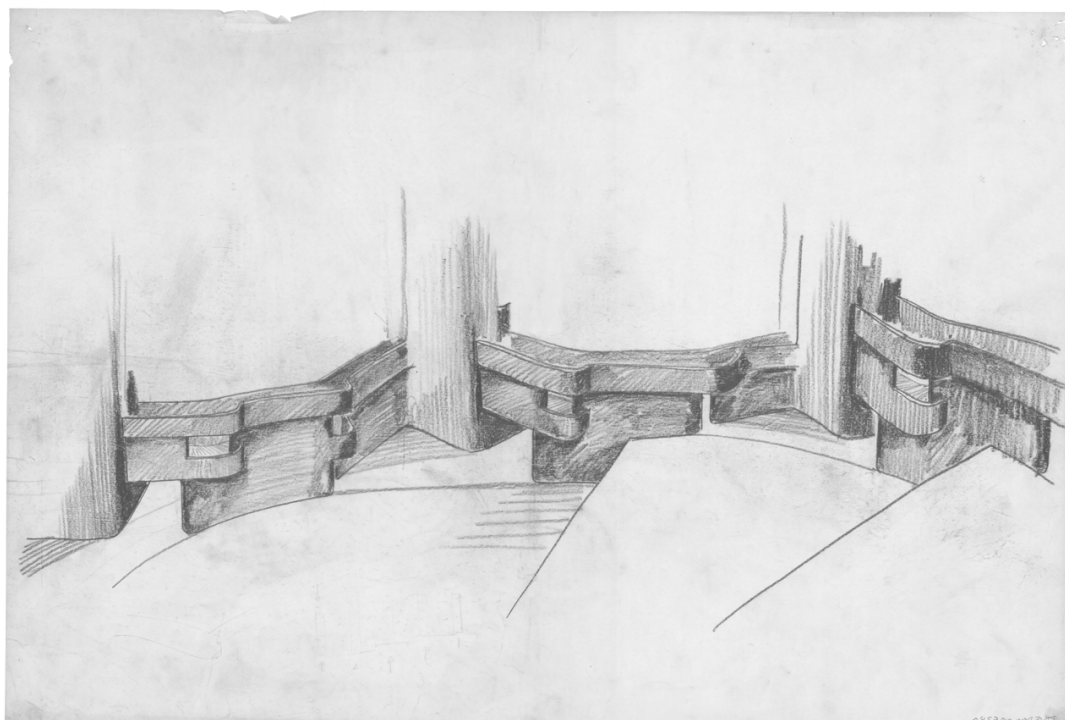
Nesse sentido, o objectivo de Vítor Figueiredo era não ser possível identificar, à distância, que aquele conjunto era habitação social de categoria I, pela expressão volumétrica do número de pisos, pelo tratamento dos espaços exteriores, que não foram tratados como esperado, pela galeria de acesso comum, que não funcionou por erros de obra na relação entre a topografia do terreno e o edifício e pelo seu tratamento formal. ²²⁰ A expressão do volume edificado aproximava-se assim de edifícios de categorias superiores ou de promoção privada contruídos nessa altura em Lisboa. Os espaços exteriores teriam a caracterização de pequenos jardins urbanos semelhantes aos existentes nas zonas consolidadas de Lisboa. A galeria comum de acesso concordaria com o terreno para possibilitar o acesso e atravessamento em qualquer ponto do conjunto. Do tratamento formal, que foi executado destacam-se os detalhes feitos através do trabalho de reboco enquanto forma de reforço da unidade do conjunto: os cantos do conjunto são boleados; as bandas salientes de coroamento; a marcação do embasamento a partir da galeria comum se oculta por trás dos edifícios para aparecer como banda no edifício; o detalhe na abertura dos vãos dos núcleos habitacionais, que pela sua proximidade e detalhes dos cantos boleados e recuo da parede divisória torna possível uma leitura de um único vão. Este último traço é referenciado por Vítor Figueiredo nos edifícios de Cassiano Branco em Lisboa. Todas estas características contribuem para a alteração da leitura do edifício e reforçam o seu carácter coeso enquanto totalidade dinâmica.

²¹⁹ Entrevista a Vítor Figueiredo (registo áudio). In: Zúquete, R. (2000). *Ensaio sobre Habitação Social, Portugal 1950/80, uma análise dialógica*. Tese de Doutoramento. Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona da Universidade Politécnica da Catalunha.

²²⁰ *Ibidem*.



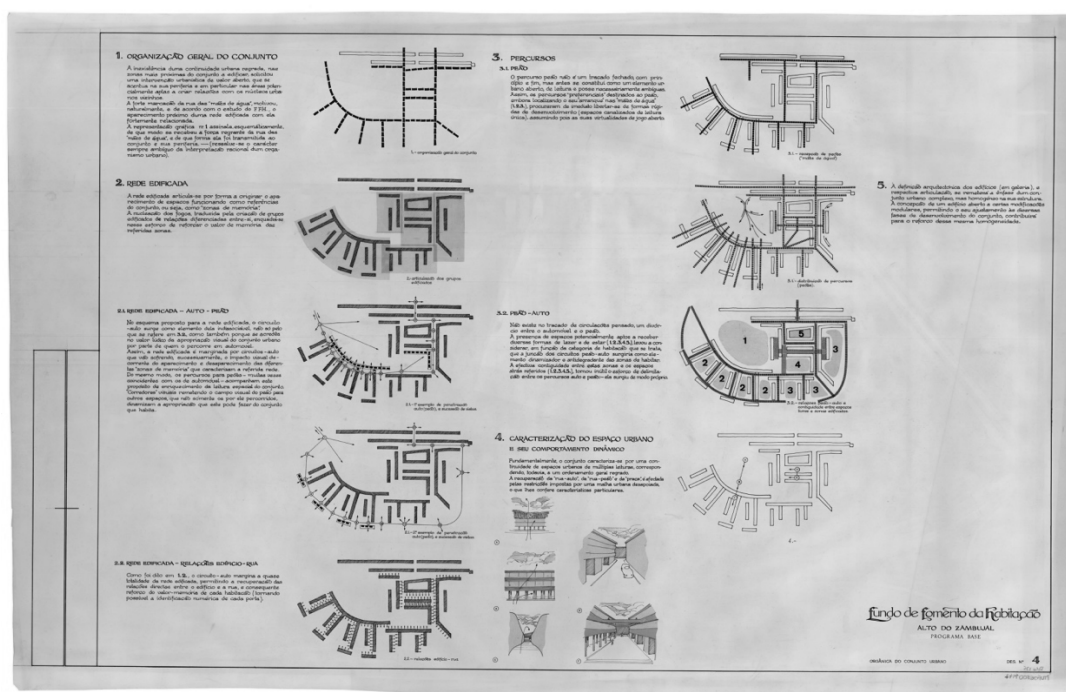
55. Esquiço do espaço de entrada na galeria, esquina de edifício e bandas horizontais do edifício/galeria
Autor desconhecido, s.d. Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 006282



56. Esquiço da sucessão de espaços de entrada e sua interligação
Autor desconhecido, s.d. Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 006280

Zambujal, 1974

O conjunto habitacional do Alto do Zambujal, promovido pelo FFH no âmbito do Plano Integrado do Zambujal. Localiza-se na Freguesia de Alfragide, no limite administrativo entre as Cidades da Amadora e de Lisboa, sem referências urbanas na sua proximidade. O projecto foi desenvolvido em co-autoria com Duarte Cabral de Mello. Nos documentos da fase de concurso a autoria é atribuída também a Eduardo Trigo de Sousa, Jorge Gil, e Fernando Pessoa (não-ele-mesmo). Este projecto representa um resumo das sucessivas intervenções desde 1960, com o projecto para os Olivais. Apesar de não se ter encontrado a memória descritiva relativa ao projecto do conjunto habitacional do Alto do Zambujal, existe, contudo, um desenho legendado por pontos relativo ao desenvolvimento do Programa Base. As primeiras frases das legendas são declarações de intenções que permitem fazer a leitura deste projecto. As palavras-chave principais deste discurso são a ancoragem, abertura, articulação, continuidade, apropriação, ambiguidade, complexidade e homogeneidade.



57. Programa Base: Fundo Fomento da Habitação, Alto do Zambujal, Orgânica do Conjunto Urbano. Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA PT VF-DES 001947

Forma do espaço urbano

A génese da forma do espaço urbano é ancorado na abertura ao desenvolvimento futuro do espaço urbano adjacente e na rua estruturante definido no plano. O resultado final, apesar de diferente dos esquemas iniciais segue estes princípios. Desta forma são deixadas “pontas soltas” lineares e em quarteirão nas zonas limite da intervenção, sugerindo a sua continuidade, inaugurando-se um pedaço de cidade que não se quer isolada. A rua principal definida no plano, que atravessa o terreno da intervenção em linha curva, é o eixo estruturante central do projecto que gera a ramificação de toda a restante estrutura urbana da proposta. Esta abertura da forma urbana ao diálogo com a envolvente, mesmo quando ainda não existe, é uma característica recorrente ao longo dos projectos analisados. Nos Olivais essa abertura é feita na escala dos edifícios, mantendo uma forma aberta a receber a envolvente, em Benavente através do diálogo com os quarteirões da restante Vila e com a forma do terreno, em Santo Estevão com a sua envolvente próxima, a igreja, os edifícios existentes e os arrozais, em Peniche o diálogo com o edificado existente e com as duas vias marginais e em Chelas com a marcação de um extremo urbano, que se abre aos dois vales.

1. Organização geral do conjunto

A inexistência duma continuidade urbana regrada solicitou uma intervenção urbanística de valor aberto, que se acentua na sua periferia e em particular nas áreas potencialmente aptas a criar relações com núcleos urbanos vizinhos.

A forte marcação da rua das “mães de água”, motivou, naturalmente, e de acordo com o estudo do FFH, o aparecimento próximo duma rede edificada com ela fortemente relacionada.

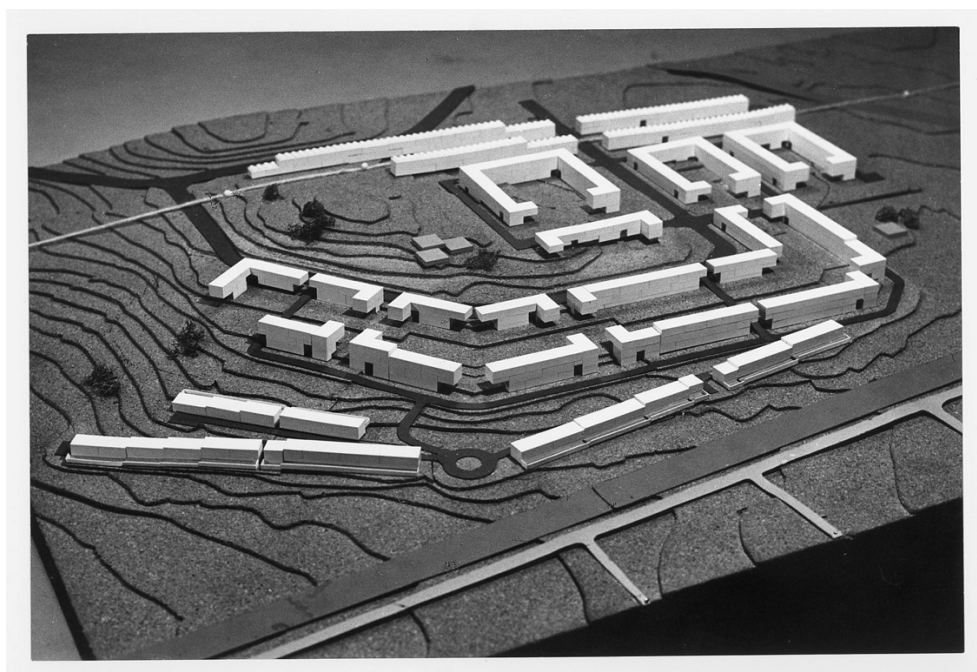
A representação gráfica n.º 1 assinala, esquematicamente, de que modo se recebeu a força regrante da rua das “mães de água”, e de que forma ela foi transmitida ao conjunto e sua periferia. – (ressalve-se o carácter sempre ambíguo da interpretação racional de um organismo urbano).²²¹

²²¹ Figura 57.



58. Concurso: *Esquiço do conjunto no deserto (urbano)*

Autor desconhecido, s.d. Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 07723



59. Projecto: *Fotografia da maquete do conjunto*

Autor desconhecido, s.d. Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 005374

Forma do espaço edificado e caracterização do espaço urbano

A massa edificada linear articulada define organicamente a espacialidade urbana, dando forma às ruas definidas do plano urbano e criando espaços urbanos reconhecíveis no conjunto das suas relações, ruas, interiores de quarteirão, jardins e praças, exponenciando as possibilidades de atravessamento e apropriação dos espaços exteriores. A massa edificada é composta pelos núcleos de habitação isolados nos cantos e em módulos de 2 núcleos com espaços entre eles, que promovem a abertura de hipóteses de atravessamento pedonal entre as ruas e interiores de quarteirão, funcionando também como os seus acessos verticais, do tipo esquerdo direito. O sentido destas aberturas são reforçados através da marcação nos alçados como uma sucessão de portas a diferentes alturas. A marcação das entradas nos interiores de quarteirão é feita pelo edifício que dobra e abre ao nível do chão. Os vãos são combinados com subtis recuos e avanços à semelhança de Chelas. À excepção do projecto dos Olivais, todos os outros exemplos analisados resultam desta articulação orgânica entre massa edificada e espaço urbano na procura de uma solução espacial aberta. Os quarteirões de Benavente com a solução dos percursos pedonais e acessos verticais do conjunto de Peniche.

2. Rede edificada

A rede edificada articula-se por forma a originar o aparecimento de espaços funcionando como referências do conjunto, ou seja, como "zonas de memória".

A nucleação dos fogos, traduzida pela criação de grupos edificados de relações diferenciadoras entre-si, enquadra-se nesse esforço de reforçar o valor da memória das referidas zonas.

2.1 Rede edificada – auto – peão

No esquema proposto para a rede edificada, o circuito-auto surge como elemento dela indissociável, não só pelo que se refere em 3.2, como também se acredita no valor lúdico da aproximação visual do conjunto urbano por parte de quem o percorre em automóvel.

Assim, a rede edificada é marginada por circuitos-auto que vão sofrendo, sucessivamente, o impacto visual decorrente do aparecimento e desaparecimento das diferentes "zonas de memória" que caracterizam a referida rede.

Do mesmo modo, os percursos para peões – muitas vezes coincidentes com os do automóvel – acompanham este propósito de enriquecimento da leitura espacial do conjunto. "Corredores"

visuais remetendo o campo visual do peão para outros espaços, que não somente os por ele percorridos, dinamizam a apropriação que este pode fazer do conjunto que habita.

2.2 Rede edificada – relações edifício-rua

Como foi dito em 1.2., o circuito-auto margina a quase totalidade da rede edificada, permitindo a recuperação das relações directas entre o edifício e a rua, e consequentemente [o] reforço do valor-memória de cada habitação (tornado possível a identificação numérica de cada porta).

3. Percursos

3.1. Peão

O percurso peão não é um traçado fechado, com princípio e fim, mas antes se constitui como um elemento aberto, de leitura e posse necessariamente ambíguas. Assim os percursos “preferenciais” destinados ao peão, embora localizando o seu “arranque” nas “mãos de água” (1.2.3.), procuraram de imediato libertar-se de formas rígidas de desenvolvimento (espaços canalizados de leitura única), assumindo, pois, as suas virtualidades de jogo aberto.

3.2. Peão-Auto

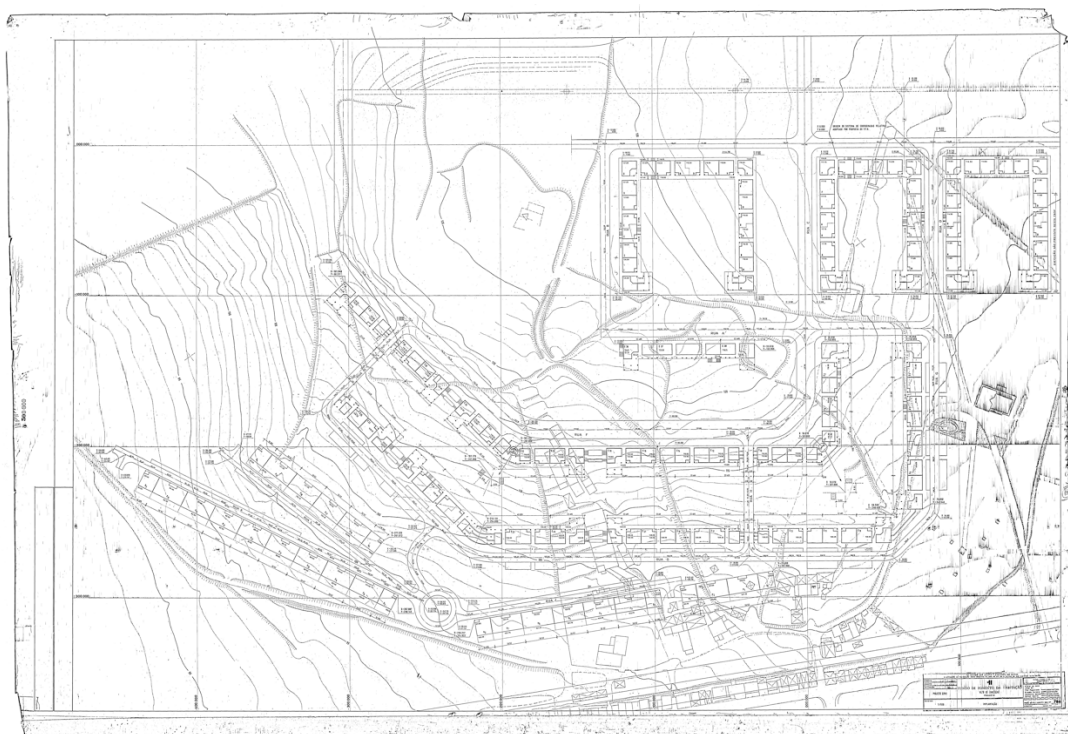
Não existe no traçado de circulações pensado, um divórcio entre o automóvel e o peão.

A presença de espaços potencialmente aptos a receber diversas formas de lazer e de estar (1.2.3.4.5), levou a considerar, em função da categoria de habitação que se trata, que a junção dos circuitos peão-auto surgiria como elemento dinamizador e antidegradante das zonas de habitar. A efectiva contiguidade entre estas zonas e os espaços atrás referidos (1.2.3.4.5.), tornou inútil o esforço de delimitação entre os percursos auto e peão: -- ela surgiu de modo próprio.

4. Caracterização do espaço urbano

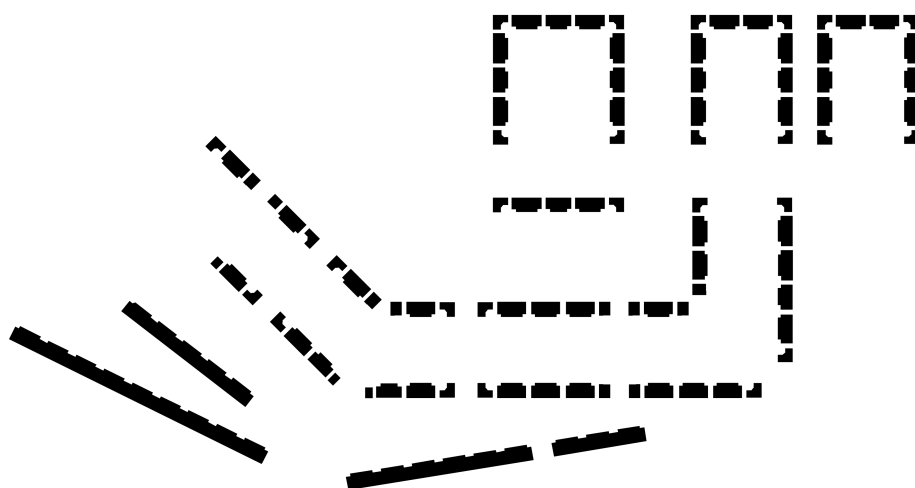
Fundamentalmente, o conjunto caracteriza-se por uma continuidade de espaços urbanos de múltiplas leituras, correspondendo, todavia, a um ordenamento geral regrado. A recuperação da “rua-auto”, da “rua-peão” e da “praça” é afectada pelas restrições impostas por uma malha urbana desapojada, o que lhes confere características particulares.²²²

²²² Figura 57.



60. Projecto: Implantação

Autor desconhecido, s.d. Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 002396



61. Forma do espaço urbano



62. Fotografia do conjunto

Autor desconhecido, s.d. Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 004792 (original a cores)



63. Fotografia do interior de quarteirão

Autor desconhecido, s.d. Arquivo pessoal de Luísa Marques (cópia cedida por Vítor Figueiredo) (original a cores)



64. Fotografia da relação entre a rua e o interior de quarteirão

Autor desconhecido, s.d. Arquivo pessoal de Luísa Marques (cópia cedida por Vítor Figueiredo) (original a cores)



65. Fotografia do interior de quarteirão

Autor desconhecido, s.d. Arquivo pessoal de Luísa Marques (cópia cedida por Vítor Figueiredo) (original a cores)

Forma do espaço da célula habitacional

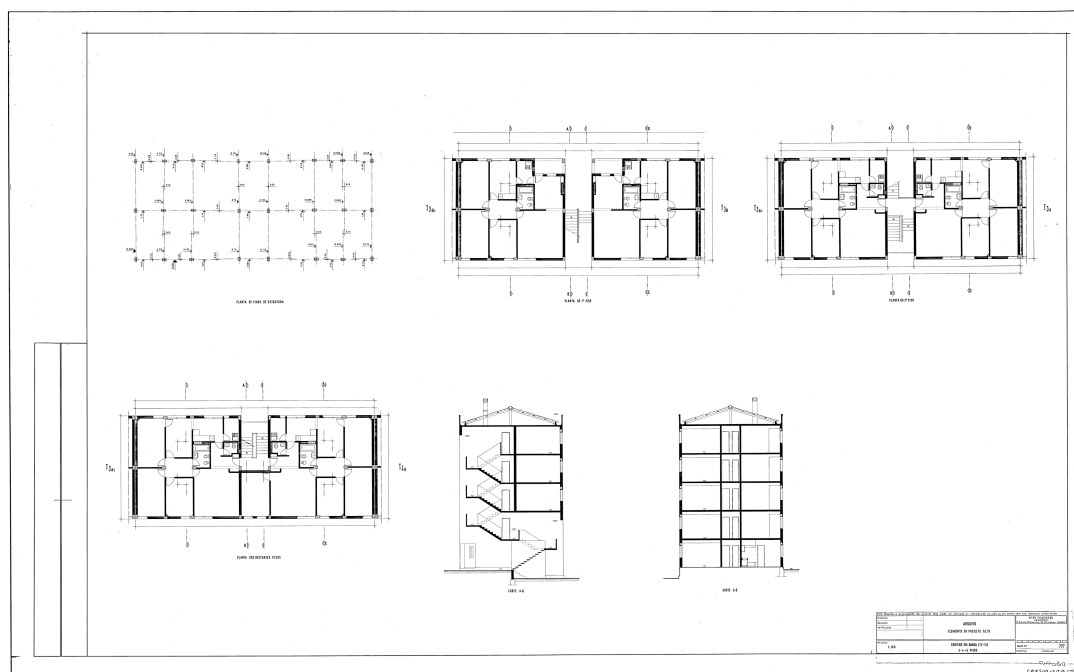
A célula habitacional é, à semelhança das anteriores, um reflexo contínuo das mesmas características do espaço urbano. Desta forma a organização da célula de habitação promove a ambiguidade da sua apropriação, neste caso, de uma forma mais expressiva pelo consequente aumento de áreas, permitindo a definição clara de um percurso através de um compartimento supérfluo junto à zona dos quartos, que se relaciona directamente com a cozinha e com o espaço de distribuição dos quartos, que, por sua vez, se interligam com a sala e espaço de entrada em torno de uma instalação sanitária central.

Salienta-se ainda a estreita relação entre a escala do fogo e a escala urbana, que adquire neste projecto uma relação directa, criando uma complexa rede orgânica de circulações urbanas a partir das relações espaciais das células. A unidade do conjunto é conferida pelos alçados dos edifícios, que unem todos os núcleos e grupos numa continuidade de leitura urbana homogénea. Considera-se, este o exemplo derradeiro, em linha com as obras anteriores, da criação híbrida de uma arquitectura orgânica na sua articulação espacial definida por uma estética construtiva racional.

5. À definição arquitectónica dos edifícios (...), e respectiva articulação, se remeterá a ênfase dum conjunto urbano complexo, mas homogéneo na sua estrutura. (...)

*A concepção de um edifício aberto a certas modificações modulares, permitindo o seu ajustamento às diversas fases de desenvolvimento do conjunto, contribuirá para o reforço dessa mesma homogeneidade.*²²³

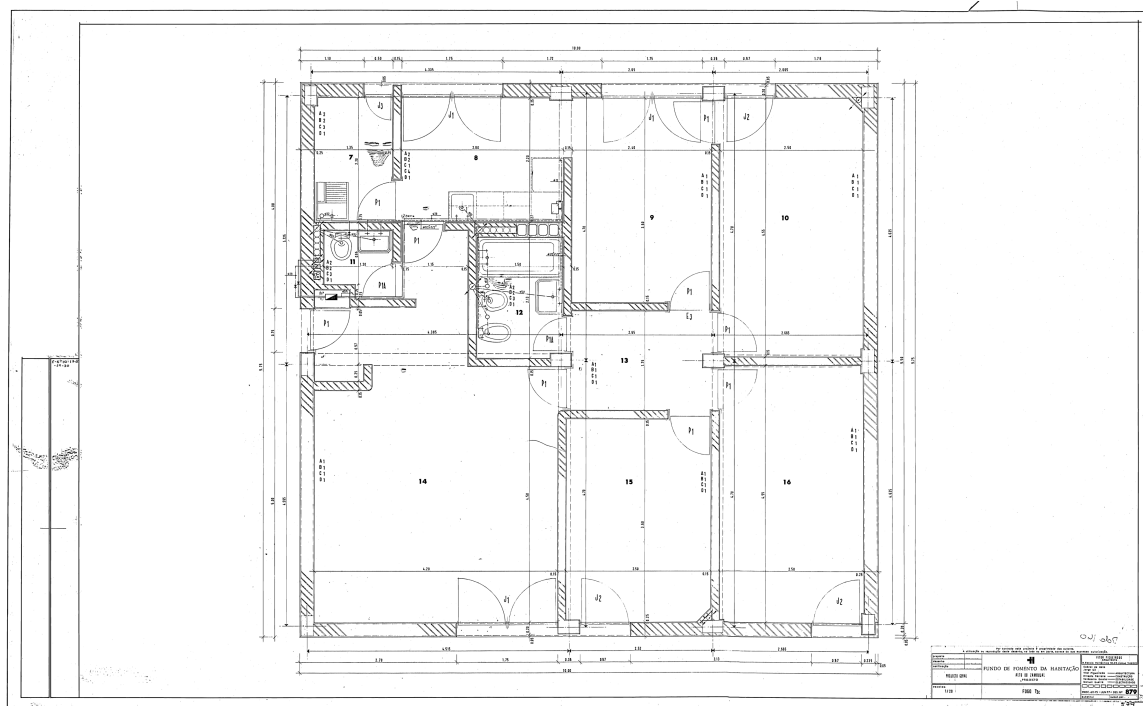
²²³ Figura 57.



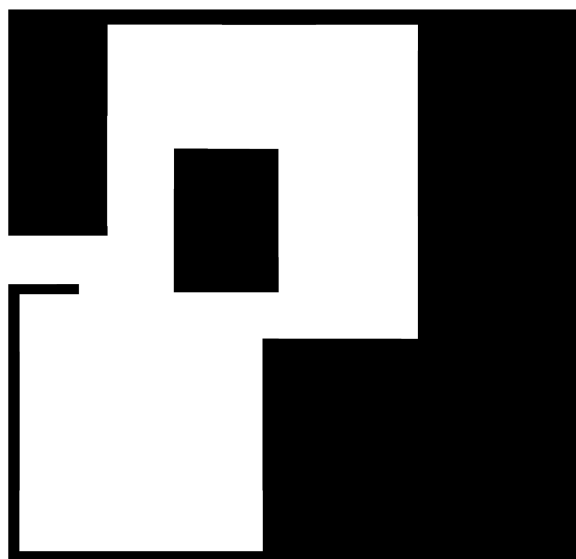
66. Elementos do projecto 62.75: Edifícios em banda, (T3-T4), 3-4-5 pisos
Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 002391



67. Concurso: Esquiço das entradas para o interior de quarteirão a partir da rua
Autor desconhecido, s.d. Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 07711 (original a cores)



68. Projecto: Fogo T3C
Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 002489



69. Forma do espaço da célula habitacional

Considerações Finais sobre o discurso e obra

O discurso de arquitectura visa clarificar a posição de um autor em relação à sua obra, fornecendo dados que permitam uma leitura de acordo com a sua visão. Desta forma é possível aceder a perspectivas sobre a obra que de outra forma estariam vedadas, tornando apenas possível uma leitura enquadrada em teorias gerais ou por comparação a outras obras de diferentes autores. O discurso é assim a chave da essência de uma obra de arquitectura, o seu pensamento subjacente. No caso do discurso analisado neste trabalho, Vítor Figueiredo clarifica a sua posição tendo em conta o princípio enunciado no CODA, de que a arquitectura é justificada e validada com uma concepção do mundo, neste caso, a sua. Assumindo esta posição do autor, o seu discurso é a clarificação da concepção que tem do mundo, que está vertida na sua obra.

Neste sentido, a análise do discurso, feita neste trabalho, foi organizada cronologicamente de acordo com a sua própria vida, com o objectivo de contribuir para um entendimento narrativo da origem da obra que coincide com os seus primeiros anos. Verificou-se que é possível e faz sentido a organização proposta, demonstrando a sequência de acontecimentos que estão na origem da obra. Esta organização é uma terceira forma de leitura do seu discurso, em contraponto à organização apresentado pelo próprio autor e à organização proposta no estudo anterior publicada em livro pelo Professor Doutor Nuno Arenga, orientador desta dissertação. É possível afirmar, que o seu discurso tem a capacidade de ser interpretado de pelo menos três perspectivas diferentes, abrindo a hipótese de existirem mais possibilidades de leitura para além destas três.

O sentido da perspectiva cronológica permite entender o percurso de vida de cada pessoa, que faz dela a sua história. Vítor Figueiredo racionaliza, no discurso, o percurso através de um encadeamento das várias relações pessoais e profissionais, que considera aleatórias ou casuais, constituindo um conjunto de fragmentos de uma unidade. As suas memórias de carácter fragmentário são manipuladas e organizadas por Vítor Figueiredo como construção da concepção que tem do mundo.

A capacidade que o seu discurso tem de ser manipulado e apropriado confere-lhe um sentido aberto e flexível, sendo possível articular e relacionar os vários elementos que o compõe de diferentes formas, mantendo a sua coerência e unidade. Esta característica do seu discurso encontra o seu paralelismo na estrutura espacial abstracta que se identificou como a *zona de trabalho*, um espaço central definido a partir dos espaços adjacentes, que pode ser assumir várias formas na sua relação. O espaço central é essência do seu discurso que pode assumir tantas formas, quantas as possibilidades de organização. Nesse sentido é um discurso espacial que se relaciona com as narrativas dos seus projectos, referenciando-se mutuamente, fazendo dos dois elementos um conjunto. O discurso e os projectos constituem uma única obra.

O lugar definido no conjunto da sua obra, é um espaço ambíguo. Se não fosse ambíguo, não seriam possíveis várias interpretações. A essência do espaço na obra de Vítor Figueiredo é, portanto, a definição da sua ambiguidade. Para definir espacialmente a ambiguidade tem de existir o seu contrário, uma linguagem clara e racional, que lhe dá forma. A leitura da sua obra tem estes dois pólos, por um lado uma linguagem racional, que referencia e permite a leitura de um lado orgânico e poliédrico. Na observação consciente que faz do mundo que o rodeia, Vítor Figueiredo reconhece estes aparentes paradoxos entre duas entidades opostas, que cria uma terceira, uma condição ambígua.

A clarificação desta condição é ilustrada pela história que conta, sublinhado que só se poderia passar no Alentejo: “*Mas está bom? Podia estar pior*”, isto é qualquer coisa, é a recusa.²²⁴ A recusa pela clareza da resposta e a potenciação da ambiguidade entre dois estados, que é o foco fundamental da sua obra, na procura de *espaços onde possam acontecer coisas*.²²⁵ O termo, *coisas*, contém em si toda a definição de ambiguidade possível sobre a condição humana e a forma como percebe o mundo.

²²⁴ Figueiredo, V. (2000). Comunicação em Conferência na Faculdade de Arquitectura da Universidade Lusíada de Lisboa.

²²⁵ Entrevista a Vítor Figueiredo. In: Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

A sua obra é, portanto, uma resposta ambígua e total sobre o habitar, uma vez que considera o próprio homem ambíguo, *uma totalidade dinâmica imersa em outras totalidades dinâmicas*. A relação que o homem estabelece com o espaço deve refletir essa condição. A arquitectura tem a capacidade de potenciar a ambiguidade, ou de a anular, anulando assim o próprio homem.

A capacidade de estabelecer relações entre diferentes realidades a partir da sua essência, recusa a arrumação do mundo em caixas ou prateleiras pretas e brancas desfazendo os limites entre nós e os outros, assim como o interior e exterior, o acesso e a rua, a rua e a casa. Esta leitura pode estender-se à restante obra, posterior à habitação social.

A capacidade fundamental que o aprofundar do estudo da obra de Vítor Figueiredo pode contribuir é para estimular a produção de visões desformatadas do mundo, assumindo que há tantas realidades, quantas as percepcionadas. Acreditar que o mundo é tal como o vemos, e passar isso para o que fazemos, é a atitude de Vítor Figueiredo, caminho que não sugere que se tome, sugerindo apenas que lhe façam perguntas.

Esta atitude é demonstrada numa conversa, que se transcreve, assinalando uma saída deste trabalho, quando deveria estar agora a começar.

[Dulce Loução] (...) Como é que se consegue viver com essa procura? Sem nos contares detalhes, enfim..., menos decentes, se faz favor, obrigada. Consegues responder?

[Vítor Figueiredo] Consigo tentar. Repara, um rapaz chamado Pablo Picasso dizia que ele não procurava, encontrava, mas era o Pablo Picasso, não é? Naturalmente eu como não encontro, procuro, está a ver? Aliás há uma coisa que é importante, há qualquer coisa de apologético nesta forma de actuar. Eu acredito perfeitamente que há e eu conheço, ou conheci alguém que parte para um projecto..., para já quando vejo um papel branco mete-me medo, tenho um medo horroroso, mas parece que há pessoas que não têm medo, que já têm as suas coisas, eu não direi truques, o seu caminho, enfim vão trabalhando e vão elaborando... Suponho que isso tem a ver com uma paixão que eu não partilho, sinceramente não partilho. Eu, talvez agora um pouco confessionalmente, os senhores desculpem, isto não é altura para confissões, mas o meu sonho era ser capitão de navios de bacalhau, é verdade, é verdade não se riam, era o que eu gostava, gosto

do mar e era isso, mas como usava óculos e não tinha uma cunha para o Tenreiro não pude ir para a escola náutica e depois fui empurrado, como diziam que eu tinha jeito para o desenho, fui empurrado para a escola do Porto para tirar arquitectura. Eu sou como aquele senhor que caiu pela escadaria de Fátima e não era penitência, empurraram-no, não é mais que isto.

E além do mais também há uma história, eu estou a tentar responder, não estamos a falar de arquitectura, mas enfim. Eu estou por exemplo, também há um homem que seu estimo que é o homem que me corta o cabelo, não estranhem porque eu desde os 17 anos que tenho assim mais ou menos este cabelo, e é o Sr. Henrique Cardoso, e é uma história que eu conto, e que alguns dos presentes conhecem certamente. Eu, por mais estranho que pareça, ando sempre em bons cabeleireiros de homem, ou bons barbeiros, como vocês lhe quiserem chamar, e eu sou muito mau fisionomista, não reconheço as pessoas, também é uma coisa que se se sabe, e eu lá ia ao salão brásilia, entrava, sentava-me, ouvia aquelas conversas e saía e pronto, de facto tanto fazia, aquilo não era mal cortado e tal, até que um dia entrei e apareceu-me lá um senhor também que já lá devia estar há bastante tempo, mas eu não sabia, estava um pouco mais mal vestido, parecia-me assim que devia estar a aprender o ofício e que me cortou o cabelo com muito empenho, um empenho extraordinário, e fiquei intrigado. Disse, bom! este está a fazer a sua carreira aqui nesta barbearia de luxo”, mas gostei, porque a gente, há uma coisa que a gente sente, como a gente sente se o dentista é bom ou mau, se o barbeiro é bom ou mau, a gente sente a forma como as mãos mexem, os gestos, todo esse ritual acaba por se transmitir. Ó Jaime, isto é, ou não é verdade? Jaime onde é que está o Jaime? É ou não é verdade, o Sr. Henrique Cardoso, enfim que ele partilha comigo a amizade e que eu recomendo e o Jaime faz o sacrifício por pagar uma fortuna pelo corte de cabelo, mas é verdade. Bom, e à segunda vez fui à procura do Sr. Henrique Cardoso, mas eu não o conhecia, caí noutro... Até que consegui resolver o problema pegando no telefone e ligando para lá: “olhe! há um Senhor...”, já sabia o nome, o Senhor Henrique Cardoso e pergunta-me assim: “mas qual?”, e eu fiquei à rasca, “o que usa óculos, ou o que não usa óculos?”, “não sei” até que disseram: “é aquele que fala pouco?”, “é esse mesmo!” E então lá fui cortar o cabelo ao Senhor Henrique Cardoso, uma vez, segunda vez, à terceira vez ele não falava, eu não falava, estávamos bem, óptimos, ouvíamos aquela conversa do Sr. que pegava no telemóvel e ligava para casa a dizer que chegava 5 minutos atrasado, o Senhor. que falava das cotações da bolsa, o Senhor que falava do motor fora de bordo que tinha no Algarve e um coiso em Vilamoura... é uma coisa fina. E a certa altura ele estava-me a cortar o cabelo e eu abri as hostilidades, digamos, e perguntei-lhe assim, vocês estão a ver um gajo sem óculos com o espelho à frente, o outro atrás, e perguntei-lhe assim: “o Senhor gosta da sua profissão?”, e oiço esta voz atrás de mim, e diz assim: “detesto!” Eu fiquei, isto é rigorosamente verdade, o Senhor Henrique Cardoso existe. Eu fiquei, bom, aguardei um bocadinho, e voltei e disse: “mas o senhor faz isto com tanto empenho”,

e oiço atrás uma voz que diz assim: “pois, é que assim sou menos infeliz”. Pronto, o Senhor Henrique Cardoso, eu saí de lá aos gritos de alegria, telefonei a vários amigos meus, até ao Manuel Vicente que me censura muito pela minha relação difícil com a arquitectura, e eu acho que o Senhor Henrique Cardoso me resolveu um problema que eu tinha. Verdadeiramente tudo me afasta da arquitectura, até porque eu seria um homem para ser um artesão, um homem que faz as coisas e acaba. Tudo aquilo que está ligado à arquitectura, a sua relação, o arquitecto é a mulher a dias do poder, tudo aquilo que tem em relação ao poder, depois tudo aquilo que passa para a mão dos outros, e a luta que se trava, mete-me muito asco, com o construtor, com o outro, com isto, com aquilo com aqueloutro, são tudo coisas muito derrotantes e que de facto me gratificam muito pouco, e que hoje em dia me cansam muito pouco, mas não é disso que eu estou a falar, das desgraças do exercício da profissão, por amor de Deus, não é isso.

Veio agora para te responder um pouco psicanaliticamente, através da história do Sr. Henrique Cardoso. Isto deve ser raiva filha, não há outra solução, raiva e um pouco farto, porque repara sobretudo os tempos mudaram e hoje em dia, repara, o clima mudou, com a coisa do ozono e tudo, e em Portugal há tantas estrelas, tantas estrelas, tantas estrelas cadentes ou não cadentes, efêmeras ou não efêmeras que a certa altura um gajo tem medo de tanta estrela. Eu não posso deixar de ter medo quando vejo uma revista, a revista Architécti, encher uma página com uma chaminé de tijolo, fico apavorado. Desculpem os senhores, mas sinceramente, porque durante dois anos andei a passar ao pé da chaminé e nunca tinha reparado nela. Isto é rigorosamente verdade, portanto o mundo está um pouco, enfim, tem a perversidade própria. É que de facto ao fim e ao cabo é tentar tirar algum rendimento disto, e que a gente cresça à custa disto, mas isto é uma atitude pessoal, porque eu admito perfeitamente, não vou dizer a estes jovens que aqui estão todos: façam assim e ..., não, não, longe de mim tal ideia, é a minha forma de fazer. Não estou a dizer que é inocente isto que eu mostrei. Podia dizer aquela coisa, que a inspiração me chega quando estou a trabalhar, também é uma frase feita, mas enfim até um caminho destes não sei onde leva, terei todas as dúvidas, porque eu administro dúvidas.

Eu por exemplo eu dou umas aulas em Coimbra e por exemplo, no outro dia havia uma igreja e todos os alunos fizeram uma portazinha alta. Eu fui a todas as maquetes e pus a porta mais alta e dizia, mais alta que Siza Vieira, mais alta que Siza Vieira, a vermelho. Pronto repara, já que põe alta, façam mais alto que Siza Vieira. Também passo a vida a dizer, agora já não, agora já lhes dei, eu aliás ajudo-os para a sua carreira, também é importante, que eles têm de viver, não usem mais carvalho americano, usem castanho, o carvalho americano, ou aquela madeira vermelha acabou de moda, acabou totalmente, já ninguém usa, agora usa-se

castanho. Vem da Tchetchénia, agora está em guerra, mas é verdade, eu não estou a brincar, ou que vem da Rússia, e da Roménia, e vem óptimo castanho, uma madeira que não havia e se deve usar, agora a moda é castanho, o castanho aliás fica muito bem com o aço corten.

De facto a moda é o que passa de moda se vocês quiserem, não sei se isso gratifica, mas também é bom que as pessoas que aqui estão pensem na sua carreira, e a sua carreira, o seu êxito se quiserem junto dos media passa por coisas que enfim, cada um terá que se orientar neste mundo convulso, não nada de olhem assim, eu sou muito bom façam assim, assim é que devem fazer, longe de mim tal ideia. Sinceramente e honestamente não, aliás até é um caminho que eu muitas vezes tenho dúvidas, um caminho que eu tenho muitas vezes perigoso, e Nuno Arenga, sabes muito bem que muitas vezes temos dúvidas sobre isto. É muito difícil aguentar o contacto comigo, e estão aqui pessoas que podem testemunhar isso, e aguentar esta angústia, o que é? sei lá! Havemos de inventar, olha há de nos acontecer isso e é uma resposta que não dá referências. Isso também queria que ficasse muito claro.

Mas agora não há mais ninguém, bom..., um fracasso.

[Dulce Loução] Não é nada..., isto é que é difícil.

[Vítor Figueiredo] Perguntem-me o trivial, quer dizer.

[João Rodeia] É difícil fazer perguntas, e sobretudo tendo uma pessoa como...

[Vítor Figueiredo] Oh oh! Eu sou um homem simples, o Eça veio da Póvoa para Lisboa, eu vim da Figueira da Foz para aqui, como dizia o John Ford, sou um homem que faz projectos, não é mais do que isso, percebes? Portanto podem fazer as perguntas que quiserem.²²⁶

²²⁶ Figueiredo, V. (2000). Comunicação em Conferência na Faculdade de Arquitectura da Universidade Lusíada de Lisboa.

Referências Bibliográficas

Agarez, R. (coord.). (2016) *Habitação. Cem Anos de Políticas Públicas em Portugal 1918-2018*. 1ª edição, IRHU. Lisboa.

Alarcão, P. (1997). *Trabalho de Síntese. A Materialização do Espaço Interior*. Prova de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica em Arquitectura - Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Alves, J. e Gomes, L (2003). Vítor Figueiredo. *NU*, n.º 13, Outubro. pp. 4-11.

Amaral, R. e Neves V. (2001). Vítor Figueiredo. *Arq.a*, Setembro / Outubro, pp.19-25.

Antunes, P. (2002). Autor do projecto da ESTGAD diz que houve corrupção na obra. *Gazeta das Caldas*, 1 de Novembro, pp. 20.

Arenga, N. (ed.). (2012). *Vitor Figueiredo: fragmentos de um discurso*. 1ª edição, Circo de Ideias. Porto.

Bandeirinha, J. A. et al. (2018). O Fundo Fomento da Habitação de 1969 a 1982: Ordenamento, alternativas e mercado. In: Agarez, R. (coord.). *Habitação. Cem Anos de Políticas Públicas em Portugal 1918-2018*. 1ª edição, IRHU. Lisboa. Capítulo de Livro. pp.235-279.

Byrne, G. (2012). *Um discurso intrigante*. In: Arenga, N. (ed.). *Vitor Figueiredo: fragmentos de um discurso*. 1ª edição, Circo de Ideias. Porto.

Capello, M. B. C. (2006). *Recepção e difusão da arquitetura moderna brasileira nos números especiais das revistas especializadas europeias (1940-1960)*. Acedido em: 22 e Março de 2019 em: http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/000_M20-RecepcaoEDifusaoDaArquitetura-ART_maria_beatriz_cappello.pdf

Carmo, V. (2012). *A Organização dos Arquitectos Modernos (ODAM) e o Porto dos anos 50*. Intermedia Review 1. Génération de 50: Culture, Littérature, Cinéma. nº1, 1ère série, Novembre 2012, pp. 43-54. Acedido em: 30 de Março de 2019 em: <https://reviewingintermedia.files.wordpress.com/2012/12/a-organizacao-dos-arquitectos-modernos-pdf.pdf>

Dias, M. G. e Colaço, I. (1993). Vítor Figueiredo. *Arquitectura e Decoração*. RTP2, 10 de Março. Acedido em: 2 de Março de 2019 em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/vitor-figueiredo/>

Dias, M. G. (1995). Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha. *Ver Artes*. RTP2, 21 de Setembro. Acedido em: 2 de Março de 2019 em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/escola-superior-de-arte-e-design-das-caldas-da-rainha/>

Dias, M. G. (1996). Novas Instalações da Universidade de Évora no Pólo da Mitra. *Ver Artes*. RTP2, 14 de Março. Acedido em: 2 de Março de 2019 em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/novas-instalacoes-da-universidade-de-evora-no-polo-da-mitra/>

Dias, M. G. (2001). Choro dos Arquitectos. *Jornal dos Arquitectos*, n.º 199, Janeiro / Fevereiro, pp. 25-33.

Figueiredo, V. (1959). *Habitação em S. João do Estoril*. Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto (CODA) – Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Acedido em: 30 de Março de 2019 em: <https://hdl.handle.net/10405/48143>

Figueiredo, V. e Pinto, J. F. (1991). Igreja de Albergaria dos Fusos. *Architècti*, n.º 11 / 12, Outubro / Novembro Dezembro, pp. 71-73

Figueiredo, V. (1996). Comunicação em Conferência na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

Figueiredo, V. (2000). Comunicação em Conferência na Faculdade de Arquitectura da Universidade Lusíada de Lisboa.

Freire, D. e Borges, P. N. (2018). O problema da habitação rural: debates e políticas públicas durante o Estado Novo, Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Lisboa. In: Agarez, R. (coord.). *Habitação. Cem Anos de Políticas Públicas em Portugal 1918-2018*. 1ª edição, IRHU. Lisboa. Capítulo de Livro. pp.119-159.

Goodwin P. L., Kidder G. E. (fotografia) (1943). *Brazil builds: architecture new and old 1652-1942*. Acedido em 20 de Março de 2019 em:
https://www.moma.org/documents/moma_catalogue_2304_300061982.pdf

Gonçalves, R. e Santos, D. V. (1999). *Entrevista a Vítor Figueiredo. Documentos de Arquitectura*, n.º 2.

L'Architecture d'Aujourd'hui (1947). Brésil. *L'Architecture d'Aujourd'hui*, número especial, 13-14, Setembro.

Lei n.º 2092 de 9 de Abril. Diário do Governo n.º 72/1958, I Série. Presidência da República. Lisboa.

Maldonado, V. e Borges, P. (2015). *Vítor Figueiredo. Projectos e obras de habitação social 1960-1979*. 1ª edição, Circo de Ideias. Porto.

Marques, L. (1999). *Habitação de Standard Mínimo*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Coimbra.

Mello, D. C. (1979). Vítor Figueiredo / Arquitecto. *Arquitectura*, n.º 135, Ano I (4ª série), Outubro, pp. 25-55

Milheiro, A. V. (1999). “Não sou um apaixonado por arquitectura”. *Público*, 21 de Janeiro, pp. 24-25.

Narciso, N. (1999). Vítor Figueiredo, o Arquitecto da ESTGAD. *Gazeta das Caldas*, 22 de Janeiro, pp. 11.

Oliveira, F. R. R. (2012). *Habitações Económicas – Federação de Caixas de Previdência. Casas de Renda Económica em Coimbra*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra. Acedido em: 3 de Abril de 2019 em: <http://hdl.handle.net/10316/20827>

Pinto, J. F. (1994). *Percursos de Carreira*. Conselho Directivo Regional Sul da Associação Arquitectos Portugueses. Lisboa.

Silva, J. M. F. (1999). Todos os Riscos. *Arquitectura e Construção*, n.º 6, Abril. p.110-114

Tavares, M. (2010). *HE.FCP: uma perspectiva estratégica [nos anos 50 e 60 em Portugal]*. Comunicação no 1º Congresso Internacional de Habitação no Espaço Lusófono. ISCTE, Setembro 2010. Lisboa. Acedido em: 3 de Abril de 2019 em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77919/2/97468.pdf>

Tavares, M. e Duarte, J. M. C. (2018). O Arrendamento Social Público (1945-1969). In: Agarez, R. (coord.). *Habitação. Cem Anos de Políticas Públicas em Portugal 1918-2018*. 1ª edição, IRHU. Lisboa. Capítulo de Livro. pp.197-233.

Zúquete, R. (2000). *Ensaio sobre Habitação Social, Portugal 1950/80, uma análise dialógica*. Tese de Doutoramento. Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona da Universidade Politécnica da Catalunha.